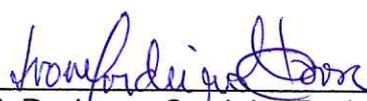


UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ADOLFO CAMINHA E RODOLFO TEÓFILO:
A CIDADE E O CAMPO NA LITERATURA
NATURALISTA CEARENSE**

Manoel Carlos Fonseca de Alencar

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:


Prof.^a Dr. Ivone Cordeiro Barbosa
(orientadora)


Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves

Fortaleza,
junho de 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ADOLFO CAMINHA E RODOLFO TEÓFILO:
A CIDADE E O CAMPO NA LITERATURA
NATURALISTA CEARENSE**

Manoel Carlos Fonseca de Alencar

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós graduação em História da Universidade Federal do Ceará para obtenção de mestre em História Social, sob orientação da Profa. Dra. Ivone Cordeiro Barbosa.

Fortaleza,
junho de 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ADOLFO CAMINHA E RODOLFO TEÓFILO:
A CIDADE E O CAMPO NA LITERATURA
NATURALISTA CEARENSE**

Manoel Carlos Fonseca de Alencar

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

Ivone Cordeiro Barbosa
(orientadora)

Maria do Rosário da Cunha Peixoto

Frederico de Castro Neves

Fortaleza,
junho de 2002

Ficha Catalográfica

A353a Alencar, Manoel Carlos Fonseca de.
Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense / Manoel Carlos Fonseca de Alencar. – Fortaleza, 2002.
143 p.

Orientador: Ivone Cordeiro Barbosa
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará

Caminha, Adolfo – Crítica e interpretação; Teófilo, Rodolfo – Crítica e interpretação; História e Literatura 4. Campo 5. Cidade; I. Barbosa, Ivone Cordeiro; II. Universidade Federal do Ceará; III. Título

Dedicatória

À minha mãe
dedico essa dissertação
e uma parte de minha vida.

E à minha avó
dedico esse meu poema:

Minha avó

*Entre todas as minhas lembranças
Uma deita-se e balança na rede.
Range, range, range...
Na tarde calma.*

*Nada, no velho casarão, se esconde;
Mesmo entre as páginas
De antigas enciclopédias empoeiradas
Repousa a paz inconfundível de Deus.*

*Minha avó,
Entre distração e lucidez,
Brinca de viver um mesmo tema:
O pincel contorna a terra natal.*

E se eterniza nas pedaladas da máquina de costura.

e a outra parte.

Agradecimentos

A gratidão é um sentimento que deve ser cultivado.

Sou sinceramente grato ao meu pai, meus avós e aos meus irmãos, Geová, Helenira e Rocilda, e às minhas queridas sobrinhas, Maiara e Heloísa;

aos meus parentes, tios, tias, primos, em especial à tia Firmina

à minha querida orientadora Prof. Dr. Ivone Cordeiro Barbosa, pela compreensão e carinho;

ao Prof. Dr. Eurípedes Antônio Funes, por ter acompanhado a minha trajetória com muito zelo;

aos outros professores do Departamento de História, por sua competência e compromisso com o fazer historiográfico, e aos funcionários, pelo afeto e atenção;

aos bons amigos “Cavaleiros das Tormentas”, Augusto, Carlos Jorge, Marcílio, em especial ao primeiro, que conhece como ninguém os últimos detalhes dessa árdua empreitada, e saudosos membros do Movimento “Phulerista D’Alhures”, Eduardo, Rubens, Gleudson;

e aos bons interlocutores e amigos Tyrone e Sander; e ainda aos companheiros, Robson, Josiane, e sua filha Vitória, João Emiliano e Paulinho, pelos meses de batalha nas frias terras sulistas.

CEMITÉRIO

mi
se
ri
cor
di
osi
ssi - ma - men - te
misericordiosi
misericordiosi
 osi
 osi
 ssimamente

mi
se
ri
cor
di
osi
ssi - ma - men - te
misericordiosi
misericordiosi
 osi
 osi
 ssimamente

o cemitério é geral
a morte nos faz irmãos
tu nessa idade e não sabes
tudo é sertão e cidade
tudo é cidade e sertão
campina grande - vereda geral
eh ! vila eh ! cidadão
campina grande - vereda geral
eh ! civilização

tudo é interior
tudo é interior
tudo é interior
 interior
 interior
 inté a capital
 que babiloniou

tudo é interior
tudo é interior
tudo é interior
 interior
 interior
 inté a capital
 que babiloniou

Belchior
(LP "A Palo Seco", 1974)

Resumo

Este trabalho analisa as relações entre o campo e a cidade na literatura naturalista cearense, mas particularmente, nas obras de Adolfo Caminha: *No País dos Ianques*, *A Normalista* e *Tentação*; e nas de Rodolfo Teófilo: *A Fome*, *O Paroara* e *Os brilhantes* e *Varíola e Vacinação no Ceará*. Estes dois intelectuais viveram num momento de mudanças intensas na realidade brasileira e procuraram, através das suas obras, posicionar-se com relações às transformações ocorridas no campo e na cidade.

Abstract

This work analyses the relations between the country and the city in the naturalistic literature of the Ceará, particularly at the Adolfo Caminha books : No país dos ianques, A normalista and Tentação; and at the Rodolfo Teófilo books : A fome, O paroara, Os brilhantes e Varíola e vacinação no Ceará. These two intellectuals lived in a moment of great changes in Brasil and pursued, in their works, to act about the transformations in the country and the city.

Sumário

Introdução	9
1º CAP. – As Letras Cearenses: os movimentos literários do final do século XIX no Ceará e seus projetos sociais de civilização	20
2º CAP. – Adolfo Caminha: os dramas da civilização	52
2.1 – “No Pais dos lanques”: o fascínio do progresso	54
2.2- “A Normalista”: um olhar educado sobre a província	65
2.3 – “Tentação”: do fascínio à desilusão	89
3º CAP. – Rodolfo Teófilo: o campo e a cidade	100
3.1 – O homem do Sertão: entre o ideal e a raça	106
3.2 – O Sertão invade a Cidade: os retirantes da seca e a cidade de Fortaleza	119
Conclusão	131
Fontes básicas	134
Bibliografia	135

Introdução

A literatura é uma porta importante para se compreender as sensibilidades de uma época. Atualmente, os historiadores se voltam cada vez com mais interesse para as relações entre a história e a literatura. Esses dois campos, que haviam sido separados por exigências de uma ciência histórica – preocupada em delimitar um campo propriamente historiográfico, que se baseasse numa pretensa cientificidade da História, contrária ao que fosse imaginação ou ficção, – contemporaneamente têm sido alvo de um frutífero debate que busca estabelecer quais as suas interseções, seus cruzamentos e mediações¹.

Esses cruzamentos, interseções e mediações têm se dado por vários caminhos; a seguir pontuo sinteticamente alguns e defino algumas escolhas. Os estudos que versam sobre os movimentos literários e seus projetos sociais, as suas forma de inserção social, as revistas literárias, o mercado editorial, como é o caso de Robert Darnton², nos Estados Unidos, e Nicolau Sevcenko³ no Brasil. Estudos que tomam o próprio conteúdo do discurso literário e seus elementos de descrição, trama e personagens, como portadores de historicidade. Nesse caso podemos destacar vários: Raymond Williams⁴ e Ian Watt⁵ na Inglaterra; no Brasil, temos os estudos de Robert Schwarz⁶, Sandra

¹ Ver: KRAMER, Lloyd S. "Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra". In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-130

² DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 21 a 184 ; *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia da Letras, 1990, p. 259 a 283; *Boêmia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. (4ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1995. Ver também: PEREIRA, Leonardo Miranda, "'Geração Boêmia' no Rio de Janeiro no Fim do Império". In: *História Social*. Campinas: Editora da Unicamp/IFCH, 1994.

⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989; *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

⁵ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Cia das letras, 1990.

⁶ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. (4ª ed.) São Paulo: Duas Cidades, 1992.

Jatahy Pesavento⁷, Sidney Chalhoub⁸, Ivone Cordeiro Barbosa⁹, Maria do Rosário da Cunha Peixoto¹⁰, entre outros.

Podemos destacar também os estudos que tratam da materialidade dos livros, como suas circulação, editoração, as formas de leitura – levados a frente por Roger Chartier¹¹. E, finalmente, estudos que procuram compreender os elementos ficcionais embutidos no próprio discurso histórico, como é o caso de Hyden White.¹² É importante ressaltar que esses campos não estão completamente apartados e, normalmente, os historiadores transitam em um e outro, de forma que uns têm servido para o aprofundamento e esclarecimento dos outros.

Este trabalho se insere naquele cruzamento em que os historiadores procuram estudar os discursos ditos ficcionais como uma importante fonte na revelação do passado. Ele se coloca precisamente nessa interseção entre a história e a literatura porque busca compreender de que forma a literatura naturalista cearense do final do século XIX representou as relações entre o campo e a cidade. Esta delimitação, contudo, não me impediu de cruzar os discursos ficcionais – os romances que analisei – com outras fontes da época; mais especificamente, os jornais e revistas literários, as obras de história e memória, e a crítica literária dos autores que estudei e de outros autores, seus contemporâneos. O recurso a essas obras, ditas não ficcionais, não intenta buscar nas mesmas confirmar ou desconfirmar o discurso literário e, sim, enriquecer e esclarecer melhor os complexos posicionamentos dos autores que escolhi estudar frente aos modos de vida no campo e na cidade. Esse ponto é

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias sobre o urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1999; “Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano”. *Revista dos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, vol. 8, nº 16, 1995.

⁸ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁹ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

¹⁰ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *E as Palavras têm Segredos: imagens da criança na literatura infantil brasileira de resistência (1970-1990)*. Tese de Doutorado: USP, 1997.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990; *A ordem dos livros*. São paulo: Cia da Letras, 1999; *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED, 2001; “Textos, impressão, leitura”. In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹² Ver: *Revista de História*. nº 2 e 4, primavera de 1991. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1991; WHITE, Hyden. “Teoria literária e escrita da história”. In: *Revista Brasileira de História*, nº 13, janeiro/junho de 1994, AMPUH/ Marco Zero.

particularmente importante com respeito ao realismo-naturalismo se tivermos em conta que suas obras apresentavam um claro sentido de denúncia social¹³. Desta forma, os autores aqui tratados não apenas buscaram representar as relações entre o campo e a cidade, mas se viam na obrigação de julgá-los, de posicionar-se; e suas obras estão claramente marcadas por um sentido explícito de projetos sociais.

É importante deixar claro que nos encontramos em dois momentos precisos da história e da literatura cearenses. Este estudo refere-se, particularmente, ao final do século XIX, que apresentou uma realidade histórica específica com respeito à relação entre o campo e a cidade. Analiso de que forma o realismo-naturalismo buscou representar essa relação. Essas delimitações são importantes para que não passemos da particularidade do nosso objeto para generalizações históricas sobre a relação entre o campo e a cidade. Nem todos os atores sociais coetâneos de Rodolfo Teophilo e Adolfo Caminha portavam as suas visões de campo e cidade, nem estavam imbuídos do mesmo espírito científico e letrado, muito menos lidavam com esses dois modos de vida como realidades orgânicas capazes de comportar generalizações; ou melhor, a noção de que o campo e a cidade representavam uma realidade como um todo, que fosse possível classificar, qualificar, estudar e julgar. Muito provavelmente um negro liberto, pobre, que morava na periferia de Fortaleza, inserido em uma particularidade histórica e social, não tinha a mesma ordem de preocupações que um homem branco, letrado e possuidor de certos cabedais. Se este negro sentiu em algum momento o que seria a necessidade de uma cidade ordenada e salubre, por exemplo, ele a sentiu através das campanhas que as autoridades locais levaram a cabo no sentido de enxotá-lo do centro da cidade e das que visavam vaciná-lo autoritariamente, desrespeitando sua diversidade cultural. Da mesma forma, a noção de que os homens do campo eram puros, honestos e ingênuos, dificilmente é um julgamento destes sobre si mesmo. É nesse sentido, o de particularizar a experiência histórica, que a noção de representação social é importante. A partir dela podemos atribuir os discursos a sujeitos sociais precisos e nos

¹³ A compreensão do sentido de denúncia social no realismo naturalismo cearense do final do século XIX devo livro de BARBOSA, Ivone Cordeiro. Op. Cit. Ver também: CARDOSO, Gleudson Passos. *A República das Letras Cearenses: literatura, imprensa e política (1873 – 1904)*. Dissertação de Mestrado em História: São Paulo, PUC, 2000.

questionarmos sobre o lugar de onde parte esse discurso. Segundo Roger Chartier:

Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social, entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua intenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser 'apreendido' constitutivo da sua identidade¹⁴

As relações entre o discurso e a realidade histórica são móveis e imprecisas. No caso específico da literatura, ela não procura criar uma esfera separada da realidade, mas busca significá-la, e, no caso do naturalismo, busca hegemonizar, entre outros discursos, a sua forma particular de representar essa realidade. Essas relações se tornam ainda mais mediadas porque é só a partir da compreensão de uma determinada demanda imaginária que é possível uma obra ressoar socialmente, ou melhor, circular e ser lida¹⁵. Da mesma forma, apesar das relações entre o campo e a cidade serem historicamente formadas¹⁶, os sentidos das continuidades e das rupturas dessas representações estão longe de ser precisos. O que eu estudei nesse trabalho foi um tema bem específico, tanto no tempo quanto no espaço. A minha pergunta fundamental é: como dois escritores, Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo, no final do século XIX, tendo como referência a cidade de Fortaleza e o sertão do Ceará, representaram esses dois espaços e suas relações. Isso, contudo, não quer dizer que eu desacredite na continuidade e

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990. p. 23

¹⁵ Embora reconheça a importância dessa discussão não vou tratar especificamente desse tema, pois não trabalho com a estética da recepção; ou melhor, não me preocupei, nesse trabalho, em compreender a forma como os leitores de alguma forma direcionam ou pressionam a criação artística, rompendo com a idéia de escritor universal e criativo, livre de determinações sociais. Faço essa referência para que possamos compreender que entre a obra literária e a realidade histórica existem múltiplas mediações que se faz necessário sublinhar. Existe uma boa exposição de como os estudiosos têm trabalhado com o tema em: WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Op. Cit.; WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. Op. Cit.

¹⁶ Williams faz uma longa discussão a esse respeito. De acordo com ele, apesar de uma certa permanência e recorrência da noção de uma Inglaterra rural tradicional e edênica, e só colocando esse problema em perspectiva histórica que é possível desconstruir essa noção. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Op. Cit.

na permanência na ordem do imaginário¹⁷ e, sim, que devemos historicizar nossos temas e situá-los em espaços específicos, de forma que possamos compreender as transformações sociais e a complexidade histórica. Talvez nos identifiquemos com muitos dos temas com que os autores estão tratando, mas isso não significa que exista uma linha direta que os traga até nós. As relações entre campo e cidade se modificaram material e simbolicamente, e, nesse longo espaço de mais de um século, essas relações concretamente se transformaram e suas representações foram reapropriadas e re-significadas.

A inspiração para estudar esse tema eu encontrei na própria leitura dos romances naturalistas cearenses do final do século XIX. Os seus enredos estão a todo momento relacionando e confrontando o campo e a cidade, a província e a capital federal, as cidades menores e as metrópoles. Ou melhor, seus personagens transitam entre esses espaços, vão do sertão à capital da província, ou da província à capital federal, e no caso de Adolfo Caminha, ele próprio foi a Nova Iorque e escreveu um relato de viagem. E no trânsito desses personagens não há apenas a saída de um lugar para o outro, e sim o confronto entre modos de vida diferentes, as tensões e as diferenças entre quem vive no sertão e quem vive na província, entre quem vive na província e quem vive no Rio de Janeiro. Mas vale ressaltar que tomei como principal referência teórica para compreender essas relações o estudo de Raymond Williams, *O campo e a cidade na história e na literatura*. Dois conceitos desse livro me foram muito úteis. O primeiro se refere a *história social do escritor*, que considero melhor formulado na seguinte passagem:

Pois o que é cognoscível não é apenas uma função dos objetos – do que há para ser conhecido – é também uma função dos sujeitos, dos observadores, do que é desejado e se precisa conhecer. É o que temos que ver então, como sempre, na literatura rural, não é apenas a realidade da literatura rural; é também a posição do observador nela e em relação a ela, uma posição que faz parte da comunidade que se quer conhecer¹⁸

¹⁷ Nesse sentido, parece-me interessante o artigo de Edgar de Decca, que tratou dos relatos de massacre na república. A partir de um referente, o relato de um massacre, foi possível criar um referencial para se narrar a experiência de muitos massacres ao longo da república. DECCA, Edgar Salvadori de. "Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história". In: DECCA, Edgar Salvadori de e LAMARCA, Rina (orgs.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da Literatura*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 229

Desta forma, Williams nos remete ao que ele denomina um saber “constituído e constituidor” que possa compreender o autor e sua criação artística não de forma abstrata, mas procurando os elementos de soldagem entre o ser social e a consciência social¹⁹. Trata-se, no meu ver, de reconstituir um sujeito social pleno de experiências e de recolocar a obra literária dentro dos determinantes de uma época. Isso, contudo, não deve ser entendido como nenhum tipo de reducionismo: nem o que considera a obra artística como um reflexo da realidade, nem o que toma a obra como um reflexo da vida do escritor. Nesse sentido, me parece muito útil um outro conceito do autor, o de *estrutura de sentimento*:

Falamos de elementos característicos do impulso, contenção e tom; elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimento em contraposição a pensamento, mas de pensamento tal como sentido, e sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente numa continuidade viva e inter-relacionada. Estamos definindo esses elementos como uma ‘estrutura’: como relações externas específicas, ao mesmo tempo engendradas e em tensão.²⁰

Essa definição me parece importante porque estou tratando de um processo em transformação, qual seja, a inserção mais efetiva do Ceará dentro do capitalismo em sua fase imperialista e um conjunto de mudanças acarretadas localmente; dentre elas, o visível crescimento da cidade de Fortaleza e as reações e tensões advindas com a constituição desse viver urbano. E, ainda, de que forma esse viver em cidade leva Teófilo e Caminha a se remeterem sempre a um modo de vida que eles acreditavam ser opostos ao modo de vida no campo. Assim, esse processo acelerado de transformações no modo de vida dos homens que estavam no final do século XIX está relacionado a uma *estrutura de sentimentos* com respeito ao campo e à cidade, e os autores escolhidos procuraram pensar, dar resposta e intervir socialmente nesse processo; mas essas transformações também se internalizaram

¹⁹ Ver: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

²⁰ Idem, p. 134. Além de “Campo e Cidade na História e na Literatura” podemos ver como o autor trata esses elementos, na sua obra “Cultura e Sociedade”, que analisa a criação literária inglesa frente ao industrialismo. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. Op. Cit.

profundamente nesses sujeitos históricos, que tanto viram, viveram, como sentiram essas transformações ocorridas no final do século XIX.

A escolha dos dois autores se dá porque, apesar de muitos pontos em comum, Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha deram força a determinados aspectos dessa *estrutura de sentimentos* que se forjaram em torno do campo e da cidade. Na apresentação a seguir dos capítulos tentarei esclarecer melhor o que quero dizer.

O primeiro capítulo intitula-se **“As letras cearenses: os movimentos literários do final do século XIX no Ceará e seus projetos sociais de civilização”**.

Neste capítulo busquei compreender, através do estudo dos jornais literários e das obras críticas do e sobre o período, de que forma os movimentos literários ligados ao naturalismo na província moldaram seus projetos de civilização. Procurei mostrar que projeto oncivilizatório tem seus desdobramentos não só em obras ficcionais, mas marcou profundamente um modo de pensar e se postar diante da realidade, compartilhada pelos movimentos literários ligados ao naturalismo²¹. Assim, quis reforçar a idéia de que é importante compreender os discursos sociais relacionando-os com o lugar social de onde eles partem. Penso que seja necessário resgatar um contexto literário que revitalize a idéia mesma de que os literatos procuraram intervir socialmente e hegemonizar um discurso científico e literário. Desta forma, trata-se de reconstituir a sociabilidade dos grupos literários e tentar entender a forma como eles pensavam sua própria intervenção, quais as tarefas que eles se impunham, e de que forma eles mobilizaram suas forças no sentido de ver realizados seus projetos. Nesse sentido, analisei três jornais

²¹ Além de um razoável número de trabalhos feitos localmente por críticos literários, temos a dissertação de Mestrado em História de CARDOSO, Gleudson Passos. Op. Cit. Podemos destacar outros estudos importantes: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. Op. Cit. 1995; VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadendistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder: o pensamento social cearense no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 1998; BARBOSA, Ivone Cordeiro. Op. Cit.

literários e científicos – *Fraternidade, A Quinzena e O Pão* –, que foram importantes na conformação do naturalismo cearense. O estudo destes jornais nos revela que os romances analisados nos capítulos posteriores foram fruto de um intenso debate entre os letrados, e que, mais do que escolhas aleatórias, os elementos que delineiam esses romances foram resultantes de projetos políticos e sociais; ou melhor, os escritores naturalistas compartilhavam determinadas visões dos processos históricos e procuravam com as suas obras literárias propagandear essas visões. Em Rodolfo Teófilo esse ponto se torna patente, pois ele normalmente se refere a fatos e sujeitos precisos da história, procurando denunciar aqueles de quem discordava. Já os romances de Adolfo Caminha têm sentidos mais difíceis de serem descortinados, mas não deixam de representar uma posição política bem formada do autor.

Procurei dar respostas à perguntas tais como: de que forma esses literatos concebiam o papel do saber – podemos destacar o científico – e sua relação com as idéias de civilização e progresso que tanto propalavam? Como esses literatos sentiram a tensão entre a compreensão de uma realidade local e um modelo europeu de pensar essa realidade? De que forma os projetos de civilização dos literatos se vinculam a outros projetos políticos e sociais, como é o caso da República ou do Abolicionismo, visto que a maioria participou diretamente das campanhas abolicionistas e republicanas?

Existem ainda outras perguntas que podem ser feitas de modo a esclarecer melhor o nosso estudo das relações entre o campo e a cidade na literatura naturalista cearense: de que forma a idéia de civilização está ligada à idéia de cidade e como ela se coloca diante do modo de vida no campo? Como as idéias de *meio, raça e momento*²², e de determinismo natural e social, influenciaram diretamente as formas de pensar os modos de vida no campo e na cidade?

Enfim, esse capítulo busca compreender o naturalismo como um movimento literário que, em contato com a realidade histórica no século XIX,

²² Esses são conceitos que os próprios naturalistas usavam na intenção de mostrar que suas obras ficcionais tinham um caráter científico. Além de propor que suas obras eram romances de costumes, eles afirmavam que se constituíam como verdadeiros estudos do comportamento. Desta forma, eles elegeram o “meio, a raça e o momento” como determinantes desses comportamentos que pretendiam analisar.

elaborou modelos no sentido de explicá-la. E mais, o quanto esses modelos foram motivo de um intenso debate entre as camadas médias e letradas, e como se construíram dentro de um contexto de tensionamento e mudança.

O segundo capítulo intitulei “**Adolfo Caminha: os dramas da civilização**”. Neste, estudei, a partir de No país dos lanques, A Normalista e Tentação, romances de Adolfo Caminha, o quanto este autor dá força a uma determinada *estrutura de sentimentos* com respeito às cidades do século XIX. Parti da trajetória do autor – que viajou para os Estados Unidos, residiu em Fortaleza por quatro anos e passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro – para entender como as noções de progresso e civilização se impunham aos intelectuais do século XIX e o quanto serviam de parâmetro comparativo no julgamento da cultura de um povo. Assim, pude perceber que Adolfo Caminha denunciava severamente o provincianismo da capital cearense porque tinha como referência uma idéia de metrópole moderna – a Nova Iorque que ele visitou – que estava longe de ser a realidade de Fortaleza. Em A Normalista” encontraremos esses traços que diferenciam uma metrópole de uma cidade pequena. Por fim, procurei compreender em Tentação como Adolfo Caminha compara o Rio de Janeiro com Fortaleza e, também, como ele sofre um processo de desilusão com a forma como foram assimilados os valores civilizados por uma elite brasileira, que se apegou à aparência do processo civilizador, mas mantinha práticas cotidianas típicas de um país atrasado.

No terceiro capítulo, intitulado “**Rodolfo Teófilo: o campo e a cidade**”, analisei as obras de Rodolfo Teófilo, A Fome, Os Brilhantes, Paroara e Variola e Vacinação no Ceará, no sentido de mostrar que ela traz à tona uma outra *estrutura de sentimentos* com respeito às relações entre a cidade e o campo. Os seus romances estão muito marcados pela interseção entre um saber médico e um saber literário. A maioria da sua obra é voltada para a compreensão das secas no Ceará no final do século XIX e de que forma estas desequilibram os modos de vida no campo e na cidade. Nesse sentido, de sua obra emerge com uma força espetacular uma cidade monstro, tomada pelas epidemias e pela morte. Sua obra busca identificar os males causados pelas aglomerações urbanas e pela leva de retirantes que tomavam conta da capital

da província em tempos de seca. Problemas que eram muito comuns nas cidades do final século XIX, como a miséria, a epidemia, o furto etc., em Fortaleza tomaram dimensões assombrosas devido a seca. E o que parece ainda mais conflitante, esse fenômeno atinge o Ceará, e particularmente Fortaleza, num momento em que as elites locais, e com elas os movimentos literários, carregam um visão otimista com respeito à constituição de uma cidade civilizada e progressista. Se a seca se apresentava como natural para Rodolfo Teófilo, ela se tornou um sério problema social: como pensar uma cidade civilizada e progressista, se a todo momento existia o perigo iminente de se ver tomada por multidões de retirantes maltrapilhos, famintos e doentes?

Esse capítulo será organizado em dois itens. O primeiro item busca compreender como Rodolfo Teófilo representa o sertão cearense e seu modo de vida antes da seca. Percebi uma forte carga de idealizações do sertanejo como homem forte, sadio, honesto e trabalhador. Nesse momento ele parece ser completamente diferente do habitante da cidade, que é, por índole, vicioso, superficial, mundano etc. Desta forma, o campo e a cidade aparecem como duas realidades separadas e até opostas, em que o primeiro comporta uma visão edênica, e a segunda é submetida a uma dura crítica social. Procuro ainda compreender de que forma Rodolfo Teófilo pensava a seca como um fenômeno natural que era capaz de mudar por completo o caráter do indivíduo. Ou melhor, a seca é um estado anormal que leva os indivíduos à ações inusitadas: isso de alguma forma explicava os saques e a selvageria, que Rodolfo Teófilo considerava instintivos. Devido à seca, os sertanejos perdem a sua humanidade e passam a agir como animais em busca de sobrevivência. Intentei compreender como as noções de “raça, meio e momento” serviram como elementos da explicação “científica” de Teófilo, e o quanto esses elementos tinham um caráter autoritário e preconceituoso.

No segundo item procuro entender de que forma Rodolfo Teófilo procurou dramatizar a presença dos retirantes na cidade. Acredito que a sua forma de pensar essa presença está marcada por uma série de discursos que nutriam a idéia de uma cidade progressista e civilizada. Tentei compreender a *estrutura de sentimento* em sua obra com respeito à presença dos retirantes na cidade. De que forma eles representavam um perigo para as elites locais?

Como é possível intervir para resolver os problemas que a seca traz para a cidade?

Enfim, acredito que através da obra de Rodolfo Teófilo, é possível colocar em cheque os projetos de civilização dos literatos do século XIX, e entender de que forma eles se constituíram como um saber elitista, autoritário e discriminador.

1º CAPÍTULO

As Letras Cearenses: os movimentos literários do final do século XIX no Ceará e seus projetos sociais de civilização

Na década de 1870, um grupo de jovens intelectuais cearenses, em boa parte formados nas universidades do Recife, tomaram para si a tarefa de mudar o cenário desalentador das letras cearenses. Alicerçados nas novas teorias positivistas e evolucionistas que grassavam na Europa – que no Brasil Silvio Romero e Tobias Barreto foram os grandes divulgadores – esses intelectuais se bateram por novas idéias, cujo sentido era a renovação do pensamento nacional. Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, Thomás Pompeu Filho, Antônio Bezerra, João Cordeiro, entre outros – em sua maioria egressos das tradicionais famílias locais – fundaram em 1873 o periódico chamado *Fraternidade*, através do qual veicularam suas concepções de política, ciência e filosofia. Portadores de ideais visivelmente burgueses, defendiam a separação da Igreja do Estado, a liberdade de crença e expressão; e de uma forma geral eram abolicionistas e republicanos.

Em linhas gerais, o *Fraternidade* divulgou um pensamento anti-clerical. Foi um jornal maçom polêmico que se digladiou contra os jesuítas e o saber religioso, em prol de um pensamento laico, baseado nos princípios da ciência. Através da leitura de intelectuais europeus, como é o caso de Taine, Buckle, Darwin, Spencer, foi possível uma crítica contundente à instituição religiosa e toda a base de poder do Império. Nesse sentido, os intelectuais locais estavam imbuídos de um forte ideal transformador e se colocavam do lado de uma pequena burguesia, formada de pequenos comerciantes e profissionais liberais, que estava ansiosa por alargar sua participação política e modernizar as estruturas do país²³.

²³ Ver: CÂNDIDO, Antônio. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988; AZEVEDO, Sâncio de. *A Academia Francesa do Ceará (1873-1875)*. Fortaleza: Casa José de Alencar; Universidade Federal do Ceará, 1971.

Foi a partir desses intelectuais que se introduziu no Ceará as bases do realismo-naturalismo²⁴. Temos que compreender, pelo menos em linhas gerais, o seu pensamento para entender de que forma ele representou uma nova leitura sobre o campo e a cidade na literatura cearense. É também importante ter em conta que apesar destes intelectuais se munirem de referenciais teóricos europeus, foi no contato com a realidade local que foi possível construir uma leitura do mundo. Desta forma, não cabe a expressão “idéias fora do lugar”²⁵ para compreender a literatura brasileira e cearense do final do século XIX, pois apesar da visível importação das idéias, o confronto destas com a realidade local resultou em um produto original.

O realismo-naturalismo não foi um pensamento isolado, mas fez parte de uma *estrutura de sentimentos* que esteve presente entre os intelectuais do último quartel do século XIX, onde se ligavam, num estranho amálgama, concepções políticas, filosóficas, médicas etc. A característica mais marcante desse pensamento, que se colocava como renovador, é ter erigido a ciência como conhecimento objetivo e imparcial e, por isso mesmo, superior às demais formas de saber. Segundo o *Fraternidade*: “*Pela sciencia somente, penetrando a lei universal, o homem aprende a conhecer-se, adquire a consciencia, o equilibrio de sua força, a plenitude, a certeza de si mesmo*”²⁶. Foram os membros da Academia Francesa que introduziram no Ceará essa leitura cientificista que dali em diante se tornaria uma lente através da qual os letrados procuraram interpretar a realidade local.

²⁴ Segundo Sânzio de Azevedo, apesar da Academia Francesa não ter produzido nenhuma obra literária de vulto, dada a sua tendência mais filosófica do que literária, a sua crítica ao Romantismo lançou as bases do naturalismo no Ceará, “...visto o cientificismo que professavam haver dado origem à corrente realista, e sua conseqüente exacerbação, o movimento naturalista. AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p. 67

²⁵ O conceito foi motivo de uma instigante discussão na década de 70, depois que Roberto SCHWARZ afirmou, a partir do estudo das obras de José de Alencar e Machado de Assis, que o pensamento social no Brasil, por ser importado da Europa, deveria ser tomado como uma ideologia de segunda ordem, ou melhor, se o pensamento liberal escamoteava a dura situação do trabalhadores europeus, no Brasil, ele era completamente deslocado, pois nem liberal era o nosso país, e sim, escravocrata e paternalista. O problema é que Schwarz, ao conceber o pensamento social do século XIX no Brasil como deslocado, desprezou o fato de que esse pensamento orientou a leitura, interpretação e intervenção na realidade brasileira. Ver: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. (4ª ed.) São Paulo: Duas Cidades, 1992. Vários autores questionam o conceito de Schwarz, remeto a um mais recente: PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Tese de doutorado: IFCH-Campinas, 1999.

²⁶ *A Fraternidade*. Fortaleza, 4 de novembro de 1873, nº 1, Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, rolo 151.

Essa crença desmedida na ciência tem um conjunto de desdobramentos nas leituras e posturas desses intelectuais diante da realidade brasileira. Legitimados pela ciência, justificavam suas posições contra o poder estabelecido, em prol de uma nova ordem. Segundo eles, a República era um estágio mais avançado que a Monarquia. Nesse sentido, as elites imperiais estavam impedindo o desenvolvimento natural das coisas. Era necessário negar essas elites, e a história estaria do lado de quem as negasse. O evolucionismo e o positivismo foram as teorias nas quais se baseavam para legitimar essa visão. A história tende a progredir, a humanidade a se aperfeiçoar, tudo estava submetido a uma lei geral da transformação onde os estágios se sucedem num *continuum*. Negar essa linha evolutiva era negar a ciência e a ordem natural das coisas. Impregnado de uma linguagem científica, num dos artigos do *Fraternidade*, se afirma: “*Resulta de tudo que a imobilidade é uma negação da vida, na ordem physica e na ordem moral*”. No mesmo artigo, logo à frente:

Uma verdade agora foi o absurdo d’outrora, e vice-versa; tudo pela lei fatídica das transformações, pela qual a vida vegetativa se dá a agregação e a desagregação das moléculas; na vida intellectiva igual phenomeno, entre os atomos da sciencia humana.²⁷

Como fica claro, a sociedade comporta leis semelhantes às leis do mundo natural. Transplantadas as leis da natureza para a sociedade, a conclusão era de que, se na natureza existia uma constante transformação em direção ao aperfeiçoamento, da mesma forma a humanidade se aperfeiçoaria através de uma linha evolutiva, em direção ao progresso e à civilização.

August Comte²⁸ e sua teoria dos três estágios – teológico, metafísico e positivo – caiu como uma luva nos seus anseios de mudança. Até aquele momento o Brasil vivia sobre o estágio metafísico, ligado aos valores religiosos e monárquicos. Caberia aos homens de ciência lutar pela instauração de uma nova ordem – o estágio positivo – em que vigorasse os valores da ciência e da verdade, que “...*representa a idade madura sem as illusões dos primeiros*

²⁷ *Fraternidade*. Fortaleza, 30 de junho de 1874, nº 32, Op. Cit.

²⁸ August Comte (1798-1857). Filósofo francês, fundador de uma das mais importantes escolas filosóficas dos séculos XIX e XX: o positivismo. Sua doutrina teve grande influência na implantação da república no Brasil. A divisa da bandeira brasileira ‘Ordem e Progresso’ é comtiana.

annos...”²⁹. Assim, esses intelectuais acreditavam que o século XIX era, por excelência, o século da ciência. “*O século XIX teve felizmente a glória de descobrir a lei progressiva dos povos e de lançar as bases para a religião universal e talvez eterna – o culto da sciencia e a veneração do genio*”³⁰.

Angel Rama atentou para fato de que, em territórios americanos, nesse período de negação dos valores conservadores, ligados ao Império e à Igreja, a ciência tomou foros de religião, substituindo-a como verdade inquestionável. Dentro desse nova conjuntura “*competia às cidades dominar e civilizar seu contorno, o que primeiro se chamou ‘evangelizar’, e depois ‘educar’*”³¹ A proposta de laicização do ensino, adequando-o aos novos parâmetros científicos, intentava acabar com o predomínio da instituição religiosa sobre o conhecimento³². O saber científico, então, propiciaria os elementos para o Brasil ingressar em uma nova ordem e os intelectuais da Academia Francesa se incumbiram da tarefa de serem os seus divulgadores em terras tropicais. A palavra ciência aparecia com tanta recorrência no jornal *Fraternidade*, os seus membros a usavam de forma tão fervorosa, que ela assumiu deveras as feições de um culto, sendo os intelectuais os seus pregadores e a palavra professada uma verdade sublime e indiscutível.

Desta forma, para os letrados, aquele era o momento de livrar-se das amarras do passado e ingressar em uma nova era, mais democrática, onde imperasse o progresso e a civilização. “*Nós divergimos dos mestres, que nossos paes nos tinham imposto, e como que nos achamos em uma posição desesperada, que é preciso combater com os mortos para abrir passagem aos vivos*”³³

²⁹ *Fraternidade*. Fortaleza, 18 de novembro de 1873, nº 3, Op. Cit.

³⁰ *Fraternidade*. Fortaleza, 21 de julho de 1874, nº 35, Op. Cit.

³¹ RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.37

³² Ver: OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e poder: o pensamento social cearense no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado: PUC - São Paulo, 1998; CARDOSO, Gleudson Passos. *As Repúblicas das Letras Cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 2000.

³³ *Fraternidade*. Fortaleza, 5 de fevereiro de 1875, nº 53, Op. Cit.

Pode parecer incoerente que intelectuais egressos dos senhores de terra cearenses se manifestem contra a sua própria classe³⁴, em favor da mudança, como é o caso dos membros da Academia Francesa. Mas, nesse período, o Nordeste perdia terreno político e econômico frente às regiões do sul cafeeiro, de forma que, dentro da estrutura fechada do Império, existia um desequilíbrio que, pesado na balança, aumentava ainda mais as diferenças regionais. Tal desequilíbrio fez-se sentir, mais tarde, nos ideais federativos que iam tomando forma entre os republicanos do Nordeste³⁵. O crescimento dos centros urbanos, sobretudo as cidades litorâneas – que serviam de entreposto comercial entre um capitalismo em expansão e os centros consumidores³⁶ - era mais um dos fatores que corroboravam a vontade de construir no Ceará uma sociedade moderna e civilizada. Essa ligação mais estreita com o capitalismo internacionalizado e a decadência da agricultura formam um quadro em que os intelectuais tendiam a defender o aprofundamento das mudanças na direção de uma sociedade burguesa, já que a referência eram países que tinham se desenvolvido tendo por base uma sociedade industrial e urbana³⁷. Essa foi a razão pela qual os intelectuais da dita “geração de 70” não poupavam o verbo ao criticar o poder monárquico e seu excessivo centralismo. Segundo Roberto Ventura:

Os problemas da grande lavoura ou da agricultura de exportação se haviam acirrado na década de 1860. Seus principais fatores foram a extinção do tráfico, que reduziu a oferta de mão de obra escrava, e o declínio dos preços do açúcar, algodão e tabaco no mercado internacional. A crise atingiu sobretudo o Norte e o Nordeste agrários, onde se concentravam as lavouras tradicionais, mas se

³⁴ “Por causa de sua dependência financeira em relação ao emprego público, essas pessoas tinham um interesse material muito concreto na manutenção e expansão da burocracia. Daí não terem sido raros os casos de ‘traição’ ao que se poderia definir como interesse de sua classe de origem. O próprio Joaquim Nabuco é um exemplo dessa ‘traição’, sobre a influência de idéias e ideais bebidos em fontes francesas e inglesas, campeão do abolicionismo”. CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Relume-Dumará, 1996.

³⁵ Walda Weyne nos mostra, ao analisar os jornais nos anos próximos à proclamação da República, que as elites políticas cearenses defendiam uma proposta federativa da República brasileira. Ver: MOTA, Walda Weyne. *Imprensa e Ideologia dos Jornais Cearenses na Transição Monarquia/República*. Fortaleza: UFC/ NUDOC, 1990.

³⁶ HOBBSBAWN, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz & Terra, 1978.

³⁷ Em 1887 no jornal “A Quinzena” Antônio Martins escreveria a respeito da abolição da escravidão em 1884 no Ceará: “A província ficou odiada dos grandes fazendeiros do sul e dos pontífices de todas as greys, enquanto recebia dos confins do mundo civilizado as oblações da humanidade e dos grandes homens admirados.” *A Quinzena*. Fortaleza, 15 de janeiro de 1887.

manifestou também na cafeicultura do Vale do Paraíba, que começava a ser suplantada pelo Oeste e Novo Oeste paulistas. Tais transformações deslocaram o eixo produtivo para o Centro-Sul e trouxeram o despontar de uma nova ordem, com crescente importância da sociedade urbana e cosmopolita.³⁸

O Ceará que tinha conhecido visível crescimento com a produção algodoeira nas décadas de 50 e 60, no começo da década posterior já apresentava sinais de decadência. Esse salto da produção algodoeira se deu devido à Guerra da Secessão, que prejudicou a produção americana e deu espaço a outros países na concorrência internacional deste produto.

No começo da década de 70, com a retomada da produção e exportação americanas do algodão, o Nordeste algodoeiro se viu prejudicado, não conseguindo concorrer com um país que utilizava na época técnicas de cultivo e beneficiamento do algodão mais avançadas³⁹. Desta forma, assim como em outras províncias nordestinas, as elites cearenses mostravam claros traços de descontentamento com o governo central. Não obstante a queda do preço no mercado externo, o governo imperial mantinha a mesma carga de impostos e encargos, onerando ainda mais os já decadentes produtores de algodão⁴⁰.

Acrescente-se a isso o fato de que na década de 70 o Brasil foi palco de muitas transformações. A instituição escravista agonizava diante de uma nova situação internacional que exigia cada vez mais relações de trabalho livre. Internamente, o movimento abolicionista ganhava corpo entre as camadas médias e conquistava espaço político no sentido de acabar legalmente com a escravidão. Em 1871, depois de acalorados debates, foi votada a Lei do Ventre-Livre, que representou um ganho para a causa emancipacionista e um

³⁸ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 126

³⁹ Rodolfo Teófilo afirma: "De 1867 a 1870, exportaram-se 22.765.214 kilogrammas. Em 1871, restabelecida a paz nos Estados Unidos, começou a baixar o algodão. Negociantes e lavradores tentam arcar com a crise, abrindo novas e imensas lavras que produzem 7.906944 kilogrammas; mas o preço baixava sempre; o prejuízo foi imenso. Empenharam-se os últimos recursos e atiraram-se á lucta; mas o preço baixava sempre! Estavam os lavradores vencidos, pobres e individados." TEÓFILO, Rodolfo. *História da Secca do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

⁴⁰ "A herança secular da miséria do interior do Nordeste fora agravada, na década de 70 e 80, pelo fisco imperial que continuou a tributar o algodão e o açúcar com os mesmos impostos da época em aqueles produtos podiam ser vendidos a 3\$000 e a 12\$000". Ver: MAIOR, Arnaldo Souto. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL; Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

desequilíbrio na sólida estrutura política do Império⁴¹. Já em 1870 foi fundado o partido republicano no Rio de Janeiro e em 1872 parte das elites cafeicultoras paulistas aderiram ao ideal republicano, criando um partido numa das zonas mais prósperas da economia imperial⁴². O próprio ideário republicano estava sendo discutido nas praças, nas ruas e na caserna. Some ainda a visível modernização por que passavam as cidades brasileiras, o crescimento dos centros urbanos em detrimento da zona rural. Crescimento que veio acompanhado do aumento significativo das camadas médias, necessárias à complexidade do viver urbano, ávidas por alargar sua participação no poder. José Murilo de Carvalho, num minucioso estudo da formação das elites imperiais, nos mostra o quanto o crescimento das profissões liberais – advogados, médicos, professores – e a sua crescente participação no poder, em detrimento de magistrados e senhores de terra, foi um dos fatores fundamentais para se entender a queda da monarquia no Brasil⁴³. Ademais, como afirma Schwarcz, “apesar dos estreitos laços de parentesco que atavam certos intelectuais a famílias de proprietários de terra, sua atuação se dá em contexto urbano, o que já os diferencia de seu grupo de origem.”⁴⁴

Não à toa esses intelectuais urbanos se valiam dos princípios da ciência para justificar seus ideais progressistas. As palavras ciência, progresso, civilização, indústria e cidade apresentavam-se quase como sinônimos, uma levava às outras, e todas representavam uma mesma vontade de mudança. O seguinte trecho evidencia o entusiasmo desses intelectuais:

O nosso paiz é presa de semelhante agitação publica. O mar sereno e bonançoso de suas crenças em que se projectavam as sombras enegrecidas dos velhos tempos coloniaes, acha-se hoje encapellada por um tufão que, descido das altas regiões do pensamento scientifico, vai revolvendo até o fundo de seus abysmos, as aguas amortecidas, ao mesmo tempo que faz boiar à superfície – thesouros ignorados de perolas de orphir.⁴⁵

⁴¹ Ver: CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit.

⁴² Emília Viotti fez um excelente estudo sobre a economia cafeicultora no sudeste e as conseqüência na estrutura de poder do Império. ver: COSTA, Emília Viotti. *Da senzala à Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁴³ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit.

⁴⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 26

⁴⁵ *Fraternidade*. Fortaleza, 5 de fevereiro de 1875, nº 53, Op. Cit.

Essa crítica, entretanto, não se resumia apenas à política e à economia, compreendia toda uma visão de mundo na qual se assentavam as estruturas do Império, cujo representante maior era, na literatura, o Romantismo. Em prol da ciência e do pensamento crítico esses intelectuais se colocaram em campo oposto ao Romantismo. Segundo eles, o Romantismo era um pensamento idealista e conservador, contrário às novas idéias do século, que exigia uma visão mais realista e positiva. Na verdade, o Romantismo se apresentava como a estética oficial do Império, estando intimamente ligado ao poder. Desta forma, uma nova mentalidade teria que insurgir-se contra aquela que tinha sido a base ideológica do poder monárquico. Não é de se espantar que foi no Nordeste, sobretudo no Recife e no Ceará, onde despontou essa tendência crítica que mais tarde daria forma ao naturalismo brasileiro. Nicolau Sevcenko aponta as diferenças entre as novas tendências realistas e as românticas, tentando nos mostrar a relação entre o saber e as estruturas sociais na seguinte passagem:

O romantismo representou bem um modelo de sociedade estável, mantida sob um sistema homogêneo de autoridade, como o do II Reinado do Brasil. Supunha por isso um sistema único de valores e uma perspectiva de contemplação social privilegiada e também exclusiva, que é a que se orienta do topo em direção à base da pirâmide... Já o realismo e naturalismo representam a sociedade multifragmentada, em que, havendo sido rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se vêem encorajados a conceber a sociedade a partir de sua perspectiva particular.⁴⁶

Vale acrescentar que o Imperador figurava como um grande mecenas das artes brasileiras, mantendo ao seu lado um círculo de eleitos. Fora desse círculo era quase impossível conquistar prestígio e reconhecimento nas letras. A própria corte mantinha um poder absorvente sobre a criação literária, em razão do patrocínio do Imperador e de ter sido a cidade que, na época, apresentava um ambiente urbano e cosmopolita, mais propício a disseminação da obra de arte⁴⁷. O que gerava uma revolta por parte dos intelectuais

⁴⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. (4ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 227

⁴⁷ Vale acrescentar que a produção e circulação de romances nesse período se restringia quase que exclusivamente ao Rio de Janeiro, sendo muito parca nas províncias do Brasil. Isso

provincianos, pois se nas capitais de suas províncias encontravam sérios entraves à realização artística, no Rio de Janeiro se deparavam com uma estrutura fechada, onde era pequeno o espaço para a promoção de novos talentos⁴⁸. Não é outra a razão pela qual os intelectuais científicistas se voltaram contra o Império e o Romantismo, acusando este último de ter formulado uma interpretação superficial da realidade brasileira. As teorias científicistas, que aqui chegavam importadas da Europa, não só legitimavam seu ideário republicano e transformador, como faziam desse ideário uma verdade inquestionável, pois estava baseado no pensamento científico. O seguinte trecho do jornal *Fraternidade* resume o que quero dizer:

O sentimentalismo vago e indefinido, o mysticismo beato e o romantismo religioso que tantos males tem produzido a civilização e ao livre desenvolvimento dos povos vão sendo substituídos pelos conhecimentos uteis a vida, pela aplicação das faculdades intellectuaes a industria e ao comercio graças a diffusão das sciencias positivas⁴⁹

Essa nova postura, levou mais tarde ao que os escritores chamaram de “retratar a cor local”, ou melhor, uma pesquisa mais profunda da realidade específica das várias regiões do país, que levasse em conta os elementos condicionantes da cultura. Podemos encontrar aí o forte elemento regional que iria marcar a literatura naturalista, já que exigia do escritor um contato mais direto com a realidade que ele pretendia retratar em seu romance.⁵⁰ Essa vontade de dar visibilidade às paisagens e aos tipos regionais já estava presente no Romantismo, mas não exigia do escritor um senso de observação que levasse em conta a força com que o meio determinava o caráter dos indivíduos. Essas paisagens e esses tipos regionais presentes no romance romântico cumpriam a função de diferenciação, tão presente na preocupação

se deve, sobretudo, a dois fatores: em primeiro lugar, era muito pequeno o público leitor nas províncias e, enfim, porque as formas de impressão eram muito precárias.

⁴⁸ BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

⁴⁹ *Fraternidade*. Fortaleza, 6 de outubro de 1874, nº 42, p.2. Op. Cit.

⁵⁰ Essa foi a crítica que foi feita por Araripe Júnior a José de Alencar com respeito ao seu romance “O sertanejo”. Segundo Araripe Júnior, José de Alencar pecava pela pouca observação da paisagem e dos costumes do Sertão. Ver: VENTURA, Roberto. Op. Cit. e LANDIM, Teoberto. *Seca: a estação do inferno*. Fortaleza, UFC/Casa José de Alencar, 1992.

nacionalista desse estilo⁵¹; inclusive, religavam as elites –que tinham suas riquezas provenientes da agricultura, mas que residiam na corte – com suas bases rurais. Contudo, no Romantismo, esse “regionalismo” não tomou as cores de um autêntico localismo, ou seja, da conformação de uma identidade local diferenciada das outras regiões do país. A Academia Francesa já criticava também o excesso de convencionalismo romântico, que estava eivado de um artificialismo ao retratar as realidades locais. Segundo eles, por mais que os escritores românticos dessem vazão aos tipos regionais, partiam de um molde universal na estruturação da ficção, de forma que a trama dos romances românticos reproduzia uma convenção universal e os tipos e as paisagens regionais entravam apenas como pano de fundo⁵².

Um dos princípios, também já presentes na Academia Francesa, era o de que as relações humanas eram regidas pelas mesmas leis que regiam as ciências naturais. A consequência mais direta desse pensamento foi os diversos determinismos que impregnaram a análise da realidade: determinismo geográfico, social e de raça. Pode-se resumir esses determinismos com a frase “o homem é fruto de seu meio”. Segundo o jornal *Fraternidade*:

...todas as leis que regulam a marcha das sociedades são leis físicas exercidas pela natureza sobre o homem, ou pelo homem sobre a natureza. Estas leis podem-se se reduzir as quatro seguintes: o clima, a nutrição, o solo e o aspecto da natureza. O excesso de calor ou de frio, de humidade ou sequeidão, a nutrição, a disposição do solo influem de tal sorte sobre a constituição moral do indivíduo, que este pode-se considerar feitura do meio físico que o cerca...⁵³

Até esse momento do texto procurei estudar o cientificismo presente entre os letrados cearenses visando mostrar que o naturalismo é herdeiro de uma tradição combativa que teve início com a Academia Francesa, em 1872. Ainda não havia se moldado nenhuma obra literária pautada nos novos

⁵¹ Ver: NAXARA, Capelari Márcia Regina. *Sobre campo e cidade - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP-IFCH, 1999.

⁵² Ver: CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997. e PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

⁵³ *Fraternidade*. Fortaleza, 6 de outubro de 1874. nº 42, Op. Cit.

princípios científicos divulgados pelos membros do jornal *Fraternidade*⁵⁴. Entretanto, o periódico já apresentava alguns elementos que ao longo do tempo foram sendo aprofundados no contato com a realidade local e dando um traço mais definido ao naturalismo. Iremos encontrar as bases desse pensamento renovador na forma com que esses intelectuais se muniram do cientificismo para elaborar uma nova leitura da realidade brasileira. Almir Leal de Oliveira, em obra citada, nos mostrou o quanto esse cientificismo, introduzido pela Academia Francesa, orientou a leitura dos processos sociais e históricos por parte dos intelectuais durante todo o final da década de 70 e adentrando a década de 80, com o engajamento nas lutas abolicionistas. Ele analisou as sociedades abolicionistas e seus respectivos periódicos e identificou nestes uma concepção calcada no evolucionismo e no determinismo. A concretização dos ideais dos letrados, que se deu através da pioneira abolição dos escravos no Ceará em 1884, reforçou o seu papel como arautos do progresso, e do pensamento científico como capaz de apontar os caminhos na instauração de uma sociedade moderna no Brasil.

Essa crítica visava uma transformação que, segundo as premissas evolucionistas, tinha como referência alcançar o estágio evolutivo das nações européias. De acordo com o evolucionismo, o homem progride através de uma luta incessante contra as forças da natureza. Desta forma, as cidades figurariam como o ápice da vontade humana, o predomínio do homem sobre as forças da natureza. Esses intelectuais tinham seu olhar voltado para os grandes centros urbanos, sobretudo Paris, e os tomavam como norte, como referência de uma sociedade em que as outras nações deveriam se espelhar. Encontra-se aí o forte cosmopolitismo dessa geração, imersos que estavam nas novidades – espirituais e materiais – vindas da Europa, que segundo Lúcia Miguel Pereira “... *não obstante ter sido sempre condicionada pela Europa a nossa atividade intelectual, pode-se legitimamente falar em cosmopolitismo*

⁵⁴ Em nível nacional a primeira obra considerada naturalista pela crítica foi “O mulato”, do maranhense Aluizio Azevedo. No Ceará temos os contos publicados por Oliveira Paiva na Quinzena (1887), com clara orientação naturalista. Segundo alguns críticos, o primeiro romance naturalista cearense foi “A Fome” (1890) de Rodolfo Teófilo.

*republicano*⁵⁵. Ao colocar num mesmo cadinho o evolucionismo e os diversos determinismos, eles acabaram por constatar que o Brasil trazia sérios entraves à construção de uma sociedade moderna. O determinismo de raça, por exemplo, voltou-se contra nossa população negra e mestiça e a viu como uma raça degenerada, impermeável aos valores civilizados. A própria natureza exuberante dos trópicos, o clima quente, exigiria do homem uma força hercúlea no sentido de vencer determinantes naturais tão adversos à vontade humana⁵⁶. Apesar de o *Fraternidade* apresentar algumas explicações sobre esse problema, quem melhor o formulou foi José Carlos Júnior no jornal *A Quinzena* de 15 de janeiro de 1888.

No Brasil a acção da natureza sobre o homem geralmente é mórbida, acabrunhadora; ella tira-lhe as forças, inhabilita-o para a lucta. A natureza é pujante; por isso o homem é mesquinho. A noticia dos commetimentos, das emprezas, do movimento ascencional do espirito humano, o contacto com o estrangeiro, a visita á Europa, os livros, tudo isso excita-nos o espirito, accende-nos idéas e ambições que nos põe o cerebro em encandescencia mas que vem naufragar no escolho ineluctavel da fraqueza apathica e morbida que nos incutiu a natureza.

⁵⁷

Desta forma, o jornal *Fraternidade*, através da introdução do pensamento científico europeu, já apontava alguns elementos para interpretação da realidade brasileira segundo uma nova ótica. No entanto, esses eram elementos ainda muito vagos. Só a partir do jornal *A Quinzena* essa crítica anterior vai tomando contornos mais definidos, elegendo temas, aprofundando uma análise social mais voltada à realidade local. O periódico *A Quinzena* começou a circular em 1887, publicada por intelectuais que se reuniam em torno do Club Literário⁵⁸. Muitos deles haviam participado ativamente das lutas abolicionistas, e o periódico deixa transparecer um tom

⁵⁵ PEREIRA, Lúcia Miguel. Op. Cit. p.19. Sobre o cosmopolitismo dessa geração realista ver também: SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

⁵⁶ Uma discussão mais aprofundada desse problema se encontra em NAXARA, M. R. Capelari. Op. Cit.

⁵⁷ *A Quinzena*. Fortaleza, 15 de janeiro de 1888. Academia Cearense de Letras/Banco do Nordeste do Brasil, edição fac-similar, 1984. Almir Leal faz uma boa discussão do assunto ao analisar o pensamento de Capistrano de Abreu e suas influências positivistas e evolucionistas. In: OLIVEIRA, Almir Leal. Op. Cit.

⁵⁸ Os membros do Clube Literário são, entre outros: Oliveira Paiva, Abel Garcia, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno, João Lopes, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, José Carlos Júnior. Ver: BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1986. Edição fac-similar.

ufanista com respeito a esse recente feito da mocidade cearense; ou seja, a abolição da escravidão na província quando o resto do país ainda a mantinha. Um outro fato marcou profundamente a leitura desses intelectuais: a grande seca de 77. Como já foi largamente estudada, essa seca causou o despovoamento do campo, uma crise na produção da província, um grande número de mortos provocado pela fome e pelas epidemias do cólera e da varíola, além de ter gerado um caos urbano devido ao êxodo dos retirantes para Fortaleza. Os letrados alinhavaram esses dois fatos numa narrativa cientificista de forma a exaltar os feitos do povo cearense e à sua natural propensão para o progresso. Se não, vejamos. Antônio Bezerra de Menezes escreve logo primeiro número do jornal *A Quinzena* a respeito da província do Ceará:

Nenhuma tão prompta nem tão solícita como ella aos alarmas do progresso e da civilização. Mas luta só! Tosquiada pelo centralismo deixam-n'a entregue ao destino. Hoje tudo deve-se ao esforço próprio da província, ao seu natural pendor para as reformas adiantadas. A abolição na província, por exemplo, foi uma grande revolução patricia; grande e nobre pelos seus elevados intuitos, generosa e pacífica como um prestito de heroes antigos, diante da civilização moderna. Mas, essa revolução foi feita pela mocidade cearense, que teve no seu sangue bastante energia para lavar a nodoa do captivo uma das maiores e mais populosas conscripções do Império americano, nas aguas lustraes da egualdade dos direitos de um povo, diante da patria, fóra das leis civis e humanas⁵⁹

O trecho mostra um otimismo marcante. O Ceará, por ter acabado com a escravidão, era naquele momento a única província do Brasil onde vigorava o trabalho livre, e isso graças à ação memorável dos homens de letras. Esses homens realizaram esse feito impressionável enfrentando condições adversas, contrariando os fortes interesses do poder central e dos fazendeiros, “(...) *emquanto recebia dos confins do mundo civilizado as oblações da humanidade agradecida e dos grandes homens admirados*”.

Como forma de explicar esse pioneirismo apelava-se ao determinismo climático. Ou seja, um povo que sofria constantemente a inclemência da seca

⁵⁹ *A Quinzena*. 15 de janeiro de 1887, Op. cit. Veremos que Rodolfo Teófilo escreveu seu romance “A Fome”, muito influenciado por essas idéias.

acabava por desenvolver um caráter ativo e laborioso. Abel Garcia escreveu n'A Quinzena:

No Ceará o homem é activo, arrojado e impressionavel. As fatalidades do meio deram-lhe ás formas da vida a mais forte organização. Educado na luta, energico pela necessidade, tem mais de uma vez attestado o sentimento profundo de sua força (...) Necessite a communhão cearense defender-se da implacabilidade dos elementos naturaes conjurados contra ella ou, cedendo ao movimento da civilisação, ao impulso de novos sentimentos, procure apagar os derradeiros traços de uma instituição anthipatica á sua índole democratica como a escravaria, elle mostra-se abnegado até o sacrificio.⁶⁰

Desta forma, a seca passou a ser o grande tema da literatura cearense. Ela era o fator climático determinante que moldaria o caráter do povo cearense e o que o distinguiria dos demais povos e de outros habitantes do país, sobretudo os do sul e sudeste. A literatura regional, marcada por uma vontade de diferenciação cultural condicionada pelos fatores determinantes do meio natural, elegeu a seca como este determinante e a partir dela tentou compreender o "*modus vivendi*" do cearense. Segundo o mesmo artigo, a construção de uma sociedade moderna no Brasil passava pela superação dos obstáculos naturais e pelo fim dos empecilhos impostos pelo governo central. Mas era essa mesma seca que criara no sertanejo um espírito arrojado para superá-la. Daí a noção de que o homem se aperfeiçoa na luta contra as forças da natureza e a constatação de que o sertanejo, apesar de rude, era um forte, um altivo, um possante. Acrescenta-se a isso, segundo o mesmo autor, a acentuada seleção natural causada pela seca, onde sobreviveriam apenas os organismos mais fortes.

O Club Literário se propunha a fazer circular um quinzenário exclusivamente artístico, científico e literário. Segundo João Lopes esse fato atesta o estado adiantado da província, pois tinha um bom número de intelectuais dispostos e capazes de fazer circular um jornal exclusivamente voltado às coisas do espírito, às letras, às ciências e às artes. Isso comprova "(...) porque é radicalmente evolucionista o povo cearense."

⁶⁰ A Quinzena. Fortaleza, 30 de janeiro de 1887. Op. Cit.

No número 14º d'A *Quinzena* foi publicada uma conferência de Oliveira Paiva em que mistura um tom de pessimismo e otimismo. Primeiro ele começa por constatar que "...instrução é prenda que aqui não ha..." e se lamenta do pouco desenvolvimento da arquitetura, da pintura e da escultura na província. E conclui: "*Arte e Sciencia, portanto, não nos conduzirão ao solio de homens civilizados.*" Resta-nos, segundo ele, a literatura como instrumento capaz de nos inculcar valores civilizados. Ele termina o artigo pedindo ao povo que ouça "...as palavras sinceras arrancadas á parte mais nobre de nossa alma..." porque "... o meio de satisfazer a nossa hiante aspiração aos gosos do *Empyreo*, que é a civilização, é desprendermo-nos da ignorancia, o monstruoso peccado mortal que sepulta o homem no hediondo inferno do simples nada dos cemitérios."⁶¹ Nesse caso, Oliveira Paiva é ainda mais específico com respeito a literatura: é ela, mais do que as outras artes e ciências, a que teve desenvolvimento em solo cearense, e nela os ilustrados devem depositar as suas esperanças de fazer brotar em meio agreste o fruto do saber e da civilização. Essa é também uma auto imagem desses intelectuais. Ao atribuir ao povo cearense um caráter evolucionista, eles se referiam mais propriamente ao meio letrado, dando a impressão de serem uma ilha de ilustrados num mar de ignorantes. Pois se o povo não tinha instrução e as elites locais estavam arraigadas em velhos valores, a feição progressista da província era dada pelo próprio meio letrado. N'A *Quinzena* encontraremos um sem fim de artigos cujo tom oscila entre o pessimismo e o otimismo. O primeiro pela constatação de que na província existia um povo em sua maioria iletrado e ignorante, o segundo devido à tarefa que esses intelectuais mesmos se atribuíam de civilizar o povo. Essa postura com respeito ao povo é muito significativa. Ele deveria ser o cidadão dessa nova sociedade que esses letrados pretendiam criar. Desde o *Fraternidade* era comum a prática de conferências abertas ao público, no sentido de instruí-lo nos valores civilizados, às quais esses letrados chamavam muito sugestivamente "Escola Popular"⁶². É muito difícil não enxergar nessa prática um certo pedantismo misturado com uma vontade

⁶¹ A *Quinzena*. Fortaleza, 31 de julho de 1887. Academia Cearense de Letras/Banco do Nordeste do Brasil, edição fac-similar, 1984.

⁶² Almir Leal de Oliveira afirma que a Escola Popular foi um importante espaço para a divulgação das idéias científicas e também para a socialização dessas idéias entre os intelectuais da província. OLIVEIRA, Almir Leal de. Op. cit.

missionária. Dentro da sua concepção republicana, inspirada na Revolução Francesa, era o povo um aliado indispensável para derrubar o antigo regime monárquico; mas esse mesmo povo era uma massa ignorante e bárbara. Competia, então, aos iluminados, os detentores do saber, educar o povo para torná-lo cidadão da nação brasileira. Nesse sentido, o saber popular era feito tábua rasa, a função civilizatória desses intelectuais, uma falta de alteridade, e o seu saber, um exercício de poder sobre o camadas mais baixas.

Essa vontade indica também uma certa distinção dos intelectuais com respeito às elites políticas locais e o empenho em fazer da literatura e da ciência um saber objetivo e imparcial que não sofresse pressão das conjunturas externas. Isso porque dentro do jornalismo político partidário a liberdade de expressão era muito restrita e submetida aos ditames dos “chefões” da política, por um lado; por outro, indica que essa intelectualidade, formada em sua maioria por profissionais liberais, podia se colocar como um campo de força independente, procurando hegemonizar posições mais condizentes com sua visão de mundo⁶³. É ainda João Lopes que expõe os anseios dessa intelectualidade de se colocar fora do jornalismo partidário:

...é a imprensa partidária quem abre caminhos para os empregos, quem sagra benemeritos os amigos, quem traz pela rua da amargura os adversarios, quem institue tenentes-coroneis e distitue subdelegados. Ficam, portanto, sabendo os **homens praticos**, que não somos ingenuos, que não temos peneira nos olhos, que não vemos tudo côr de rosa. Sabemos d'ante-mão que muito caro nos vai custar cada um desses ephemeros prazeres intellectuais, deliciosos prazeres que só comprehendel-os e poder aspiral-os é já uma fortuna immensa, um gaudio ineffavel⁶⁴

O crescimento da cidade de Fortaleza e das profissões liberais deu espaço para uma nova forma de poder que tinha por base o saber. Os novos serviços burocráticos necessários à complexidade do viver urbano acabavam por criar uma camada social cuja distinção e poder se davam pelo domínio do saber formal e acadêmico, que garantia, além de cargos no aparelho estatal, educação e refinamento para viver nos novos espaços de sociabilidade urbana.

⁶³ Dolor Barreira, em obra citada, aponta um conjunto de pequenos pasquins, efêmeros em sua duração e poucos em seus números de tiragem, que se ocupavam de assuntos que não se restringiam a política, e sim davam conta de assuntos relacionados à vida social da província, às artes, às ciências etc. Ver também: CARDOSO, Gleudson Passos. Op. Cit.

Essa distinção pelo saber ressoava como um unísono nos jornais letrados do século XIX e era uma forma de se impor frente às “velhas” elites rurais, que, se ainda detinham o poder econômico e político, se ressentiam de um manejo dos mecanismos simbólicos que regiam as relações sociais na cidade. Angel Rama, ao responder a pergunta “a que se deve a cidade letrada?”, afirma: “*Em primeiro lugar, ao fato de seus membros constituírem um grupo restrito e drasticamente urbano. Ela apareceu como seu ‘habitat natural’ e com ela se consubstanciam de forma inseparável.*”⁶⁵ Como as últimas décadas do século XIX assistiram a um processo de mudança, a elite letrada procurou tomar para si as rédeas desse processo, elegendo o saber – pois ela o possuía – como principal elemento que pudesse balizar os critérios de diferenciação e poder na nova sociedade que queriam instaurar. O verbo civilizar, apesar de presente no discurso das elites desde o período colonial⁶⁶, emerge nesse período com uma força incomparável, e era conjugado pelos letrados nas situações mais amplas possíveis: civilizar o povo, a cidade, os modos de agir, de pensar, de falar etc. Nesse sentido, parece ainda mais interessante a idéia dos anéis que nos coloca Angel Rama. Segundo ele, essa minoria letrada está rodeada por dois anéis, os quais deveriam se esforçar por romper. O primeiro era o anel urbano, no qual habitava uma população de desclassificados, mestiços, pobres, vagabundos etc. “*Rodeando este primeiro anel havia outro muito mais vasto, pois ainda que também ocupavam os subúrbios (...), estendia-se pela imensidão dos campos, regendo em fazendas, pequenas aldeias...*”⁶⁷

Com respeito mais especificamente à literatura, caberia aos escritores serem mais do que meros fantasistas e dotar as suas obras de uma caráter analítico e científico que pudessem contribuir para a civilização e o progresso do país. Podemos dizer que, dentro desse novo espírito científico, se exigia uma função pragmática da literatura. Como outras ciências, a literatura se dotaria de um caráter documental e objetivo capaz de elaborar verdades sobre

⁶⁴ A *Quinzena*. Fortaleza, 15 de janeiro de 1887. Op. Cit.

⁶⁵ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit., p. 49. É interessante notar que a medida que a cidade crescia a atividade letrada crescia junto com ela.

⁶⁶ Ver: LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996 e PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Op. Cit.

⁶⁷ RAMA, Angel. Op. Cit. p. 58

os fatos sociais⁶⁸. Sendo que esses intelectuais estavam imbuídos de um forte espírito reformador, a noção de documentar a realidade objetivamente redundou em uma crítica ferrenha às estruturas do país: à escravidão, à miséria de nossa população, à nossa educação precária, aos nossos costumes bárbaros, ao favoritismo em que estava imersa a estrutura política do Império etc.

No jornal *A Quinzena* foram escritos quatro artigos de crítica literária destinados a pensar sobre o naturalismo. Esses artigos procuram saudar esse nova estética como mais adequada ao espírito científico dos novos tempos, pautado pela observação e a análise e não pelo idealismo e a fantasia, como fora o romantismo. Oliveira Paiva, em artigo intitulado “O naturalismo” vê esta corrente estética como uma evolução no pensamento nacional. Ele começa o artigo elogiando a obra “O Homem”, de Aluizio Azevedo, que “(...) *mostra que o nosso publico se convenceu, por fim, de que o nosso paiz não tem somente café e algodão e borracha (...) mas há também quem faça livro na eminente expressão da palavra.*” Logo à frente se impressiona como num país tão vasto em sua diversidade natural e racial não tivesse, “*por um processo de selecção natural*”, produzido um escritor que escrevesse uma obra naturalista, quando a Europa, “*pelo naturalismo, entrava francamente nas avançadas da evolução literária*”. Ainda de acordo com o artigo, o Romantismo havia produzido seus vultos, como é o caso de José de Alencar, mas de uma forma geral, seus escritores “*...sahiam era das academias com uma literatura de caso pensado e uma idéa falsa das pessoas e das coisas de sua terra, enchergando pelos olhos dos estrangeiros...*”. E Oliveira Paiva conclui:

A tudo aquillo que deu lugar a desordem implantada pela phase romântica. Hoje, porém, a indícios de orientação. O naturalismo, no seu rigor de observação, de experiencia, ligando intimamente a idéa com a forma, acatando a Sciencia, subordinado-se de todo á Arte, elevou o trabalho, o bom senso, o genio, e despresou a ociosidade dos parasitas que produzem um escripto como uma planta esteril dá uma linda flor infecunda.⁶⁹

⁶⁸ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

⁶⁹ *A Quinzena*. Fortaleza, 15 de janeiro de 1888. Op. Cit.

O artigo anterior acabou com uma promessa de no outro número responder a pergunta “O que vem a ser uma obra naturalista?”. Este é exatamente o título do artigo de Oliveira Paiva no próximo número do jornal *A Quinzena*. Em resumo, Oliveira Paiva afirma que um autor para ser naturalista deve se inspirar na natureza, deve observá-la, compreender os seus mecanismos de funcionamento, para daí procurar entender o homem. “A imitação rigorosa da natureza, é portanto, não sómente copiar, mas produzir, proceder, criar, no rigor das leis naturais.” Cabe ao escritor reconhecer que uma obra, para ser verdadeira, científica, deve partir da observação rigorosa da natureza e da sociedade e entender as inter-conexões entre essas duas dimensões da realidade. “Mas o artista para penetrar na natureza tem de atravessar a sociedade que o produziu.”⁷⁰ O próprio escritor é resultado da sociedade que o produziu, e para ser “verdadeiro” deve criar a partir da observação e análise dessa sociedade. Então, há uma escala de determinação que parte da natureza e chega no indivíduo. A natureza determina a sociedade através de leis naturais e esta, por sua vez, determina o indivíduo através de leis semelhantes às leis naturais. É função do artista, para ser científico, compreender a natureza e a sociedade que o criou. Essa é mais uma crítica dos naturalistas aos românticos, que segundo eles, estavam criando através de enciclopédias sobre países distantes e produzindo uma imagem exótica do nosso país ⁷¹.

Não é simples compreender como letrados tão marcados pelas idéias de civilização importadas da Europa voltem-se contra o Romantismo exatamente por este ser um produto estrangeiro. Caberia ao Brasil, segundo essa intelectualidade, livrar-se das amarras do passado rural e monárquico e ingressar de vez em uma sociedade industrial e republicana. E isso só se daria se, como a própria Europa mostrava, uma visão comprometida com o progresso finalmente vingasse em terras tropicais. Então, era o próprio pensamento europeu que daria os subsídios para o Brasil superar a sua condição de dependência e ombrear as grandes nações modernas em civilização e progresso.

⁷⁰ *A Quinzena*. Fortaleza, 31 de janeiro de 1888. Op. Cit.

⁷¹ Ver: PEREIRA, Lúcia Miguel. Op. Cit. e NAXARA, Márcia Regina Capelari. Op. Cit.

Então, isso que os escritores naturalistas chamavam de retratar a cor local, essa procura pelos traços particulares que definiam um povo e seus costumes, que fossem contrários à noção vaga e superficial que atribuíam ao Romantismo, se deu por uma pesquisa da interação do homem com o seu meio, ou melhor, da força com que esse meio determina as ações dos homens e condiciona os seus modos de vida. Esse cientificismo determinou uma releitura da nacionalidade brasileira com um forte caráter reformador. Contrários ao saudosismo passadista dos românticos, os naturalistas tinham o seu olhar lançado sobre o futuro, na busca da instauração de uma sociedade liberal e moderna no Brasil⁷². O que, então, levou os naturalistas a definir uma identidade nacional e local a partir de parâmetros ainda rurais, enxergando nos modos de vida do sertão os elementos a serem preservados como atestados de nossa peculiaridade e diferenciação?

Essa era mais uma das ambigüidades da sociedade moderna. Se por um lado ela tende a se universalizar, exportando/importando produtos, modos de vida e valores; por outro, causa nas nações um forte desejo de diferenciação que parta de elementos que se encontram fora do espaço mais característico dessa universalização, ou seja, a cidade. Adolfo Caminha, em seu artigo escrito já no Rio de Janeiro para a Gazeta de Notícias, intitulado “Nativismo ou Cosmopolitismo?”, toma a defesa do primeiro ao escrever:

Admite-se que o artista educado na capital do Brazil, onde a vida é a mesma de todas as grandes capitaes, escolha de preferencia temas complicados de psychologia, ou deixe-se influenciar pelos modelos da França, dando uma obra falsa, imitada, sem originalidade, sem côr propria, e o fato não é raro; porque num meio cosmopolita como esse, elle perde, inconscientemente, as qualidades caracteristicas de brasileiro: a arte sae-lhe torturada, não exprime emoções verdadeiras(...) Mas, o provinciano, que desconhece a tumultuosa agitação dos grandes centros, que vive lá no coração de sua patria, identificado com o viver do povo em com a natureza, é sempre original e verdadeiro, porque descreve o que viu e sentiu, communica-nos a impressão que directamente recebeu; é, por força, um nativista, um producto do meio nacional⁷³

Isso porque as cidades são o palco da estandarização do modo de vida burguês e nelas se reproduzem de uma forma impressionante os valores

⁷² Ver: BARBOSA, Ivone Cordeiro. Op. Cit.

⁷³ CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Typografia Moderna, 1895. p.42

globais da burguesia; o que as torna muito parecidas uma com as outras. Assim, ao procurar uma identidade que possa conformar o povo cearense, esses intelectuais não a encontraram na cidade, mas no sertão. Esses são movimentos paralelos, carregados de tensões e ambigüidades: de um lado, a universalização do modo de vida burguês, urbano e industrial, de outro, a ânsia de uma diferenciação, só possível através de elementos que estão fora desse mundo que tende cada vez mais a se expandir e superar os outros modos de vida. Esses elementos identitários, portanto, estavam a ponto de serem engolidos pela sociedade industrial e moderna, por isso deveriam ser preservados e documentados. Em ocasião da passagem do ano e da Festa de Reis, Adolfo Caminha lamenta a perda das velhas tradições populares e campestres que iam sendo substituídas por novas formas de diversão mais burguesas e cidadinas. É um sentimento que volta ao passado saudosamente, um passado bem recortado, selecionado. Não se trata de uma volta a um passado integral, como no sentimento romântico, mas no recolher traços que conformem uma memória nacional, distinta e original.

E o bumba meu boi? e os congos? e os fandangos? e todas essas festas tradicionaes que o povo se incumbia de crear para o gaudio dos rapazes alegres? (...) tudo, tudo vai desaparecendo como patriotismo nacional. O Natal, como o São João e como todas as festas de character popular – vai degenerando em festa aristocrática.

74

Ao irem atrás desses elementos sertanejos e populares que pudessem compor a identidade local, esses letrados não o viam como úteis à vida ou mesmo necessários ao progresso do país. Sua postura é muito próxima à dos folcloristas. Ou melhor, tratavam o saber popular como peça de museu, que deveria ser preservado porque já estava morto, e não como algo que fosse intrínseco à cultura, não como “constituído e constituído” de uma visão de mundo e por isso vivo e útil socialmente. Daí um certo distanciamento e superioridade com respeito a esse saber; o distanciamento de quem observa,

⁷⁴ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 24 de dezembro de 1892. Fortaleza: Edições UFC/ Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. Edição fac-similar.

analisa e seleciona⁷⁵. Vamos encontrar n'A *Quinzena* um conjunto de artigos de Paulino Nogueira cujos títulos, bem sugestivos – “A jangada”, “O caipora”, “A mãe d’água” -, demonstram a preocupação folclórica desses letrados. No jornal *O Pão*, em sua segunda fase, (1895 -1896), os membros da Padaria Espiritual publicaram trinta trovas populares. Vemos também Oliveira Paiva incorporando o dialeto popular do povo do sertão ao seu romance “Dona Guidinha do Poço” e Rodolfo Teófilo, décadas depois, em seu livro de versos “Lira Rústica”, tomar como referência tanto a linguagem como a forma de versificação popular e sertaneja⁷⁶. Vale ressaltar que esse é um olhar que sempre parte da cidade para o campo e o julga, nunca ao contrário.

Desta forma, esses intelectuais muito dificilmente conseguiam operar fora dos marcos colonizadores. Apesar de o referencial ter mudado de Lisboa para Paris, era ainda a Europa o centro irradiador de valores; e só a partir dela se moldavam os critérios culturais em que se baseavam os intelectuais da periferia para julgar o seu país e o seu povo, dentro da escala evolutiva que tanto propalavam. Essa incapacidade de sair dos marcos colonizadores, segundo Angel Rama, reside nas limitações críticas desses intelectuais. Ou melhor, ao invés de elaborar uma dura crítica ao poder constituído, visando transformá-lo, esse letrados lutavam pela participação nesse mesmo poder. Tratava-se de uma crítica que não questionava a fundo a hierarquia e a concentração de poder, mas, ao contrário, propunha ampliar as bases de sustentação desse poder, de forma que coubessem os setores médios citadinos, ou até a substituição das velhas elites por outras, mas nunca o fim dessas elites. Reside aí a aversão ao pensamento socialista ou libertário, associado ao caos, à bagunça, e a uma canalha que não sabe respeitar o poder e a ordem, ou mesmo a qualquer tipo de transformação que, contando com a participação das camadas populares, perturbassem a ordem e ameaçasse mais profundamente a estrutura social e política. As palavras de João Lopes, felicitando a índole pacífica do povo cearense, por não ser o

⁷⁵ Uma discussão mais profunda desse problema pode ser encontrada na discussão que Capelari Naxara faz da importância da cultura popular na obra de Silvio Romero. In: NAXARA, Márcia Regina Capelari. Op. Cit.

⁷⁶ Ver: COLARES, Otacílio. *Lembrados e Esquecidos IV: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979. p. 145 – 163

Ceará uma das províncias tomadas pela insurreição do quebra-quilos⁷⁷, esclarece a posição desses letrados:

A adopção de melhoramentos adiantados no commercio e na pequena e pobre industria da provincia, fez-se sempre facilmente, naturalmente, sem quebra-kilos e sem levantamento de mulheril sertanejo, diabolica multiplicação de Maria da Fonte, que andou a dar cabellos brancos aos governos e colletes de couro aos povos d'outras regiões brazílias...⁷⁸

A própria noção de “civilização” – tão propalada por esses letrados – sempre foi uma forma de, historicamente, os europeus se colocarem como superiores aos povos colonizados, qualificando-os como inferiores e bárbaros, justificando com isso todo um passado de intervenções, abuso de poder, massacre de outras culturas, saques etc⁷⁹. Sem fugir do binômio civilização e progresso era muito difícil conceber caminhos alternativos aos impostos pelas metrópoles. Em nome deste mesmo binômio os próprios nacionais continuaram, mesmo depois da independência, a perpetuar uma história de preconceitos, desmandos e chacinas contra as populações negras, indígenas, mestiças e pobres do Brasil.⁸⁰

Em 1892 foi fundado com muito entusiasmo pelos letrados da província uma organização literária chamada “Padaria Espiritual”⁸¹, cujos membros denominavam-se “padeiros” e fizeram circular um quinzenário com o título de *O Pão*, o qual se sobressaiu pela irreverência e pela ousadia, e muitos afirmam que suas propostas estéticas inovadoras anteciparam o movimento modernista⁸². É interessante acrescentar que os “padeiros”, em sua maioria

⁷⁷ O quebra-quilos foi uma revolta que aconteceu no Sertão de várias províncias nordestinas em que os insurretos voltaram-se contra, entre outras coisas, o novo sistema de pesos e medidas, os altos impostos e a maçonaria. Ver: MAIOR, Arnaldo Souto. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

⁷⁸ *A Quinzena*. 15 de janeiro de 1887. Op. Cit.

⁷⁹ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1994.

⁸⁰ LEONARDI, Victor. Op. Cit.

⁸¹ Os seus membros são, entre outros: Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Lopes Filho, Xavier de Castro, Francisca Clotilde, José Carlos Júnior, Lívio Barreto.

⁸² BARREIRA, Dolor. Op. Cit.; MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar, 1994; PONTE, Sebastião Rogério e OLIVEIRA, Caterina Maria Saboya. *O Pão e a Cidade: cotidiano e contexto da Padaria Espiritual (1892-1898)*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1993.

absoluta, ao contrário dos letrados anteriores, tinham origem social nas camadas médias; o que tornava o seu programa político de mudança ainda mais radical.⁸³ Nesse jornal dois pontos nos interessam mais: primeiro, os literatos cada vez mais procuram distinguir seus projetos de civilização com relação às outras elites econômicas e políticas; segundo, as diferenças entre os modos de vida no campo e na cidade vão se acentuando na consciência desses letrados, a ponto de serem tratados de forma completamente distintos e até opostos.

Entre as principais vítimas do escárnio dos “padeiros” estava a burguesia da província. Logo no segundo número, intitulado “Sabbatina”, Adolfo Caminha se volta contra ela com o seu conhecido sarcasmo. Segundo ele, a burguesia não compreendia os altos ideais que impulsionavam os literatos a se ocuparem com o saber e a verdade: “*Que celeuma! Que alvoroço, de tarde, á porta das boticas, quando os senhores burguezes, de pança cheia, arrotando carne cosida e palitando os dentes, reúnem-se para thesourar o reverendissimo proximo!*”⁸⁴ Por que Adolfo Caminha e os “Padeiros” se voltaram contra os burgueses se, como os mesmos, eles almejavam instaurar uma sociedade moderna e burguesa no país? O trecho nos mostra como o projeto civilizatório dos letrados cearenses, além de reformas puramente econômicas ou políticas, intentava incidir profundamente sobre os costumes. Nesse sentido, os costumes das elites locais – que de uma forma geral os letrados chamavam de burgueses, pois viviam na cidade – estavam bem longe do padrão que eles tinham como o ideal para indicar que éramos um povo realmente civilizado.

Norbert Elias nos mostrou o quanto o processo civilizador tem um caráter eminentemente reformador, tornando-se mais marcante nos períodos de intensas transformações nas estruturas sociais. Normalmente levado à frente pelas camadas médias, esse processo está sempre inacabado, caracterizando-se por ser ao mesmo tempo um estado – algo que se alcançou – e um processo, o que ainda se estava por conquistar. Segundo ele, a partir da primeira metade do século XIX, as elites européias tinham como realizado

⁸³ Ver: CARDOSO, Gleudson Passos. Op. Cit.; MOTA, Leonardo. Op. Cit.

⁸⁴ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 17 de julho de 1892. Fortaleza: Edições UFC/ Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. Edição fac-similar.

esse processo internamente, mas faltava levá-lo tanto para os pobres de seus países, como para os países colonizados⁸⁵. Os letrados tomaram para si a tarefa de levar à frente esse processo civilizador e, em nome do mesmo, elaboraram uma dura crítica aos costumes locais das camadas abastadas e,

principalmente, aos das camadas mais pobres. Desta forma, os letrados se diferenciavam pelo refinamento e educação das demais elites locais e tornavam seu projeto reformador mais profundo e incisivo. Adolfo Caminha, no mesmo artigo acima citado, depois de afirmar que Fortaleza muito se ufanava “*pelo irrepreensível alinhamento de suas ruas*”, escreve:

A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bella como a concheira, é, entretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada, com laivos de civilização. Se temos duas livrarias, em compensação, não temos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existencia, somos obrigados a ir, ás quintas-feiras e aos domingos, alli ao Passeio Público exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos⁸⁶

Nessa passagem fica clara a insatisfação dos homens de letras com o apego das elites locais a esses traços exteriores que indicavam sua sintonia com as cidades civilizadas. O Passeio Público, o traçado em xadrez das ruas, o bonde, os novos figurinos parisienses podiam satisfazer o desejo de muitos dos provincianos, mas estava longe do que pretendiam os membros da Padaria Espiritual. É ainda Adolfo Caminha, no seu artigo quinzenal intitulado “Sabatina”, que ataca impiedosamente a burguesia local por esta não compreender os altos intentos dos letrados e de os ter perseguido; eles que eram... “*(...) os argonautas intrépidos, revolucionários, amigos da verdade (...)*”.

Porque, convençam-se os que vêm tudo – ceos e terra – pelo prisma falso do interesse pessoal e do preconceito, si a humanidade ainda soffre e geme, a culpa é della, da Burguezia, esse flagello de todas as grandes virtudes, esse algoz da esthetica e do bom gosto, cujas

⁸⁵ Norbert Elias, analisando a obra de Mirabeau, escreve: “*A sociedade, deste ponto de vista, atingia uma fase particular na rota para a civilização. Mas era insuficiente. Não podia ficar parada nesse ponto. O processo continuava e deveria ser levado adiante...*” ELIAS, Norbert. Op. Cit. p. 62

⁸⁶ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 17 de julho de 1892. Op. Cit.

aspirações, em summa, resumem-se n'este preceito ignobil: - encher bem a pança e ganhar dinheiro.⁸⁷

Contudo, os “padeiros” chegaram a saudar as novas formas de sociabilidade cidadinas mais condizentes com o que acreditavam ser uma maneira mais civilizada de diversão. *O Pão*, em sua primeira fase, dá notícia freqüente das festas ocorridas no Reform Club, no Club Iracema, das corridas no recém inaugurado Prado; além de se comprometer em zelar e trabalhar pelo aformoseamento da cidade, como está explícito no seu programa de instalação. O artigo intitulado “A Rampa” denota o comprometimento desses intelectuais em trabalhar pela civilização dos espaços da cidade, denunciando em *O Pão* as formas de sociabilidade que fossem desviantes da sua vontade de construir parâmetros de urbanidade alicerçados na ordem e na salubridade. A dita rampa se localizava logo abaixo do Passeio Público, que era o espaço de diversão das elites locais. “A Rampa” incomodava por se manter como um ponto de meretrício muito próximo a um dos espaços mais procurados pelas elites para se divertir. O autor José Carlos Júnior afirma:

A Rampa era a Rocha Tárpea da prostituição ao pé da avenida, que é o Capitólio da honestidade.
E desta para aquela só ia um passo...
Era tão facil rolar pelo sorvedouro abaixo”.
Em cima a Avenida alagada de luz e sonoridade de musica, deixava-se calcar pelos pésinhos ágeis das virgens cearenses, que iam e vinham numa garulice de aves novas; em baixo o vício sórdido florescendo na lama illusoria da treva⁸⁸

O artigo acaba parabenizando, não os poderes públicos, mas de forma mais generalizada, “a Civilização” porque “*vai accender ali os olhos dos combustores...*” e clarear a rampa, antes coberta pela treva. A metáfora que conota a oposição entre a luz e a treva, ligando essa primeira à idéia de civilização, era muito comum entre os intelectuais da época. Na verdade, a cidade deveria encarnar todos os valores de civilização. No programa da Padaria e em um conjunto de artigos dessa primeira fase eles lutaram pela

⁸⁷ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 6 de novembro de 1892. Op. Cit.

⁸⁸ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 10 de julho de 1892. Op. Cit.

demolição do Cassino, “(...) esse casarão lugubre que afeia e entristece o primeiro plano do Passeio Público (...)”⁸⁹.

Os padeiros também visavam contribuir com o saber e a ilustração da província, através da luta por um horário de visita à Biblioteca Pública mais acessível ao público, pela melhora do ensino público e pela formação de uma biblioteca particular da Padaria que contivesse bons livros, pois estes eram escassos em Fortaleza⁹⁰. Essa preocupação com o saber, como vimos, estava presente desde a Academia Francesa e muito caracteriza os papéis e as posturas dos intelectuais diante da realidade local. Segundo Almir Leal de Oliveira, essas práticas de leitura buscavam forjar uma visão de mundo comum ao meio letrado, através da criação de espaços de debates e trocas de idéias. Por essas vias se divulgou o cientificismo na província, que aos poucos se tornou um pensamento hegemônico entre os letrados⁹¹.

O jornal *O Pão*, em sua primeira fase, circulou entre julho e dezembro de 1892, num momento de grande euforia dos intelectuais com a recém proclamada República. Olhando para trás parecia-lhes que haviam cumprido um grande papel no progresso do país. Desde a década de 70, com a Academia Francesa, eles estiveram à frente das principais transformações na província, orientando leituras da realidade através da imprensa local, das conferências na Escola Popular, dos Gabinetes de Leitura. Participaram ativamente da campanha abolicionista, e nesta também imprimiram a marca de uma interpretação cientificista desse processo de mudança⁹². O jornal *A Quinzena*, como foi dito acima, é resultado desse entusiasmo dos intelectuais com a sua presença na Abolição da escravidão no Ceará, que a realizou quatro anos antes das outras províncias do Império. Isso porque nós tomamos para a análise apenas os jornais ditos literários e científicos, nos quais esses intelectuais procuravam se distinguir do jornalismo político-partidário; mas a dissertação de Almir Leal de Oliveira vai indicar a presença marcante dos intelectuais em outros jornais. De certa forma, o Jornal *O Pão*, em sua primeira fase, é herdeiro desse otimismo com respeito ao papel dos intelectuais e, o que mais nos interessa aqui, uma crença muito forte no poder civilizador da cidade,

⁸⁹ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 17 de julho de 1892. Op. Cit.

⁹⁰ Ver: PONTE, Sebastião Rogério e OLIVEIRA, Caterina Maria Saboya. Op. Cit.

⁹¹ OLIVEIRA, Almir Leal. Op. Cit.

⁹² Id. Ibidem.

no cosmopolitismo do ambiente urbano em detrimento de uma herança rural, conservadora, que atravancava o progresso econômico e criava uma estrutura política excludente. Os Padeiros se restringiram apenas ao ambiente urbano, procurando contribuir para a civilização dos espaços da cidade e do comportamento de seus habitantes.

Nesse sentido, a palavra civilização está carregada de positividade semântica, ela é sempre benéfica. Os Padeiros, como já foi dito, depositavam grande esperança na civilização da cidade de Fortaleza e acreditavam que cumpriam um papel indispensável nesse processo. Paralelo a esse sentido positivo do processo civilizador corre um outro, mais presente sobretudo na década de 90, que o associa a toda uma carga de negatividade. A civilização, nesse sentido negativo, não traria benefícios para as cidades que se deparavam com ela, muito pelo contrário, junto com ela chegavam toda sorte de falsidades, interesses vis, arrivismo, degenerescência etc. Isso não significa que os literatos vinculados ao naturalismo, que participaram da luta pela Abolição e pela República, abandonaram os seus ideais civilizatórios. O que ocorreu foi que, ao longo da década de 90⁹³, os seus projetos foram aos poucos destoando da realidade que os circundava. Enfim, a República, como foi se conformando após a sua proclamação, definitivamente não instaurou a sociedade que eles almejavam. Nicolau Sevcenko aponta a Política dos Governadores, ocorrida em 1896, como o ápice desse processo de insatisfação e isolamento dos “mosqueteiros intelectuais”⁹⁴. No Ceará, a articulação das “velhas elites” políticas começou em 1892 pelo “Babaquara” Nogueira Accioly, até culminar com a sua própria vitória a presidente da província, em 1896⁹⁵. José Carlos Júnior, já na segunda fase da “Padaria Espiritual”, escreve:

Hoje, porém, que o entusiasmo pelas conquistas do liberalismo e da ciência vão se arrefecendo consideravelmente ante o espetáculo das misérias humanas, que se perpetuam e se multiplicam a

⁹³ Vale acrescentar que, a partir da década de 90, se tornaram ainda mais estreitos os laços de dependência da província com o capitalismo internacionalizado. Essa dependência se torna visível através de produtos importados de toda ordem que invadiam a província e, sobretudo a cidade de Fortaleza. Ver: TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará*. São Paulo: Hucitec; Natal: Editora da UFRN, 1995.

⁹⁴ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

⁹⁵ Ver: ANDRADE, João Mendes de. “A Oligarquia Aciolina e a Política dos Governadores”. In: SOUSA, Simone (coord.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 213-234.

despeito de todas essas conquistas, o sopro do pessimismo tem invadido todas as litteraturas e, ao passo que vão desapparecendo os vates das gerações passadas, vão se lhes substituindo na predilecção do publico aquelles que mais se coadunam com as 'tendencias da epoca'⁹⁶

Como vemos, o pessimismo tomou conta do meio letrado. Se, num primeiro momento, observamos um entusiasmo com o crescente processo de urbanização da cidade, com o progresso como propiciador do crescimento e a ciência como orientadora dos caminhos a seguir; aqui já se torna visível o outro lado da moeda, "*o espetáculo das misérias humanas, que se perpetuam e se multiplicam a despeito de todas essas conquistas*". O trem de ferro foi um dos símbolos que mais concentraram os valores do progresso. Quando foi inaugurada a primeira linha, Fortaleza-Baturité, em 1873, foi recebida com grande euforia pelos letrados da província como atestado de que a província era sensível aos alarmas do progresso. Outro tom transparece no conto de Eduardo Saboya intitulado "O trem de ferro", publicado em março de 1895. Saboya conta a história de uma menina que, ao contrário das outras, toda vez que passava o trem, caía num choro incontido. "*Era um odio mortal, inconprehencivel n'um coração tão pequeno ainda, esse que aquella creança consagrava ao trem de ferro (...)*"⁹⁷. Daí ele vai explicar a razão desse ódio. O pai da criança era um dos trabalhadores da estrada de ferro e foi soterrado quando trabalhava. Morreu sem ter direito nem ao enterro, pois não houve quem resgatasse o corpo. Sem dúvida, a história da construção da estrada de ferro trouxe consigo muitas mortes, sofrimentos e exploração, mas o entusiasmo com os benefícios trazidos com o progresso que ela representava, fizera os letrados contarem só parte da história. A outra parte, que é essa mudança de tom, emergiu a partir de uma nova sensibilidade com respeito à forma como ia se processando a civilização da província.

Dentro desse novo ambiente de desilusão com a forma que se afigurou o processo civilizatório e, portanto, com a urbanização da província, uma nova *estrutura de sentimentos* vem à tona em relação ao campo. Até esse ponto do texto, o campo praticamente inexistia, e quando era pensado vinha apenas

⁹⁶ *O Pão...da Padaria Espiritual*. Fortaleza, 1 de janeiro de 1895. Op. Cit.

⁹⁷ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 15 de março de 1895. Op. Cit.

confirmar os projetos de civilização dos letrados através da teoria, já exposta, de que o sertanejo, determinado pelas condições climáticas e pela seleção natural, apresentava uma maior propensão para a civilização. Isso explicava o fato de a província, a despeito do governo central, ter abolido pioneiramente a escravidão e Fortaleza já se mostrar uma cidade antenada com o progresso. Já na segunda fase de *O Pão*, concomitante a uma idéia negativa da civilização vai se desenhando uma visão positiva do campo. Nesse sentido, o campo é o local inculto, primitivo, essencial, que não foi tocado pelo sopro terrível da civilização. José Carlos Júnior, numa temporada que passou na Serra de Maranguape, escreveu uma carta para a Padaria que começa assim:

Não há pior desgraça para uma pequena cidade do interior do que chegar-lhe o caminho de ferro ás portas.

Vêem vocês uma cidadezinha de tres ou quatro mil almas, perdida ahi por essas mattas, ou sertões, modesta e faceira, rescendente de aromas campesinos, toda singela, toda louçã, encantadora na sua matutice robusta e sadia?

Há coisa mais agradável que viver alli uns dias de uma vida quase primitiva, em que a ausencia de mil amofinações e deslates da senhora civilisação põe um sabor especial e delicioso até mesmo no que ha de rude e grosseiro? ⁹⁸

Como fica explícito na passagem acima, o autor compara dois modos de vida, a cidade – associada à civilização – e o campo. O campo, que antes gozava “*uma vida quase primitiva*”, é incorporado à civilização através da chegada da estrada de ferro. Mas essa civilização não é bem vinda. Com a sua chegada “*(...) vão-se a poesia e a singeleza dos costumes, e começa o monstro de fogo a trazer da capital diariamente o espirito da imitação (...)*”. E a pequena e singela cidadezinha vai mudando, a civilização vai tomando conta do cotidiano.

Não tardam vir chegando as cartolas e pianos; besuntam-se as matutas com pó de arroz e os matutos com literatura, e apparecem pelas paredes a torre Eiffel e o homem do bacalhao; o barbeiro adorna a sala com as inevitaveis odaliscas de physionomia ingleza ou hespanhola; os trombones da localidade põem-se a estudar mezes inteiros a mais sedição das polkas em voga na capital; instala-

⁹⁸ *O Pão... da Padaria Espiritual*. 1 de março de 1895. Op. Cit.

se um club dansante, e um palhabote em miniatura começa a esvasiar cerveja nas tripas da população.⁹⁹

Existe um fato, além dos enumerados, que para José Carlos Júnior, é ainda mais *“tristemente ridículo”*: o matuto assumir o discurso da civilização e a partir dele desmerecer o modo de vida de sua terra. Ao entrar no trem, ele muda *“o porte, os ademanos, a linguagem”* e começa a resmungar: *“– Está resolvido a mudar-se para a capital; aquela vida do matto, já não á pode supportar; naquella cidade em que móra já não se vive, vegeta-se. Oh!... aquelles costumes... o carrancismo d’aquelle povo...”*

Vemos, então, uma outra *estrutura de sentimentos* em relação ao campo e à cidade; e essa estrutura tem a ver com a posição dos escritores em relação a esses dois espaços. O que se adquire com essa posição, como nos diz Williams¹⁰⁰, é a perspectiva da boléia. Ou melhor, atribuir uma miríade de qualidades ao campo, idealizando-o como o lugar da pureza, da ingenuidade, das relações verdadeiras e éticas, a ele opondo a cidade com toda sorte de falsidades, hipocrisias, maldades, é uma perspectiva de quem está numa certa posição, de quem está no campo a passeio. Não é toda uma realidade do campo que está aí exposta, e sim uma realidade bem selecionada pelo olhar de quem está no campo para passar uma temporada, para encontrar descanso ou inspiração poética no contato com a *natura*. José Carlos Júnior nos oferece a visão de um processo de estandarização dos modos de vida muito interessante. Afinal num período de expansão do capitalismo, em sua fase imperialista, partes do mundo que passaram a ter um contato mais incisivo com ele – e o trem foi o veículo que acelerou vertiginosamente esse processo¹⁰¹ – tenderam a amoldar-se de forma impressionante. O consumo de modas, de imagens, de letras, entre outros produtos, e a vontade de se adequar a esse mundo burguês em estilo, em comportamento, em visão de mundo, como requisito e atestado de que desta forma se estava ganhando em termos de civilização e progresso, deve ser submetido a uma dura crítica; e o autor a fez de forma admirável. O problema é que em oposição a esse mundo burguês, que devia e deve ser superado, o autor idealiza uma realidade do campo em

⁹⁹ Idem, *Ibidem*.

¹⁰⁰ WILLIAMS. Raymond. Op. cit.

que ele se colocava numa posição muito cômoda, a de quem queria ver preservado o campo porque ali poderia colocar-se longe do mundanismo citadino. A estrutura social do campo, injusta e desigual, em nenhum momento é questionada. Esse, definitivamente, não é um sonho rural, mas um sonho pequeno burguês: possuir uma vivenda no campo onde se possa passar as férias. Houve, contudo, uma sensível mudança do *pathos* romântico ao naturalista. José de Alencar, sobretudo em seus romances citadinos, já contrapunha um mundo rural essencialmente ético a um mundo urbano repleto de mundanismo e venalidade, mas a sua posição é a de quem sai do campo na condição de senhor de terras e passa a conviver na corte¹⁰². Já a condição da maioria dos naturalistas é a do pequeno burguês e letrado que procura o campo para se colocar fora do ambiente citadino, porque neste só enxerga as relações dissolutas, permeadas pelo dinheiro, e não a sociedade moderna e civilizada que almejavam.

Essa perspectiva da boléia se torna ainda mais presente quando tomarmos para análise os artigos que se referem às viagens pelo campo. Da janela de um trem, o escritor relata a experiência do contato visual com a natureza virgem que passa velozmente por ele. Antônio Sales¹⁰³, escreve um artigo para *O Pão*, intitulado “Transpondo a serra”, em que sai de um lugarejo do interior, no sertão, transpõe uma serra e segue rumo à cidade. Ele vai relatando sensações trasbordantes de beleza, entre o sertão tomado pelas cores e sombras dos fins de tarde, pequenas casas acolhidas pelas matas na serra de árvores colossais, cores, cheiros, visões de maravilhamento que o leva ao êxtase poético, até que: “*Dentro em pouco, as luzes da cidades scintilavam ao longe, como pequenos olhos fulvos de féra pestanejando a miudo...*”¹⁰⁴

¹⁰¹ Ver: HOBBSAWN, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz e Terra, 1978 ; HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia das Letras. 1988.

¹⁰² É importante estar atento para as diferenças entre a cidade moderna e a sociedade de corte que se estabeleceu no Rio de Janeiro com a vinda da Família Real. In: PECHMAN, Robert Moses. Op. Cit.

¹⁰³ Antônio Sales (1868-1940). Escritor cearense fundador da Padaria Espiritual. Sua obra mais conhecida é “Aves de Arribação” (romance)

¹⁰⁴ *O Pão... da Padaria Espiritual*. Fortaleza, 15 de julho de 1895. Op. Cit.

2º CAPÍTULO

Adolfo Caminha: os dramas da civilização

“A sua vida foi uma cadeia de elos perdidos pela sua imprudência e conjugados pela força da sua vontade”

(Frota Pessôa, escritor e amigo de Adolfo Caminha)

Adolfo Caminha nasceu no Ceará no dia 29 de maio de 1867, no município de Aracati. Aos dez anos de idade perdeu a sua mãe, vítima da grande seca de 77. Passou três anos em Fortaleza, sob cuidado de parentes. Aos treze anos de idade emigrou para o Rio de Janeiro, para continuar os seus estudos na Escola de Marinha. Só retornou ao Ceará em 1888, permanecendo até 1892. Daí em diante residiu no Rio de Janeiro até o dia de sua morte, em 1º de janeiro de 1897, com 29 anos de idade. “*A tuberculose o apanhara, dominando rapidamente o seu organismo debilitado pelo trabalho excessivo.*”¹⁰⁵

Adolfo Caminha se enquadra muito bem no papel de intelectual combativo, de mosqueteiro intelectual, que no último quartel do século XIX lutou, incansável, por reformar as estruturas do país.¹⁰⁶ Toda sua obra – pelo menos a escrita em prosa – pode ser tomada como libelo de denúncia, englobando amplos aspectos de nosso comportamento político e social, nossos costumes, enfim, nossa herança colonial e patriarcal. Homem de letras por excelência, pois em favor do ideal ilustrado e científico nunca voltou atrás, permanecendo até os últimos dias de sua vida fiel aos seus princípios. Polêmico, sarcástico, irônico, Adolfo Caminha não poupou a tinta quando se tratava de denunciar aspectos da realidade brasileira que destoavam, em sua maior parte, de seu projeto civilizatório e modernizador.¹⁰⁷ Já em 1885, em uma

¹⁰⁵ AZEVEDO, Sânzio de. “Introdução crítica: dois livros raros de Adolfo Caminha”. In: CAMINHA, Adolfo. *Tentação; No país dos lanques*. Rio de Janeiro, José Olympio; Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1979.

¹⁰⁶ Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. (4ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1995

¹⁰⁷ Sobre a biografia de Adolfo Caminha consultar: RIBEIRO, Saboya. *Roteiro de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro: São José, 1957; AZEVEDO, Sânzio de. *Adolfo Caminha vida e obra*. Fortaleza: EUFC, 1999.

sessão solene em homenagem a Victor Hugo, escolhido entre os seus colegas para ser o orador da turma, na presença do Imperador Pedro II, ele afirmou: “Ah! não poder ele assistir a nossa marcha triunfal para a Abolição e a República.”¹⁰⁸ No mesmo ano, a despeito da cautela que lhe recomendavam os colegas, pois já havia sido advertido no caso com o Imperador, publicou uma série de artigos na *Gazeta de Notícias* contra o costume na Marinha, considerado por ele bárbaro e incivilizado, de punir os infratores com chibatadas.¹⁰⁹

Homem com larga experiência de viagens por terras brasileiras e estrangeiras, adquirida nos anos em que serviu na Marinha, Adolfo Caminha contudo nunca se desvencilhou da terra natal. O pouco tempo em que passou em Fortaleza não o impossibilitou uma visão arguta da realidade da capital da província. Sem dúvida, sua obra aborda temas que são ambientados em espaços que extrapolam o espaço social do Ceará. Mas ela é valiosa porque apesar de não estar diretamente ligada à província, constitui uma referência importante para compreender o seu olhar sobre Fortaleza. Se ligarmos sua trajetória pessoal à sua obra, veremos o quanto sua experiência marcou profundamente o seu olhar; e mais, o quanto as visões sobre a cidade e o campo devem estar sempre ligadas ao ponto de vista de quem as vê, ou melhor, a forma como os sujeitos sociais experimentam esses espaços e como se situam neles. Isso, no entanto, não deve nos levar a desvendar sua obra tomando a vida como determinante, nem postular uma noção reducionista de classe social.

Em 1886, Adolfo Caminha viajou para os Estados Unidos a serviço da Marinha e dessa viagem resultou um relato de viagem com o título No país dos lanques. Entre os anos de 1888 e 1892 ele residiu no Ceará, e publicou o romance A Normalista, ambientado na capital da província. Logo depois que chegou ao Rio de Janeiro escreveu Tentação, romance que trata da ida de um casal da província para a corte – já que o romance se passa no passado. Vale a pena acompanhar seus passos para desvendarmos suas complexas visões e posicionamentos frente aos modos de vida no campo e na cidade, como essas se modificam e são matizadas ao longo de sua vida.

¹⁰⁸ AZEVEDO, Sânzio. *Adolfo Caminha: vida e obra*. Op. Cit. p. 22.

¹⁰⁹ Id. *Ibidem*.

2.1 – “No País Dos lanques”: o fascínio do progresso

A viagem que Adolfo Caminha fez aos Estados Unidos em 1886 – como ele relata em seu livro No país dos lanques –, a bordo do Navio Barroso, pode ser vista como um prenúncio do olhar que ele lançaria sobre Fortaleza anos depois. Este relato de viagens foi publicado em 1890, em Fortaleza, no *Diário do Ceará* e, em 94, é enfeitado em volume, no Rio de Janeiro. Ele foi escrito em um período de grande euforia do meio letrado com o progresso técnico-industrial das ditas nações mais evoluídas e da necessidade premente de o Brasil, imerso no atraso de uma herança rural e monárquica, sintonizar-se com os alarmas dos novos tempos. Recém proclamada a República, pela qual Adolfo Caminha havia lutado ao lado da ala mais radical do republicanismo, representada no Centro Republicano, o período é marcado por grande entusiasmo entre os intelectuais com respeito ao seu papel como arautos da ciência e orientadores dos rumos a serem seguidos na instauração de uma sociedade moderna no Brasil. Esse relato de viagem – que segundo Sânzio de Azevedo foi o primeiro, senão o único, que até aquele momento havia sido escrito por um autor brasileiro descrevendo os Estados Unidos – pode ser tomado como o registro do contato de um intelectual da periferia do capitalismo com uma nação que naquele momento já apresentava um vultuoso avanço técnico-industrial e, também, como a experiência do contato com uma metrópole moderna.¹¹⁰ Acresce-se a isso o fato de os Estados Unidos ser freqüentemente citado pelos intelectuais brasileiros como exemplo de nação moderna, pois era um país americano que já fora um colônia da Inglaterra e, conquistando a sua independência pioneiramente, figurava naquele momento como uma república rica e progressista. No prefácio do livro, depois de definir uma vinculação com o naturalismo, através da inspiração de Taine, Adolfo Caminha afirma: “*Os poucos meses que passei nos Estados Unidos apenas me proporcionaram o ensejo de admirar, através de um prisma todo pessoal, o progresso assombroso desse extraordinário país*”¹¹¹

¹¹⁰ Ver: HOBBSBAWN, Eric. *A Era do Capital*. São Paulo: Paz & Terra, 1989.

¹¹¹ CAMINHA, Adolfo. *Tentação; No país dos lanques*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. p.116

Através do seu olhar, podemos vislumbrar a força imaginária com que as noções de progresso e de civilização se impunham aos intelectuais do século XIX. Essas noções, ligadas diretamente à cidade, norteiam o seu olhar, servem de parâmetro comparativo, elas determinam o que deve ser visto e como julgar um povo em seus costumes, em suas construções arquitetônicas, em seu aspecto físico e em sua forma de pensar. O escritor não esconde a sua expectativa em chegar “...ao país maravilhoso dos lanques, ao berço da eletricidade, todos conhecer de visu o celebrado país das descobertas engenhosas”¹¹²

Da mesma forma, tudo aquilo que fugia ao espectro do que era considerado civilizado era logo taxado pelo autor como barbárie. Para Adolfo Caminha, então, havia uma linha nítida que separava a civilização da barbárie. A primeira ligada à técnica, ao progresso, à urbanidade, à educação, ao refinamento, aos bons valores morais, diretamente emanados do homem branco europeu ou americano; a segunda, relacionada ao atraso, aos maus hábitos, à ignorância etc. Norbert Elias ao conceituar civilização, escreve:

Ela resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Com essa palavra a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.¹¹³

Antes de chegar aos Estados Unidos, o Barroso margeou a costa da América Central, aportando em algumas cidades. Durante toda a sua viagem ele vai relatando e definindo o que, para ele, podia ser considerado como civilizado ou como Bárbaro, e a esses dois conceitos ligando costumes, formas arquitetônicas, fisionomias das cidades etc. Quando o *Barroso* chegou à ilha de Barbados, uma das colônias inglesas na América Central, Adolfo Caminha espantou-se: “...parece realmente um país semibárbaro aquele...” com uma “...medonha horda de capadócius, ou que melhor nome tenham esses turbulentos demônios”¹¹⁴ Quando define a raça daquela população, seu juízo se faz mais

¹¹² Id. Ibidem., p.127

¹¹³ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1994, p. 23.

¹¹⁴ CAMINHA, Adolfo. *Tentação; No país dos lanques*. Op. Cit., p. 124

claro. Ele escreve, antes das afirmações acima citadas: “*A população, na maior parte negra, é composta de gente de baixa classe e geralmente intratável.*” Assumindo abertamente o discurso civilizatório, Adolfo Caminha sempre se refere aos negros como bárbaros. Em outro momento do relato, quando o Barroso aporta em Anápolis – uma cidade do sul dos Estados Unidos com grande presença de negros ex-escravos – o autor liga novamente o atraso e a barbárie à presença dos negros.

Anápolis é como uma nota dissonante na civilização americana. Imagine-se um quilombo africano, uma grande aldeia cortada de ruas desiguais, estreitas e desalinhadas, com um aspecto sombrio e detestável de velho burgo colonial, onde se move uma população na maior parte negra e atrasadíssima – e ter-se-á essa antítese da cidade moderna.¹¹⁵

O processo civilizatório englobava amplos aspectos da realidade social. Além da questão de raça, ligando sempre aos negros atributos de selvageria e barbaria, o trecho acima aponta o próprio traçado urbano como passível de ser qualificado em um dos lados da linha que separa a civilização da barbárie. Ao se referir tanto à ilha de Barbados como à cidade de Anápolis, Adolfo Caminha ressalta as ruas estreitas, mal calçadas, desalinhadas, como sinais destoantes daquilo que considera civilizado. Haussmann foi o responsável pelo grande bota a baixo na cidade de Paris, no Império de Napoleão III.¹¹⁶ A intervenção autoritária feita pelo prefeito de Paris no traçado urbano, sob a égide do Estado, alinhando, nivelando e alargando as ruas do centro, destruindo todos os cortiços e velhos casarões, e levantando em seu lugar uma fachada moderna e glamorosa, passou a ser, a partir daí, uma referência de urbanidade e civilização, almejada pelas autoridades dos países periféricos como atestado

¹¹⁵ Id. *Ibidem.*, p. 170

¹¹⁶ Nesse sentido ver: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias sobre o urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1999; RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz. “Urbanismo: olhando a cidade, agindo na sociedade”. In: PECHMAN, Roberto Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

de que suas capitais acompanhavam os novos tempos¹¹⁷. Segundo Sandra Jatahy Pesavento:

Entendemos, todavia, que se Paris se constitui no paradigma da cidade moderna, metonímia da modernidade urbana, isso se deve em grande parte, às forças das representações construídas sobre a cidade, seja sobre a forma de uma vasta produção literária, seja pela projeção urbanística dos seus projetos, personificados no que se chamaria 'haussmanismo'.¹¹⁸

Adolfo Herbster foi responsável pela reforma da malha urbana em 1875 – inspirada em Haussmann – que tornou as ruas de Fortaleza *largas, bastante espaçosas e compridas*, com traçado em xadrez. Anos depois, a rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, pretendia cumprir a função de tornar o centro de Fortaleza um importante ponto comercial sem ofender o “requisite” da burguesia local¹¹⁹. Na segunda metade do século XIX o capitalismo expandiu-se de forma extraordinária e com ele todum modo de vida e imaginário burguês. Esse processo pareceu inexorável àqueles que o assistiram. Aos países que estavam na periferia do capitalismo urgia acertar os ponteiros e pôr-se lado a lado com os países que figuravam como exemplo de progresso e civilização.¹²⁰ Como as cidades eram o cartão-postal desses países, foi sobre elas que incidiu o esforço das autoridades locais no sentido de aformoseá-las. Nesse sentido, em todo o relato de Adolfo Caminha está presente um paradigma comparativo. Sempre ao se deparar com determinadas imagens ele se remete ao Brasil, normalmente para mostrar o atraso de nosso país. Não à toa Adolfo Caminha se ressentia ao ter que falar dos “*inconvenientes dos nosso beco*” ao se referir à Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Comparada a Canal Street, avenida principal de Nova Orleans, a Rua do Ouvidor parecia-lhe muito atrasada. Devemos atentar para o fato de que o novo traçado da cidade não atendia apenas aos anseios de embelezamento, ele facilitava o trânsito mais

¹¹⁷ Pereira Passos foi o responsável pela intervenção urbana no Rio de Janeiro, em 1904, inspirada em Haussmann e pelo bota a baixo nos cortiços do centro. Ver: CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Cia da Letras, 1996; CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

¹¹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. p. 31. Walter Benjamin também denominou Paris a capital do século XIX.

¹¹⁹ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

¹²⁰ NEVES, Margarida de Souza. *Brasil, acertaí vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991

eficaz de mercadorias, assim como tinha um forte caráter ordenador: evitava motins e afastava os pobres do centro da cidade, tanto pela valorização imobiliária dos terrenos, como através de códigos de postura que exigiam um determinado figurino de difícil acesso às camadas populares.¹²¹

Esses parâmetros de civilização incidiam também sobre as ditas avenidas centrais. Walter Benjamin as considerava uma alegoria da sociedade moderna, pois concentrava de forma impressionante os símbolos do capitalismo, que tem por essência a troca de mercadorias. Essas avenidas tumultuadas, repletas de casas de comércio, representavam incontestavelmente a sociedade do trabalho e do capital, nesse período avassalador de generalização dos modos de vida burguês e liberal, capitaneada pelo Imperialismo das nações do centro do capitalismo.¹²² Desta forma, Adolfo Caminha sempre oferece especial destaque à descrição dessas avenidas centrais, procurando sublinhar o seu cotidiano movimentado, pessoas indo e vindo, veículos repletos de mercadorias, a euforia, o lufa-lufa, a rodaviva dessas grandes capitais, centros comerciais, por onde escoam produtos, seja para serem exportados ou para serem distribuídos internamente.

As ruas longas e direitas, cruzam-se geometricamente e distinguem-se pela numeração (Fourteen street, Fifteen street etc.).

A Broadway é o centro comercial, a rua de maior movimento cotidiano – equívale à City de Londres.

Aí é que os carros se atropelam, que os transeuntes se abalroam numa confusão burlesca e indescritível de que a nossa Rua do Ouvidor não dá sequer a menor idéia. Negociantes, capitalistas, banqueiros, corretores, operários e vagabundos acotovelam-se, empurram-se, pisam-se os calos e vão seguindo adiante, sem olhar para a trás, carregados de embrulhos, suando num verão, que costuma ser muito forte em Nova Iorque. A gente vê-se abarbada, para romper aquela multidão cerrada, compacta e egoísta.

Um cosmopolitismo sem igual em parte alguma.

Americanos, ingleses, espanhóis, franceses, italianos, alemães, gente de todas as nacionalidades(...) confundem-se nas ruas de Nova Iorque, enchendo-as em ondas sucessivas e tumultuosas, como em dias de carnaval no Rio.¹²³

¹²¹ Sobre o assunto ver: BENJAMIN, Walter. Op. Cit.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

¹²² HOBBSAWN, Eric. *A Era do Capital*. Op. Cit.

¹²³ CAMINHA, Adolfo. *No país dos lanques*. Op. Cit., p. 165

Nessa passagem encontramos todos os elementos para discutir um fenômeno que muito inquietou os observadores do século XIX: a multidão¹²⁴. O ritmo frenético e a impessoalidade de pessoas transitando, umas sem conhecer as outras, numa diversidade de nacionalidade e de classe, os destinos desencontrados, os encontros casuais e fortuitos, dados por um relance do olhar, por um atropelo no meio da rua movimentada, numa aparente desorganização, tudo formando uma massa “*cerrada, compacta e egoísta*”, subjazem o cotidiano da metrópole moderna. Esses homens sem face, sem aura, perdidos no meio de um sem sentido de suas vidas, na verdade estão unidos, segundo Walter Benjamin, por fios invisíveis, a produção e reprodução da sociedade capitalista, que tudo transmuda em lugar vazio: o mundo alienado e reificado da forma-mercadoria. Adolfo Caminha busca se colocar como *flâneur*, como observador imparcial no meio da multidão, mas é arrebatado pelo ritmo convulso da vida na metrópole moderna, a ponto de confessar:

Eu, por mim, confesso que Nova Iorque produzia-me vertigens. O desejo imoderado de tudo ver, de tudo observar, de tudo saber, trazia-me uma inquietação contínua, tirava-me o sono, arrebatava-me a todas a comodidades, torturava-me o espírito de análise.¹²⁵

É uma atitude misto de fascínio e repúdio; se tudo o tornava maravilhado, ele se sentia incapaz de desvelar a razão que ordenava os destinos aparentemente desencontrados dos passantes. O observador-espectador colocou-se no meio do turbilhão da multidão e do elenco variado e multiforme de mercadorias expostas nas vitrines e se sentiu como um outro passante qualquer.

Contudo, Adolfo Caminha chegou a Nova Iorque em um dia de domingo. O cenário da cidade era completamente outro, bem diferente daquele de um dia de trabalho. Os armazéns fechados, as praças e ruas abandonadas, o silêncio descansado nos telhados, o olhar se prolongando até se perder no horizonte da rua larga e plana dava mesmo a impressão de que um dos

¹²⁴ Ver: BRESCIANI, Maria Stella. “Século XIX: a elaboração de um mito literário”. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba: Associação Paranaense de História, ano 7, nº 13, p. 221-244, dez. 1986; SEVCENKO, Nicolau. “Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe”. In: *Revista Brasileira de História*. Rio de Janeiro: ANPUH/Marco Zero, vol. 5, nº 8/9, p.69-84, set. 84/ab. 85. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário...* Op. Cit. BENJAMIN, Walter. Op. Cit.

¹²⁵ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 163

maiores centros de comércio dos Estados Unidos era na verdade uma cidade fantasma.

Toda a gente deserta para os arrabaldes, as ruas, muito largas e compridas, permanecem ermas e cheias de silêncio, entregues à vigilância dos *policemen*. Todas as casas comerciais, todos os armazéns, todas as fábricas, todos os estabelecimentos públicos, conservam-se fechados e taciturnos, como numa cidade abandonada.¹²⁶

A velocidade com que se modificou a paisagem de um dia para o outro impressionou o nosso escritor. A sociedade moderna, baseada na produção desenfreada da mercadoria se apresentava como uma extensão do sistema de fábrica, e, desta forma, submetia o cotidiano da metrópole aos ritmos resultantes da produção e reprodução do capital. Sem a circulação da mercadoria Nova Iorque perdeu a vida e se mostrava como uma cidade fantasma. Nesse sentido, segundo Foot Hardman:

...o espaço urbano da grande metrópole assume ele próprio a figura de uma aparição; pintores e literatos, a partir pelo menos de 1830, passaram a esboçar os traços dessa cidade fantasma (...) resultantes de uma dialética entre o aparecer e o desaparecer.¹²⁷

Depois de deixar Nova Iorque, o Barroso aportou em Nova Orleans na ocasião da *Exposição das Três Américas*. As exposições universais tiveram o seu período áureo na segunda metade do século XIX; através delas os países expunham o seu avanço técnico e podiam figurar como um país desenvolvido entre as outras nações. Elas nos mostram o fascínio que o século XIX nutria pelo sistema fabril e a necessidade premente que os países periféricos se impunham no sentido de acompanhar o progresso das nações ditas mais avançadas. Sendo a primeira Exposição Universal realizada em Londres em 1851, onde foi construído o exuberante Palácio de Cristal, a partir daí várias exposições internacionais e locais foram organizadas. Segundo Foot Hardman:

¹²⁶ Id. *Ibidem.*, p. 160

¹²⁷ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Cia das Letras. 1988. p. 29

Não se podia passar incólume ante o espetáculo das forças produtivas concentradas nesses espaços. A figura típica com que se faz parecer a sociedade capitalista – como uma ininterrupta coleção de mercadorias –, segundo a forma descrita por Marx nas primeiras linhas de *O Capital*, adquiria nas exposições, mesmo muito antes dos hipermercados, concretude exemplar¹²⁸.

Já em 1866 foi organizada uma exposição levada a cabo pelas elites locais com o objetivo claro de mostrar o Ceará como uma das províncias antenadas com os novos tempos. Ela era apenas umas das tantas que foram organizadas pelas elites nacionais no final do século XIX e início do XX, com a intenção, mais do que apenas fazer um levantamento das forças produtivas do país, estimular o desenvolvimento do moderno sistema de fábrica; ou melhor, elas eram um apelo em prol da industrialização do país. É ainda Foot Hardman, ao analisar os discursos das elites brasileiras em ocasião das exposições nacionais, que nos mostra o enforque todo especial desses discursos ao se referirem à produção mais de ponta de nossa economia, já que nas exposições figuravam as mais diversas áreas de produção e conhecimento do Brasil.

Não obstante todo o esforço das elites nacionais em colocar o país ao lado de outros mais progressistas, Adolfo Caminha se constringe perante o lugar que o Brasil ocupa nessa exposição. É ao comparar as posições que o Brasil e os Estados Unidos ocupam no coreto das nações, que fica patente o lugar ocupado por nosso país em contraponto ao ocupado pela nação lanque.

Amostras de madeira, café em grão, fumo, artigos de borracha, constituíam os principais produtos brasileiros expostos à curiosidade dos visitantes de quase todas as partes do mundo civilizado. O pavilhão do Brasil deixa-se ficar num plano inferior aos das outras nações, como se fôssemos um pobre país, cujos produtos não valessem a pena ser expostos num certame internacional¹²⁹.

Outro lugar parece ocupar o Estados Unidos, que já se mostrava um proeminente país com respeito à produção de artigos industrializados. Mais uma vez Adolfo Caminha ressalta o poder imaginário que a produção fabril exerceu sobre os homens século XIX.

¹²⁸ Id. *Ibidem.*, p. 51

¹²⁹ Id. *Ibidem.*, p.140

Escusado, parece, falar do importante lugar que coube aos Estados Unidos. Que profusão de máquinas e instrumentos industriais de invenção puramente americana! Ali mesmo, à vista do observador, fabricavam-se os mais curiosos objetos de fantasia e de uso doméstico; o linho, o algodão, a seda – eram tecidos rapidamente aos olhos de todos.¹³⁰

Desta forma, Adolfo Caminha deixa muito claro naquele momento a divisão internacional do trabalho, em que alguns países concorrem com produtos industrializados e outros com produtos primários, o que para ele se apresentava como uma realidade lamentável, como se o Brasil estivesse em falta e atraso com relação às nações desenvolvidas. Essa passagem nos faz pensar também nas fantasmagorias a que se refere Walter Benjamin. As máquinas funcionando sozinhas, como se tivessem vida própria, sem nenhuma mão humana a operá-las... Elas tornam ainda mais sintomático o fetiche que separa os produtores de seus produtos, encobrem o trabalho humano que está implícito na feitura de qualquer produto.

Para além de elementos ligados puramente à produção de mercadorias, nos diz Pesavento:

As exposições foram também elementos de difusão/aceitação de imagens, idéias e crenças pertinentes ao ethos burguês. Nesse sentido, elas procuravam passar a noção de que o progresso era necessário e desejável, o capitalismo provoca o bem-estar, a fábrica era o lugar da harmonia e não do conflito...¹³¹

Isso só ideologicamente, pois a grande atração do Brasil nessa exposição foi o navio de guerra no qual Adolfo Caminha ia a bordo. Paralelo às modernas engenharias de produção estava exposta a moderna tecnologia bélica, o que deixava explícito, já naquele momento, que a luta por mercados e produtos usava expedientes bem menos confessáveis do que a livre e pacífica concorrência entre as nações.

Alguns dias depois Caminha resolveu visitar novamente o lugar onde tinha se realizado a exposição. E para seu espanto: "*Nada mais restava se não o esqueleto nu do edifício em via de demolição. Todos os objetos tinham sido tirados com assombrosa rapidez*". Esse fato nos remete, mais uma vez, às

¹³⁰ Id. Ibidem., p. 140

¹³¹ PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do Século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997. p. 15

idades fantasma que nos fala Foot Hardman¹³². Todo aquele exibicionismo burguês, todo o alvoroço de pessoas indo e vindo, todo o fascínio pelo prédio suntuoso da exposição e, de repente... sumiu. A forma efêmera e provisória da modernidade, com sua compulsão doentia pelo novo, que não é se não o sempre igual da fetiche-mercadoria, se apresentava ali de forma visível e alegórica. O espetáculo das exposições se repetiria outras vezes, com outros figurinos, outro palco, até com cenas muito diferentes, mas o enredo seria o mesmo.

Foram as cidades, sobretudo, que concentraram essa gama de valores em torno do progresso e da civilização, porque foi em suas malhas que se instalaram as indústrias e que passaram a residir a elite empresarial burguesa. Elas tinham uma aparência grandiloqüente, expunham novos símbolos que representassem a grandeza e o poder de uma nova classe, um novo sistema, uma nova forma de organizar a vida. Caminha sentia-se maravilhado com sua visita a Nova York, embevecido, como numa ânsia de ver as cidades brasileiras mostrarem-se tão imponentes e majestosas. De cima da ponte do Brooklyn contempla estupefacto os ganhos do progresso. O olhar é de admiração, é de estranhamento frente ao novo, frente às conquistas do homem, do homem e seu poder, o poder da ciência.

E punha-se na embriaguez do grandioso, a pensar no progresso dos Estados Unidos, desse país modelo, onde tudo move-se por meio de eletricidade e vapor, onde tudo é feito às carreiras, num abrir e fechar de olhos, sem a menor perda de tempo; vinha-me à imaginação escandecida as descobertas de Franklin, de Fulton e de Edison, as maravilhosas experiências sobre o telégrafo, sobre o telefone e sobre o fonógrafo, e eu repetia com os meus botões, mergulhando o olhar na distância, abarcando a cidade inteira:

- Grande país. Grande povo, gente feliz, que sabe compreender a vida e amar a pátria.¹³³

Contudo, Adolfo Caminha já aponta para alguns problemas ligados ao modo de vida na metrópole. Sua perspectiva não é a de entrega total e acrítica ao maravilhoso da ponte de *"aspecto feérico"*, *"... destacando-se em alguns pontos, focos de luz elétrica, enormes botões de brilhante que encandeiam a*

¹³² HARDMAN, Foot. *Trem Fantasma...* Op. Cit.

¹³³ CAMINHA, Adolfo. *Tentação; No país dos lanques*. Op. Cit., p. 164

vista". Ele tinha, naquele momento, arguta percepção para compreender as perdas advindas com a civilização.

É tensionado por experiências tão novas na cidade-metrópole que Adolfo Caminha lembra-se do campo. Este lhe surgiu idealizado como um refúgio da civilização, como uma antítese ao lufa-lufa do progresso e ao corre-corre das ruas: *"invejava os simples, os sertanejos, os homens do campo – esses para quem a vida corre sempre calma, porque o seu coração não conhece outro amor senão o da esposa e dos filhos..."*¹³⁴

Esse conjunto de valores contrastantes representam, sem dúvida, um tensionamento frente ao novo modo de vida que representava a cidade e também uma nova gama de valores atribuídos ao campo, nesse século convulso de transformações alucinantes. Se, por um lado, ela representa o progresso, as conquistas tecno-industriais, o trânsito mais acelerado de idéias e valores, propiciando um ambiente cultural mais rico e efervescente; por outro – para a sensibilidade do escritor – algo parece ter se perdido: a simplicidade de um mundo estável e de valores essenciais, a identidade entre os habitantes de uma mesma comunidade e a possibilidade de uma compreensão dos laços que ligam os seres humanos. Esse é um drama contumaz que acompanha o escritor em toda a sua obra. Recorrer ao campo como um refúgio ao conjunto dos dramas dos cidadãos, projetando uma paisagem edênica à qual sempre se retorna em lembrança, ou concretamente, é admissível como uma sensibilidade própria do escritor. O que não é admissível é corroborar com o autor aceitando a idéia de que o campo é realmente um espaço de relações éticas e afetivas, isento de diferenças e contradições.

Foi importante deter-se nessa viagem que Adolfo Caminha fez aos Estados Unidos porque ela alimenta o argumento de que o autor apresentava uma visão um tanto externa e comparativa da sociedade cearense. Essa viagem moldou o seu olhar, ela serviu de parâmetro para ele, anos mais tarde, ao aportar na cidade de Fortaleza, julgá-la segundo determinados valores pré-estabelecidos, segundo uma visão condicionada e treinada em selecionar aspectos da realidade que pareciam mais substanciais para a sociedade do século XIX.

¹³⁴ Id. Ibidem., p. 138

Em vários momentos desse relato Adolfo Caminha se lembrou do Brasil, mas foi da janela de um trem que cruzava as terras americanas que essa lembrança transmuda-se em saudade. O escritor vai descrevendo a visão dos *“algodoais desfolhados pelo rigor do inverno... fantasmas brancos no silêncio do descampado..., casas de campo deliciosas para se passar o verão...brancas e desoladas”*, até que, em suas palavras: *“Eu me transportava outra vez ao Brasil, outra vez eu tinha a nostalgia da pátria, a saudade vaga e inexplicável de minha terra natal. “*

2.2- “A Normalista”: um olhar educado sobre a província

“Quem quiser conhecer a cidade da Fortaleza e intoxicar-se um pouco com a barbaria semicivilizada de uma capital provinciana (...) não tem mais do que abrir o livro de Adolfo Caminha e entregar-se à leitura de suas páginas sem preocupação de crítico”

(Araípe Júnior, crítico e escritor cearense contemporâneo de Adolfo Caminha)

Depois de sua viagem aos Estados Unidos, Adolfo Caminha passa cerca de três anos no Rio de Janeiro, para depois ser transferido para Fortaleza. A partir dessa experiência na capital cearense que ele escreve o seu romance A Normalista. É a concepção de uma cidade atrasada, pouco civilizada, sobretudo do ponto de vista dos costumes, o que dá força a um certo olhar que Adolfo Caminha lança sobre a província. O seu olhar era de fora para dentro, dos centros mais civilizados para os mais atrasados. Ele é o romancista que, no Ceará, melhor expôs em suas obras o desejo por uma cidade civilizada e progressista segundo os moldes europeus. Os seus esforços se centram na compreensão dos costumes da burguesia local, procurando compará-la à burguesia de outras capitais que ele considerava mais avançadas culturalmente.

Em *A Normalista* esse aspecto permeia praticamente todo o romance. As descrições do ritmo da vida da província ressaltam a lentidão e a monotonia do cotidiano.

A cidade permanecia na sua costumada quietação provinciana, muito cheia de claridade, bocejando preguiçosamente de braços cruzados, à espera do progresso. Suava-se por todos os poros e respirava à custo, debaixo d'uma equatorial acabrunhadora. Estalava à distância, num ritmo cadenciado e monótono, o canto estridente e metálico d'uma araponga, cujo eco repercutia em todo âmbito da pequena capital cearense.¹³⁵

O tempo, nesta passagem, surge como principal elemento diferenciador entre o ritmo da província e o das grandes capitais. Ao tempo acelerado das grandes capitais, a província opõe o tempo "cadenciado e monótono". Existe, também, uma percepção sensorial quanto à marcação desse tempo. De um lado está o tempo das metrópoles, ditado pelo resfolegar das máquinas e pela passagem milimétrica dos segundos; este é o tempo do progresso, que não chegou à província. Do outro, o canto prolongado da araponga determinando um ritmo lento e moroso, como uma evidência de que a província ainda não acompanhava a cadência dos novos tempos.

O tempo, na modernidade, está relacionado diretamente a uma nova forma de organizar a vida tendo como imperativo a atividade produtiva¹³⁶. Francisco José Pinheiro¹³⁷ analisou os discursos das elites locais no sentido de incluir os homens pobres livres nessa nova ordem produtiva. Tratava-se de condenar o ócio e a bandidagem e erigir o trabalho como irradiador de valores morais¹³⁸. Nesse sentido, era um clamor geral das elites que um cotidiano de trabalho se impusesse à província como evidência de que esta transpirava progresso. Essa noção de tempo aliado à atividade produtiva passa a permear de forma generalizada o cotidiano das cidades. O que se esperava de uma

¹³⁵ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza, ABC, 1999. p. 78

¹³⁶ SEVCENKO, Nicolau. "Metrópole: a matriz da lírica moderna." In: (org.) PECHMAM, Roberto Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. p. 61-72

¹³⁷ PINHEIRO, Francisco José. O Homem livre - pobre e a organização das relações de trabalho no Ceará". In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, v. 20-21, nº 1 e 2, 1989/90, p. 199-230.

¹³⁸ Para uma discussão dessa questão no Rio de Janeiro ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

cidade moderna era um cotidiano movimentado, com pessoas indo e vindo com a preocupação de não perder tempo. Maria Stella Bresciane, ao falar de Londres, numa passagem muito ilustrativa, nos dá a dimensão do dia-a-dia das grandes metrópoles e a sua relação com o trabalho:

“O fluxo ininterrupto dos homens no trabalho, dos homens deslocando pelas ruas, dos homens ocasionalmente fora do trabalho, dos homens que tiram sustento trabalhando nas ruas, dos homens que vagam recusando-se a trabalhar, dos homens que se mantêm através de expedientes pouco confessáveis: tudo é submetido a esse olhar avaliador”¹³⁹

Esse cotidiano atribulado, que Adolfo Caminha identificou em Nova Iorque em No país dos lanques, não viu na capital da província. Desta forma, podemos dizer que ele estava preocupado, com respeito à cidade de Fortaleza, em compreender de forma mais detalhada o “*modus vivendi*” da burguesia local. A Normalista traz à tona os espaços em que o próprio autor conviveu enquanto intelectual e homem das camadas médias. A sua crítica se detém, não em exaltar os novos signos do progresso da província, mas, de uma forma invertida, denunciar as imperfeições, os projetos inconclusos, as distorções na forma como foram assimilados os valores civilizados e o contraste destes com a realidade de uma elite local conservadora, mesquinha e tupiniquim.

A Normalista foi publicado em 1893 no Rio de Janeiro, quando o escritor já havia deixado a província e se vira obrigado pelas circunstâncias a residir na Capital da República. Não é exagero qualificar A Normalista como um romance vingador. Com ele Adolfo Caminha intentou vingar-se daqueles que haviam lhe causado tanto mal na província, a ponto de ele ter que abandonar a carreira militar e se contentar com um mero cargo de amanuense. O romance causou grande rebuliço na província, pois, depois de publicado, em suas páginas era fácil identificar nos personagens os traços caricatos das pessoas as quais o autor pintou com irrepreensível sarcasmo. A Normalista, então, é resultado de uma experiência frustrada do escritor no tempo em que passou na sua terra natal, que ele tanto desejava rever.

¹³⁹ BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX). In: *Revista Brasileira de História*. Op. Cit., p.39

A trama do romance não é complicada. **Maria do Carmo** é filha de um casal do campo que, devido à seca de 1877, teve que migrar para Fortaleza. Sua mãe morreu e seu pai se viu obrigado a tentar ganhar a vida na Amazônia, tendo que deixar sua filha sob os cuidados de seu padrinho, **João da Mata**. Maria do Carmo se apaixona por **Zuza**, filho de um figurão da província e estudante de direito no Recife, e tem como confessora e amiga inseparável **Lídia**, filha de uma mulher solteira. João da Mata, sujeito torpe e mesquinho, vê crescer Maria do Carmo e junto com ela o seu desejo infame de possuí-la. O trama se desenrola a partir das expectativas de Maria do Carmo em ver realizado o seu desejo de casar com Zuza, ao mesmo tempo que tem que resistir as arremetidas libidinosas de seu padrinho.

Saboya Ribeiro, biógrafo de Adolfo Caminha, procura descrever, em poucas palavras, o retrato da Fortaleza provinciana, quando Adolfo Caminha aportou em suas praias, no fim do ano de 1889.

Essa era a Fortaleza de 1888-1889. A Fortaleza velha. A Fortaleza de rodas de calçada. Dos despejos malcheirosos feitos em “cubos” à cabeça. Dos jumentos vendendo água de baixo dos barrilzinhos, em pé, nas calçadas. Dos enterros conduzidos pelos gatos pingados, nos seus uniformes funanlescos – de cartola, dois a dois, a passo ritmado – segurando as travas. Das fogueiras de São João e São Pedro, como se a cidade fosse um vasto acampamento do tempo da Colônia. Dos jornaizinhos especializados na vida alheia e no namoro das pobres donzelas. Da alegria grossa do entrudo e das fogaças de fim de ano com os Congos na rua e o boi-surubi espalhando-se cercado da molecagem.¹⁴⁰

No entanto, a Fortaleza que Adolfo Caminha encontrou não era apenas essa do trecho acima. Ela misturava traços civilizados com provincianos, em todos os seus aspectos: um jumento carregando água nas ruas largas e calçadas; um vendedor de leite batendo palma na porta de um casarão em estilo neoclássico e ouvindo lá de dentro a resposta da velha senhora “passa mais tarde, que o senhôzinho saiu, foi para o mercado, mas volta já”.

Sebastião Rogério da Ponte dá muito ênfase em seu livro¹⁴¹ aos traços modernos dessa Fortaleza do final do século XIX. As praças ajardinadas, os clubes dançantes, o mercado de ferro, a modernização do porto, o traçado em

¹⁴⁰ RIBEIRO, Saboya. Op. Cit. p. 33

¹⁴¹ PONTE, Sebastião Rogério da. Op. Cit.

xadrez, a iluminação a gás, o bonde, as modas importadas da Europa, segundo o autor, são evidências de que Fortaleza se modernizou ou, pelo menos, tomou feições de cidade civilizada. Contudo, Adolfo Caminha e parte dos letrados, com seus marcantes projetos reformadores, não se cansavam em afirmar que esses traços não bastavam como testemunho de que a província civilizou-se. O manifesto dessa insatisfação do escritor encontraremos ao longo de sua militância letrada, escrevendo nos jornais, parte fundados por ele, nos romances e na sua crítica literária.

Em 1891 Adolfo Caminha é diretor e articulador da *Revista Moderna*.¹⁴² Nesse periódico – que tem deveras as características de uma revista, pois tem número considerável de páginas, bem diferente dos pequenos jornais em circulação no período – é fácil identificar uma herança de *A Quinzena*, em sua vontade de se distinguir dos periódicos voltados exclusivamente à política, e direcionado mais especificamente às ciências e às artes. O próprio Adolfo Caminha escreve, na apresentação do periódico, em seu 1º número:

Por falta de um periódico sério, nascido de intuitos honestos, habituámo-nos a viver alheios á corrente scientifico-litteraria moderna, colhendo apenas noticias isoladas e de pouca monta nos jornaes do sul, em consequencia da difficil e despendiosa aquisição de livros novos.¹⁴³

Publicada num período em que os jornais literários se encontravam em franca decadência – pois *A Quinzena* não circulava mais – e parte dos letrados se viam envolvidos com a política da recém proclamada República, a “Revista Moderna” enfatiza a importância de manter vivos os ideais civilizatórios que se plasmavam no papel do saber, científico e letrado, na definição dos caminhos a serem tomados pela nação brasileira, em sua busca frenética para alcançar o estágio de civilização e progresso dos países europeus e da “grande” nação lanque, que crescia a olhos vistos. Joaquim Fabrício dos Santos, no primeiro

¹⁴² Entre os membros da Revista Moderna destaque, entre outros: Raymundo Farias Brito, João Brígido dos Santos Filho, Juvêncio de Siqueira Montes, Antônio Duarte Bezerra, Pedro Fabrício de Barros e Luiz Vieira. Como vemos, são, em sua maioria, autores poucos conhecidos no cenário literário do Ceará até aquele momento, o que dá indícios da formação de uma nova geração de homens de letra.

¹⁴³ *Revista Moderna*. Fortaleza, 1º de janeiro de 1891. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1-448, 01,09.

número da *Revista Moderna*, ao escrever sobre uma simples passagem de ano, evidencia o clima de euforia que reinava entre os intelectuais.

Eis-nos no alto da montanha! Mais um degrau conquistado na cordilheira do tempo.

Em baixo está o passado, envolvido em seu longo sudário de decepções, - em cima o futuro com todos os atractivos da esperança. Um é vida que transmonta encarando-se no sol do primeiro dia do anno, o outro a sombra que se affasta, pelo desaparecer da luz que acabou hontem.

O alvorecer de um contrastando com o escurecer do outro.

Contemplamos daqui a humanidade sobre essas duas perspectivas – descendo para o passado e subindo para o futuro.

Sua marcha evolutiva ou revolucionária através dos tempos é como a escala do patriarcha hebreu, que vai da terra ao céu, e por onde cursam todas as gerações em busca do seu fim. E o caminho por onde passa á immortalidade a raça dos eleitos, e por onde desce ao sepulcro do esquecimento aquelles que não têm força para subir.

Em todos os tempos a lueta tem sido o fator permanente do grande resultado do aperfeiçoamento humano.

No momento em que o homem troglodyta teve necessidade de apanhar um páo ou uma pedra para se defender da féra no meio da floresta primitiva, transluzio-lhe no cerebro a primeira idéa do combate, da gloria e da decepção.

O instinto da conservação deu-lhe a primeira manifestação da lueta physica, e esta era, por assim dizer, o preambulo de outra peleja mais sublime e fecunda – a conquista pelo aperfeiçoamento moral da espécie.

Foi então que collocou-se entre elle e o meio que o cercava a rivalidade constante de exceder, sobrepujar e levar de vencida todos os obstáculos que o vedavam de caminhar e progredir.

Ao lado da força bruta surgio a actividade intellectual que deixava ver no futuro o muito para que nascera o homem.

O espírito levantou-se, deu azas ao pensamento, creou idéas e teve consciencia de si (...)

Todas essas maravilhas das sciencias e das artes que fazem o orgulho da nossa geração foram o objeto dessa faculdade em cujo *desideratum* deixou em relevo o seu alto valor significativo para a realisação de novos empreendimentos fatalmente ainda ter lugar (...)

Somos d'aqueles que pensam que a tibieza e a covardia são os elementos mais perniciosos do estacionamento de um povo e que a virtude contra esses dois crimes são: - a imprensa que moraliza e transforma, e o pensamento que põe em actividade todas as forças do cerebro e do coração (...) ¹⁴⁴

Como vemos, o trecho acima está eivado de um entusiasmo marcante. Baseado em uma leitura cientificista e evolucionista, o autor destaca o papel dos letrados na marcha triunfante em direção ao progresso. Estes,

¹⁴⁴ *Revista Moderna*. 1º de janeiro de 1891. Op. Cit.

empunhando as armas do saber e da ciência, seriam os sujeitos por excelência da construção de um futuro próspero para a nação brasileira. Abolida a escravidão e proclamada a República, pelas quais esses intelectuais tinham se batido, dava-se a impressão de que todo um passado de obscurantismo tinha sido soterrado e o futuro era um campo aberto, um horizonte repleto de possibilidades, capaz de comportar as utopias progressistas e ilustradas dos letrados.

A *Revista Moderna* também mostra os entraves impostos pela realidade brasileira que deveriam ser superados. Dois desses entraves se apresentam mais visíveis na fala desses intelectuais: o primeiro se refere ao analfabetismo da população brasileira, que apresentava dados alarmantes; o segundo diz respeito ao nosso sistema político, atrasado, imerso no favoritismo, submetido de todo aos chefes políticos locais, que tratavam a política como assunto pessoal e cometiam toda sorte de injustiças, falcatruas, corrupções, sacrificando o bem público em nome de seu interesse e de seus protegidos. Adolfo Caminha, além de manifestar através dos jornais essa crítica à forma de fazer política das elites locais, em *A Normalista* reúne todos esses atributos no personagem João da Mata, protagonista e vilão do romance.

Depois da seca entregou-se de corpo e alma à política, à intriguinha partidária, à rabulice, à cabala eleitoral, à chicana. Toda a vez que se anunciava um pleito, punha em jogo as mil e uma sutilezas que só o seu espírito sagaz podia conceber. Ninguém como ele sabia copiar uma *chapa* em letra firme e aprumada. Aquilo a letra cantava no papel que nem o lápis d'um taquígrafo. E que letra, que esplêndido talhe! Dir-se-ia traçada a nanquim, delicadamente, com a paciência de um chinês. Ninguém como ele sabia tirar proveito d'uma vitória alcançada pelo partido. Discutia, falava alto, berrava... impunha-se!

– Extraordinário homem! diziam os chefes políticos; destes é que nós precisamos, destes é que precisa o partido.

Mas João sabia vender caro o seu peixe. Fazia política por uma espécie de ambição egoísta, visando sempre tirar resultados positivos de suas artimanhas, embora com prejuízo de alguém.

Dinheiro era o que ele queria, não lhe fossem falar em sem interesse pessoal.

– Histórias, homem, histórias! Isso de patriotismo é uma patranha, um rótulo falso! O que se quer é dinheiro, o santo dinheirinho, a mamata (...)¹⁴⁵

¹⁴⁵ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit., p. 11

Duas posturas procuravam dar resposta a essa situação – como já foi afirmado no capítulo anterior: em primeiro lugar, os letrados fundaram jornais que se distanciavam dos jornais políticos, ressaltando o papel do saber e da ciência como os verdadeiros portadores de uma proposta civilizatória; como também faziam de seus escritos, sejam eles ficcionais ou não, verdadeiros libelos, no sentido de denunciar aspectos da realidade que contrastavam com seu ideal ilustrado. Nesse sentido, é muito comum nos jornais letrados os reclamos contra o alto grau de analfabetismo no Brasil e também contra a incipiente e capenga atividade letrada, uma imprensa pouco desenvolvida, romancistas de má qualidade, pouca receptividade das obras ficcionais, que em sua maioria tinham uma tiragem baixíssima. No caso dos naturalistas – e Adolfo Caminha foi um de seus representantes mais resolutos – àquelas críticas ainda se acrescentam outras: os romances não apresentavam ideal civilizatório, pois haviam caído no gosto burguês e submetido de todo a arte ao mercado editorial, que publicava em maior parte obras açucaradas e de baixa qualidade, só porque estas eram mais bem aceitas pelo público. Todos esses aspectos foram muito bem tratados por Adolfo Caminha em suas “Cartas Literárias.” Esses escritos de crítica literária foram publicados na Gazeta de Notícias, um dos jornais de maior circulação no Rio de Janeiro, pouco tempo depois que o escritor chegara à capital da República. Essa obra de crítica literária nos mostra que Adolfo Caminha em nenhum momento de sua vida abandonou o seu ideal ilustrado, mas que foi, ao longo da década de 90, se desiludindo com a possibilidade de vê-lo realizado, já que a realidade brasileira, apesar de proclamada a República e abolida a escravidão, não havia tomado o rumo almejado por ele e por outros “mosqueteiros intelectuais”. O trecho abaixo é muito ilustrativo do que está afirmado acima:

Si a mocidade brasileira comprehendesse nitidamente o papel civilizador da litteratura, a importancia absoluta da obra d'arte, com certeza os seus esforços duplicavam e o nosso paiz não seria visto com desdem pela França litteraria e pelo proprio Portugal, que, incontestavelmente, fulgura ao lado da Hespanha, da Italia e de outros paizes notaveis em desenvolvimento intellectual.

A grande causa do atrazo a que me vou referindo é a vadiagem litteraria, o amor á popularidade barata, a falta de escrupulo em tudo que respeita as letras; e a prova disto é que de todos os generos o menos cultivado no Brasil é o romance, justamente porque demanda mais esforço, mais concentração, mais estudo e mais criterio,

emquanto por outro lado abundam poetas e folhetinistas, com especialidade na zona fluminense, poetas e folhetinistas de uma mediocridade lamentável.¹⁴⁶

Mas voltemos para a Fortaleza e para A Normalista. Uma das frustrações de Adolfo Caminha com a província foi o fato de ele ter se relacionado com uma mulher casada. Isabel Jataí de Paula Barros era esposa de um oficial do exército brasileiro e a traição gerou um escândalo na pequena e provinciana cidade de Fortaleza. Saboya Ribeiro narra o alvoroço causado na cidade com a traição que Adolfo Caminha – *jovem, elegante, na farda bem comportada* de oficial da Marinha – e Isabel haviam cometido contra o oficial do Exército:

Na escola Normal, as moças não falavam outra coisa. Quem diria que aquêle cara de santinho, com seus ares abstratos, era capaz de tomar a mulher dos outros e então numa cidade de Fortaleza, onde todos se conhecem e estimam.

Nas casas de família, nas visitas entre famílias, nas rodas da praça do Ferreira e nas retretas do Passeio Público, que era, às quintas e domingos, o grande salão noturno da cidade – não se falava noutra coisa. Um escândalo, um verdadeiro escândalo!¹⁴⁷

Este foi um acontecimento muito significativo na vida de Adolfo Caminha¹⁴⁸. Devido a esta traição, o romancista perdeu o seu posto de oficial e teve que se contentar com um mero cargo de amanuense. Quer dizer, pelo fato de o escritor ter cultivado um amor verdadeiro por uma mulher casada, e ter assumido publicamente esse amor, foi submetido a um verdadeiro ostracismo na sociedade cearense e vítima de fuxicos que, inclusive, o impossibilitavam de transitar livremente pela cidade sem que o olhassem de soslaio. Para ele isso apresentava dimensões opressivas, um atentado contra a liberdade. Se as grandes metrópoles propiciavam impessoalidade, o encontro casual, os amores clandestinos, na província todos davam conta da sua vida. Em A Normalista, Adolfo Caminha não poupou a tinta ao retratar esse aspectos do provincianismo da cidade pequena. Praticamente todos os personagens são vítimas das fofocas da sociedade fortalezense. De Lídia, amiga de Maria do

¹⁴⁶ CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Op. Cit., p. 7

¹⁴⁷ RIBEIRO, Saboya. Op. Cit., p. 35

¹⁴⁸ Ver: AZEVEDO, Sânzio de. *Adolfo Caminha: vida e obra*. Op. Cit.

Carmo, diziam que não era moça de família, que era para qualquer um, que já a haviam visto com esse, com aquele; o que estava a ponto de atrapalhar o seu namoro com Loureiro. Dona Teresinha também andava nas bocas da sociedade fortalezense: diziam que não se admitia uma mulher viver com um homem sem ter se casado com ele, pois isso manchava a honra da família etc, etc, etc. E assim Adolfo Caminha vai nos mostrando ao longo do romance "(...) *essa vida de província pacata em que se trabalhava um quase nada e falava-se muito da vida alheia*"¹⁴⁹, mostrando que na cidade pequena todo mundo sabe da sua vida. No romance, Jornais como "A Matraca", viviam de noticiar fofocas. Os dois protagonistas, Zuza e Maria do Carmo, foram os mais prejudicados com esses mexericos, típicos de uma cidade provinciana. Essas intrigas foram responsáveis pelo fim do namoro entre os dois personagens. A crítica do romancista se torna mais contundente quando ele nos mostra que um namoro entre um jovem rico e uma menina pobre pode assumir dimensões políticas, capazes, inclusive, de depor um presidente da província. Assim, Adolfo Caminha quis com A Normalista denunciar os costumes provincianos da cidade de Fortaleza, que apesar do seu visível crescimento urbano e de todo clima de cosmopolitismo, advindos com a integração cada vez maior com o capitalismo globalizado, ainda se mantinha arraigada a velhos valores em muitos de seus aspectos: na forma de fazer política, na educação, no comportamento etc. Ele vai, ao longo de sua obra, identificando esses traços que fazem de Fortaleza uma cidade provinciana, típicos de uma cidade que ainda não se civilizou. Em boa parte de suas crônicas intituladas "Sabatina", escritas para *O Pão*, em sua primeira fase, o autor começa a maioria deles constatando a falta de assunto: "*De longe em longe quebra a monotonia insuportável da vida cearense o ruído estimulante e benéfico de um acontecimento excepcional...*"¹⁵⁰ Antônio Sales, já na segunda fase da Padaria, começa quase sempre os seus artigos com a mesma constatação de que nada interessante acontece na pequena capital cearense que não seja os comentários sobre a vida alheia.

¹⁴⁹ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. cit., p. 86

¹⁵⁰ *O Pão... da Padaria Espiritual*. Fortaleza, 17 de julho de 1892. Op. Cit.

Não sei por onde comece a *plagiar* a resenha da quinzena. Os assumptos, é certo, andam por ahí a rodo, mas não são de qualidade a tentarem um chronista que conhece o uso agua fria, das esponjas e das escovas. Pululam a esmo coisas sujas a que se torce instinctivamente o nariz, levando a elle o lenço onde trescalam duas gottas de *Iris blanc*. O melhor que a gente faz é assestar um binoculo invertido para afastar de si tantas miseriasinhas que nos borram a perspectiva e nauseiam a pituitaria. Parece a nossa cidade, ao passo que se alarga materialmente, vai-se estreitando moralmente, de formas a assumir proporções mesologicas de um logarejo mattuto com todo o seu fervilhamento de intrigas, de picardias e bisbilhotices.¹⁵¹

Zuza, o protagonista, é o personagem que melhor nos oferece a visão de uma cidade provinciana. Contudo, não podemos ver em Zuza o alter-ego de Adolfo Caminha; ele também é um personagem caricato. Em suas “Cartas Literárias”, no artigo intitulado “Em defesa própria” – no qual o autor mesmo defende as qualidades de *A Normalista*, pois não tinha quem o fizesse – ele escreveu que pretendia pintar a vida cearense “*abrangendo desde o indigente que emigra dos sertões, no tempo de seca, até o burguês independente que afeta aristocracia e bom gosto.*” Desta forma, não obstante todo o refinamento e educação de Zuza, ele não era o cidadão que poderia figurar como exemplo da sociedade que Adolfo Caminha lutou por ver realizada. As impressões de Zuza sobre a cidade de Fortaleza, no entanto, nos transmitem uma importante idéia sobre as capitais do final do século XIX: elas deveriam concentrar os símbolos da civilização e do progresso e, por isso mesmo, estavam todo tempo sendo comparadas umas com as outras. Nas obras de Adolfo Caminha é fácil perceber uma escala de civilização que vai de Nova Iorque à Fortaleza, entremeadas por Rio de Janeiro e Recife. Zuza, por exemplo, na maior parte das vezes que se refere ao provincianismo da capital cearense, a compara com Recife.

...queixando-se da monotonia da capital cearense e gabando, com ares de fidalgo, a capital de Pernambuco. Alí, sim, a gente pode viver, pode gozar. Muito progresso, muito divertimento: corridas de cavalo, uma sociedade papa-fina, muitíssimo bem educada,

¹⁵¹ O Pão... da Padaria Espiritual. 1º de dezembro de 1895. Op. Cit.

magníficos arrabaldes, certo bom-gosto nas toilettes, nos costumes, certas comodidades que ainda não havia no Ceara...¹⁵²

O diálogo de Zuza com José Pereira, Redator do jornal "A Província", é muito interessante nesse sentido. O jornalista, por não conhecer outras capitais, deslumbrava-se com esses novos signos do progresso e da civilização que iam se instalando na cidade, enquanto para Zuza aquilo tudo era muito pouco. A cena acontece no Passeio Público, em um dos seus cantos um trovador toca um realejo.

- 'Como é que se consentia semelhante importunação em uma capital que tinha foros de civilizada? Oh! em Pernambuco, o italiano que se lembrasse de tocar realejo à porta d'uma república era imediatamente punido a batatas e cascas de laranja. Estava muito atrasadinho o Ceará'

Gostava pouco d'ir ao Passeio, o que fazia raríssimas vezes, a convite de José Pereira, que comparava aquilo a um paraíso.

- O Passeio Público? dizia ele; o Passeio Público é um dos mais belos do Brasil e a coisa mais bem feita que o Ceará possui. Que vista, que magnífico panorama se aprecia da Avenida Caio Prado, à tarde! Nem o Passeio Público do Rio de Janeiro!

E justificava o anti-bairrismo do estudante:

- É que tu tens passado a melhor parte da sua vida na Corte e em Pernambuco, menino, dizia ele. Se vivesses algum tempo nessa terra, havias de gostar extraordinariamente. Mas o que posso afirmar é que no Brasil não há uma cidade tão bem alinhada como esta, uma iluminação mais rica do que a nossa e um Passeio Público assim como este.

- 'Não duvidava, não duvidava, mas o Ceará ainda estava muito atrasadinho, lá isso estava

Outras opiniões de Zuza ilustram mais a passagem acima: "*Sou meio exigente em termos de civilização; isso me parece uma terra de bugres*"¹⁵³. E mais: "*Província estúpida! Estava doido por se ver livre de semelhante canalhismo. E aquilo que se chamava terra da luz*"¹⁵⁴. Ainda: "*Cada vez mais me convenço que de que isso é uma terra selvagem (...) Isto é um país de bárbaros!*"¹⁵⁵

O Passeio Público foi construído para servir de espaço de sociabilidade. Todo ajardinado, com estátuas neoclássicas, ele deveria ser a prova de que a

¹⁵² O Pão... da Padaria Espiritual. 17 de julho de 1892. Op. Cit.

¹⁵³ Caminha, Adolfo. A Normalista. Op. Cit., p. 19

¹⁵⁴ Id. Ibidem., p. 79

¹⁵⁵ Id. Ibidem., p. 150

sociedade fortalezense sabia se divertir nos moldes europeus. Para impedir o contato das classes mais abastadas com o povo, o Passeio foi construído em três pavimentos. O primeiro destinava-se às famílias mais ricas e era mais bem cuidado e aformoseado; ele ficava na parte mais alta e propiciava uma bonita vista do mar. O segundo ficava na posição logo abaixo do primeiro; menos cuidado que o primeiro, destinava-se a diversão dos remediados. O terceiro pavimento, muito escuro e mal cuidado, deveria servir de diversão para os pobres. Era nesse terceiro pavimento que ficava a rampa tão perseguida pelos “padeiros”. No primeiro pavimento se localizava a Avenida Caio Prado.

A Avenida Caio Prado tinha o aspecto fantástico de um terraço oriental onde passeavam princesas e odaliscas sob um céu de prata polido, com suas filas de combustores azuis, encarnados e verdes, com as suas esfinges... Senhoras de braço dado, em toilettes garridas, iam e vinham no macadame, arrastando os pés, ao compasso da música, conversando alto, entrechocando-se, numa promiscuidade interessante de cores, que tinham reflexos vivos ao luar.¹⁵⁶

Adolfo Caminha tinha um olhar muito aguçado para perceber essas formas de sociabilidade burguesa. Nos três livros que analisamos há sempre uma referência a eles. Em Nova Orleans, a Wall Street, em Nova Iorque, a Broadway, no Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor, em Fortaleza, a Caio Prado, a todas essas ruas ou avenidas o escritor dedicou especial atenção em seus romances, crônicas ou relatos. As ruas tinham uma representação muito negativa no período colonial, exatamente por ser um local de trânsito de escravos, destinadas mais a atividades mercantis do que de lazer¹⁵⁷. Eram muito escuras, tortuosas, suscetíveis ao crime e à libertinagem. Ser vista na rua era considerado uma ofensa para uma mulher de família. A partir do século XIX, período de exibicionismo burguês, as ruas foram remodeladas: eram mais largas e retilíneas, com novas fachadas e iluminação artificial a gás. Esse processo se deu, sobretudo, no centro da cidade, onde residiam as famílias de cabedais da província.¹⁵⁸ Mas pelo fato de as ruas serem um espaço público, apesar de todo o esforço das elites afastarem o povo, tinham que conviver com

¹⁵⁶ Id. *Ibidem.*, p 86

¹⁵⁷ Ver: DAMATTA, Roberto. *A casa & A Rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

¹⁵⁸ PONTE, Sebastião Rogério da. *Op. Cit.*

a presença dele. A rígida divisão social que deveria ser imposta pelo ordenamento do espaço não era obedecida pelo povo. “*Ou seja, a rua se revelava como um espaço de ameaças, as quais era preciso controlar.*”¹⁵⁹ A presença dos negros e pobres nesses espaços de sociabilidade das elites incomodava o nosso escritor. A presença do povo era perniciososa e ofendia a moral das famílias “de bem” da cidade, além, claro, de deixá-las suscetíveis ao crime.

Na Mororó, mais larga que as outras, havia uma promiscuidade franca de rapariga de todas as classes: criadinhas morenas e rechonchudas, com seus vestidos brandos de ver a Deus, conduzindo criança, filhas de famílias pobres em trajes domingueiros, muito alegre na sua encantadora obscuridade; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados com ademanes característicos, perseguidos por uma troça de sujeitos pulhas que se punham a lhes dizer gracinhas insulsas. Todas uma geração nascente, ávidas de emoções, cansada de uma vida sedentária e monótona, ia espairar no Passeio Público aos domingos e quintas-feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez por uma entrada, como no teatro e no circo¹⁶⁰

O projeto urbanístico de Adolfo Herbster, que compartimentava a cidade, separando os ricos dos pobres e o trabalho do lazer, não conseguiu evitar que o povo embaralhasse seus planos e invadisse os espaços de lazer das elites. Uma comparação das descrições das ruas Caio Prado e Padre Mororó deixa transparecer muito da visão de Adolfo Caminha sobre as formas de sociabilidade mais de acordo com seus parâmetros de urbanidade. Sem dúvida, em vários dos seus escritos, ele teceu duras críticas à artificialidade e à hipocrisia que reinava no Passeio Público – isso no que se refere às próprias elites. Mas ele reprovava ainda mais os espaços freqüentados pelas camadas mais baixas da população. Na descrição da Caio Prado as elites se divertem de forma mais comedida, sob a luz azul dos combustores elas externam um certo requinte, um certo *glamour*. Já na descrição da Mororó - rua que ficava a poucas quadras do Passeio Público -, muito escura, o romancista dá ênfase à promiscuidade, à má educação, à libertinagem; isso tudo com um olhar moralizante. O escritor apresenta maior aversão ao fato de os pobres poderem

¹⁵⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho (1880-1920)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p.114

¹⁶⁰ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit. p. 89

transitar livremente pela parte mais “civilizada” do Passeio Público. Como ele mesmo observa, se existiam locais em que os pobres não tinham acesso, pois não podiam pagar – como era o caso dos clubes dançantes, do circo e do teatro – no Passeio **Público** as elites tinham que conviver com eles.

Adolfo Caminha, como foi visto acima, oferece um especial destaque aos retratos das aglomerações urbanas, sejam elas os passeios, as ruas de comércio, o porto ou os botequins. Sobre estes últimos o escritor dedicou algumas laudas de seu romance, com uma intenção de reprovar os hábitos boêmios das camadas mais pobres. Assim, a cena que se passa no bar do Zé Gato representa, se não uma crítica, um olhar educado em recortar esses espaços da cidade para onde convergiam “os bêbados”, “vagabundos” e “ociosos”. Nesse sentido a visão de Adolfo Caminha muito se assemelha à das elites locais¹⁶¹. Eduardo Campos, ao analisar os códigos de postura da cidade de Fortaleza, afirma que são recorrentes os artigos que visam a perseguir esses sujeitos que não se enquadram nos padrões de civilização tão propalado pelas autoridades. Em seus artigos em *O Pão*, como foi visto no capítulo anterior, o cronista não poupa a tinta em criticar os hábitos das elites mesmas, que se comportavam semelhante ao povo, “...á porta das boticas (...) , de pança cheia, arrotando carne cosida e palitando os dentes...” Esses costumes das elites se assemelham muito aos do povo, o que deixa estreita a linha de distinção entre a “civilização” e a “barbárie”, tão cara ao projeto civilizatório. O longo processo de distinção cultural da burguesia englobou a construção de novos signos de poder, novos costumes, novas formas de se postar¹⁶². De uma forma geral, tratava-se de desconstruir velhos símbolos que ligavam o poder às elites do período colonial, como também criar um processo de diferenciação com o povo. No Ceará, segundo Adolfo Caminha, esse processo de diferenciação ainda não estava muito nítido, daí a conclusão de que Fortaleza não se civilizou.

Eram essas formas de lazer do povo que Adolfo Caminha contrastava com o tipo civilizado que deveria ser o habitante da cidade. Essa forma

¹⁶¹ CAMPOS, Eduardo. *Fortaleza provincial: rural e urbana*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988. Para uma discussão sobre essa questão no Rio de Janeiro ver: CHALHOUN, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Op. Cit.

¹⁶² ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Op. Cit.

expansiva, barulhenta e alegre de o povo se divertir era o registro de que – nas palavras de Zuza – “... o Ceará estava muito atrasadinho, lá isso estava”. A cena que gira em torno do coreto é muito ilustrativa nesse sentido:

A música deu começo a um tango repinicado, saltitante e carnavalesco, espécie de ‘chorado Baiano’, com rufos de tambor, em que se sobressaia o clarinete, cujas notas, muito prolongadas e queixosas, morriam languidamente.

De quando em quando os instrumentos faziam uma pausa e rompiam um coro de vozes grossas – Quem comeu o boi?... que a molecagem lá fora repetia numa desafinação irritante de vozes finas”

¹⁶³

Esse era um dos juízos que as elites culturais lançavam sobre o povo. O projeto civilizador deveria incorporar o povo, contanto que esses mudassem radicalmente seus hábitos. José Murilo de Carvalho nos mostra as perseguições levadas a cabo pela República – dita civilizada e progressista – às manifestações populares na virada do século no Rio de Janeiro¹⁶⁴. É interessante que existem fortes elementos de tensão e ambigüidade no naturalismo. Se por um lado ele postulava uma identidade local alicerçada nos costumes populares e sertanejos, pois estes se mostravam intocados pela “imitação” que apresentava a capital, por outro, reprovavam sob o título de incivilizados essas manifestação da cultura popular quando elas aconteciam no ambiente urbano, moderno e cosmopolita¹⁶⁵. Esse tensionamento é visível também ao se referir às populações negras. A presença dos pobres na cidade, por exemplo, aparece na figura do negro Romão. Ele aparece sempre subitamente, em lugares imprevistos, causando o espanto a quem o via.

Do outro lado da rua, o Romão, o negro Romão, que fazia a limpeza da cidade, passava muito bêbado, fazendo curvas, de calças arregaçadas até o joelho, peito a mostra, um desprezo quase sublime por tudo e por todos, gritando numa voz forte e aguardentada.

¹⁶³ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. cit., p. 92

¹⁶⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

¹⁶⁵ No capítulo anterior vimos que os membros da Padaria Espiritual lamentavam a perda das tradições populares e sertaneja, em detrimento das festas burguesas e cidadinas. Aqui, quando estas festas acontecem no espaço urbano, Adolfo Caminha a reprovava. Esses são movimentos tensionados e ambíguos.

– Arre corno!... um garoto atirou-lhe uma pedra.

Mas o negro, pendido p'ra a frente, ziguezagueando, tropeçando, encostando-se às paredes, torto, baixo, o cabelo carapinha sujo de poeira, pardacento, repetia insistentemente, alto e bom som, o estribilho que todo o Ceará estava acostumado a ouvir-lhe – Arre Corno! e que repercutia como uma verdade na tristeza calma da rua.¹⁶⁶

A presença dos pobres no centro da cidade, local em que residiam as famílias ricas, sem dúvida, incomodava. Um conjunto de medidas foi tomado para impedi-los de residirem na cidade. Os códigos de postura, não só procuravam impedir a sua residência no centro da cidade¹⁶⁷, como também o seu livre trânsito pelos espaços de sociabilidade das elites.¹⁶⁸ A ênfase na qualificação de negro para Romão é significativa. O cientificismo, de que Adolfo Caminha era um dos propugnadores, e suas teorias raciais imputaram aos negros todo o atraso do país¹⁶⁹. Vivendo em condições miseráveis, estigmatizados pela sua pobreza, morando em barracos ou choças, perambulando seminus pelas ruas da cidade, seu modo de vida destoava em muito do modelo do homem civilizado. Se o Brasil não era civilizado, para esses cientistas letrados, se devia, acima de tudo, ao fato ter uma população negra e mestiça, propensa à preguiça e ao crime. O negro Romão surge como uma mancha, uma nódoa, um entrave ao país civilizado almejado por essa intelectualidade cientificista.

A geração de 70 e toda a vaga de realismo-cientificismo lançava em rosto dos nacionais uma “espécie de pecado original”, que se perpetuava na mestiçagem. Que fazer com um país caboclo, mestiço, atrasado? Se fosse possível nascer de novo, do ‘lado certo’ do universo, e alinhar-se junto as nações de primeira linha que chamava o que se consagrava chamar a “civilização ocidental cristã”, branca, tecnificada, culta...¹⁷⁰

¹⁶⁶ Caminha, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit., p. 57

¹⁶⁷ Interessante o capítulo do livro de Sidney Chalhoub que trata do bota a baixo dos cortiços no Rio de Janeiro. Para uma maior parte dos elites cariocas esse era um ato completamente legítimo. CHALHOUB, Sidney. *A cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

¹⁶⁸ PONTE, Sebastião Rogério da. Op. Cit.

¹⁶⁹ No seu romance “Bom-crioulo” Adolfo Caminha ressalta sua propensão ao crime, à bebedeira, à licenciosidade. A história termina com um fim trágico de um crime cometido por Amaro.

¹⁷⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade...* Op.cit., p. 160

Encontra-se aí os elementos de tensão desse pensamento com relação às populações negras e pobres. Ao mesmo tempo que lutaram pela abolição da escravidão, denunciando-a como uma mancha responsável pelo atraso do país, para esses intelectuais era muito difícil admitir o negro como cidadão brasileiro, e até como elemento importante na formação da nação. As teorias racistas – que segundo Lilia Schwarcz, foram muito populares entre os intelectuais do segundo quartel do século XIX, servindo como paradigma de praticamente todos os grandes centros de pesquisa e ensino do país¹⁷¹ - acabava por justificar diferenças sociais alarmantes do país como se estas fossem na verdade naturais, nascidas de caracteres biológicos da raça. Era como se o fato de os negros serem pobres, morarem em cortiços, viverem de expedientes pouco confessáveis se devesse não a uma herança histórica e cultural de exclusão e exploração, mas a uma característica biológica presente no próprio biotipo da raça negra. Daí a popularização de ramos da ciência como a frenologia e craniologia, que consistiam no estudo da fisionomia do indivíduo com o intuito de entender características psicológicas. Nesse sentido, é interessante observar que a descrições dos personagens nos romances naturalistas é detalhada de forma que possamos enxergar nelas características psicológicas desses personagens, sempre colocando ênfase na questão racial. Exploraremos mais essa questão quando no capítulo posterior sobre Rodolfo Teófilo. As conclusões que normalmente tiravam esses estudos, como nos mostra Lilia Schwarcz, era de que a raça negra era propensa ao crime, à bandidagem, à ociosidade, à libertinagem etc¹⁷². Enfim, “*o que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas originalmente*

¹⁷¹ Lilia Schwarcz estudou a presença do pensamento racista no Brasil a partir de sua divulgação através das museus, dos institutos históricos, das escolas de Direito e de Medicina, nos mostrando que para além de ser um pensamento simplesmente exótico, serviu de parâmetro, naquele momento, para os intelectuais interpretarem e intervirem na realidade brasileira. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

¹⁷² Walter Benjamin nos mostra o quanto se popularizou na segunda metade do século XIX, na própria Europa, esses estudos de fisionomia. Segundo ele, devido à crescente exclusão e pobreza que apresentavam as cidades, esses estudos serviam como uma forma de identificação que pudesse ajudar as autoridades, e os indivíduos em geral, se precaverem contra os bandidos, excluídos, trabalhadores etc. De alguma forma, inclusive, dava uma certa sensação de conforto num cotidiano atribulado das cidades modernas, em que se encontravam nas ruas indivíduos das mais variadas origens sociais, raciais e nacionais. BENJAMIN, Walter. *Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Op. Cit.

*popularizados enquanto justificativas de práticas imperialistas de dominação*¹⁷³.

A cidade que aparece preponderantemente no romance *A Normalista* é bem específica: são os espaços de sociabilidade das elites ou, pelo menos, das camadas médias: é o Passeio Público, são as praças ajardinadas, são os edifícios imponentes onde residiam os homens de cabedais do Ceará. Mesmo a descrição da casa de João da Mata, que morava na rua do trilho, aparece muito mais como forma de caracterização do personagem, do que como uma preocupação de compreender como viviam os pobres.¹⁷⁴ Digo isso porque a pobreza em Fortaleza foi enorme nesse período devido a várias secas que assolaram o Ceará. Sem outra alternativa, os migrantes procuravam a capital no sentido de pedir alguma ajuda às autoridades. Uma das “duas cidades” – a dos ricos e a dos pobres, de que nos fala Margarida de Souza Neves¹⁷⁵ ao analisar a cidade do Rio de Janeiro – não foi retratada no romance do Adolfo Caminha.

O campo é retratado no romance *A Normalista*, não como um espaço social em que se ambientam personagens, mas a partir de personagens típicos que carregam na sua constituição moral as qualidades do seu *meio*, muito ao gosto da trama naturalista. “É significativo que os atributos que qualificam o espaço sejam aqueles que também qualifiquem os homens que o habita...”¹⁷⁶ O escritor está voltado muito mais para as tramas que se desenrolam na urbe. Apesar de a trama de *A Normalista* pensar personagens do campo, eles aparecem de forma superficial, como um dos componentes de um enredo que serviu de base para muitos dos romances naturalistas cearenses: os personagens puros do campo são obrigados a migrar por causa da seca, e na cidade encontram apenas a hipocrisia e o arrivismo de uma gente mau caráter e interesseira. No mais, o romance é todo ambientado na cidade de Fortaleza.

¹⁷³ SCHWARCZ, Lília Moritz. Op. Cit.

¹⁷⁴ Maria Stella Bresciani, ao tratar da cidade de Londres do século XIX, nos fala do espanto de muitos intelectuais com a pobreza, que apareceu concomitante com a nova ordem burguesa, e das excursões desses intelectuais aos bairros pobres no sentido de compreender um mundo que lhes parecia muito diferente do seu. BRESCIANI, Maria Stella. “A cidade das multidões, a cidade aterrorizada”. Op. cit.

¹⁷⁵ NEVES, Margarida de Souza. “O povo na rua, um ‘conto’ de duas cidades”. In: (org.) PECHMAN... Op. Cit.

¹⁷⁶ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000, p. 38.

É na caracterização desses personagens campestres que percebemos a carga de idealização do romance: no campo existem homens puros, honrados, simples e religiosos. Eles são o avesso dos homens da cidade, que são inescrupulosos, superficiais, mundanos e ligados a valores puramente materiais. Nesse sentido o autor reproduz uma velha e recorrente oposição entre campo e cidade, que segundo Williams, tem um forte assento na tradição ocidental. Mendonça, pai de Maria do Carmo, é o personagem que encarna todos os valores do campo. Vejamos como ele é caracterizado por Adolfo Caminha:

Era homem sadio, vigoroso, excessivamente trabalhador e dedicado. Contava a esse tempo quarenta anos, nada mais, nada menos, e dizia com soberba, gabando o peito rijo, não se trocar por muito rapazola pimpão que aí vive nas cidades grandes caindo de tédio e preguiça, cheio de vícios secretos. Corria-lhe nas **veias largas e azuis de matuto inteligente puro e abundante sangue português**¹⁷⁷

Maria do Carmo, filha de Mendonça e protagonista do romance, que foi deixada sob a guarda do João da Mata aos 11 anos devido a seca de 1877, herdara de seu pai todas as suas qualidades, a “... *Escola Normal não lhe apagou toda essa bondade característica dos filhos do sertão, que se resume em uma confiança ingênua nos outros*”¹⁷⁸ Quando seu pai foi obrigado a migrar para Fortaleza e daí para a Amazônia, como uma das únicas alternativas oferecidas aos retirantes, a passagem pela capital da província deu-lhe uma impressão que já oferece ao leitor indícios do desenrolar do romance.

Mendonça conhecia Fortaleza superficialmente; suas viagens à capital tinham sido raríssimas; viera vezes contadas a negócio. Sabia os homens propensos ao mal, por mais d'uma ele próprio fora vítima

¹⁷⁷ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit., p. 21. No destaque que faço nessa citação é importante levar em conta essa caracterização desse personagem do campo, pois Adolfo Caminha ressalta o fato de ser homem branco e de determinadas posses. Segundo Ivone Cordeiro Barbosa, em obra já citada, esse fato demonstra a busca de uma certa ancestralidade de nossas elites rurais, revelando que elas, a despeito do seu entorno, mantinham hábitos civilizados e requintados, superiores, inclusive, às elites citadinas. Rodolfo Teófilo, ao caracterizar outros personagens do campo que não sejam oriundos das camadas abastadas nos oferecerá uma visão melhor desse problema. Ver também: WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. Op. Cit.

¹⁷⁸ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit., p. 123

da ingratidão de indivíduos que se diziam seus amigos. E a quem fizera grandes benefícios; porém, a vida ruidosa e dissoluta das capitais, esse tumultuar quotidiano de virtudes fingidas e vícios inconfessáveis, esse tropel de paixões descontroladas, isso que constitui, por assim dizer, a maior felicidade do gênero humano, esses acervo de mentiras galantes e torpezas dissimuladas, esse cortiço de vespas que se denomina – sociedade, desconhecia-o ele, e nem sequer imaginava. Lá no seu tranqüilo recanto de Campo Alegre, onde só de longe chega o eco da vida elegante, ouvia falar em mulheres que traíam os maridos, filhos que assassinavam os pais, incestos de irmãos, homens que negociavam com a própria honra...¹⁷⁹

A caracterização desses personagens é importante porque é a partir de seus movimentos dentro da trama que poderemos compreender a desilusão de Adolfo Caminha no que diz respeito à assimilação dos valores civilizados pelas elites locais e, de forma geral, com o próprio modo de vida na cidade. Então, vejamos, a caracterização dos personagens protagonistas da cidade. Maria do Carmo estava entre dois tipos da cidade bem distintos, Zuza e João da Mata, que procuravam, cada um a seu modo, possuir a “casta filha do sertão”.

João da Mata era um sujeito esgrouvinhado, esguio e alto; carão magro e tísico, com um carão hepático denunciando vícios de sangue, pouco cabelo, óculos escuros através dos quais buliam dois olhos miúdos e vesgos.¹⁸⁰

Desta forma, o autor o caracteriza como “um tipo lombrosiano”¹⁸¹, um desses personagens muito comuns nas tramas que procuram atribuir à cidade todas as características de perversão e degenerescência. Nesse sentido, vale ressaltar o que nos diz Maria Stella Bresciane¹⁸², quando afirma que os escritores do século XIX, ao tratar da cidade, tinham uma preocupação moral de educar os sentidos dos seus leitores para que esses pudessem enfrentar o conjunto de vilezas que acreditavam ser próprio desse novo modo de vida. Nos romances ambientados em Fortaleza, a figura do Comissário de Socorros – e João da Mata havia sido um – está muito presente e é sempre denunciado

¹⁷⁹ Id. Ibidem., p. 21

¹⁸⁰ Id. Ibidem., p.13

¹⁸¹ Cesare Lombroso foi um dos principais craniologistas do século XIX e foi um dos principais expoentes da Antropologia Criminal. Como já foi dito, a craniologia pretendia estudar características psicológicas a partir do formato do crânio.

¹⁸² BRESCIANI, Maria Stella. “A cidade das multidões, a cidade aterrorizada”. Op. Cit.

como um agente corruptor dos costumes. Na verdade, devido às muitas secas que assolaram o Ceará no final do século, a cidade via-se constantemente tomada por muitos retirantes. Os documentos da época denunciavam as atrocidades e abusos a que se submetiam os retirantes na mão desses agentes do governo.

Já o Zuza é um outro tipo cidadão completamente diferente. Ele era, por assim dizer, a fina flor da burguesia cearense. Adolfo Caminha faz questão de sobressaltar detalhes nesse personagem que indicam seus hábitos civilizados. Estudante de Direito em Recife e filho de um *“figurão, ele está sempre muito limpo, muito bem vestido em impecável figurino francês e bem acompanhado das pessoas mais eminentes da província”*. Zuza, nas palavras de escritor *“...era rapaz da moda. Montava a cavalo, fazia versos, assinava o Gazeta Jurídica, freqüentava o palácio do presidente...”*¹⁸³ Ele fazia parte da elite local que enriquecera com a economia do algodão e que, a partir daí, passou a consumir toda sorte de produtos importados franceses, assim como assimilara os hábitos e as condutas ditos civilizados para a época.

O tom sempre irônico com que Adolfo Caminha se refere ao Zuza é uma denúncia à forma como foram assimilados os valores civilizados pela elite local. Zuza era o retrato de uma burguesia que se apegara apenas à fachada da civilização.

Maria do Carmo estava, então, entre dois personagens típicos da sociedade fortalezense. João da Mata, com seu desejo torpe de tirar-lhe a virgindade; e Zuza, que projetou nela qualidades ideais de menina pobre, simples e pura, mas que no final de contas caiu em si e descobriu o seu lugar, deixando Maria do Carmo entregue à sorte de seu padrinho.

O desenrolar da trama deixa explícita a profunda desilusão de Adolfo Caminha com as formas com que foram descaminhados os valores civilizados em que ele acreditava. A forma desenfreada com que o Brasil se entregou ao cosmopolitismo parecia ao escritor extremamente superficial e efêmera. Ele via uma dissonância entre o seu projeto de civilizatório e uma elite cidadina que se entregava ao consumo conspícuo, à suntuosidade das casas, às roupas da última moda parisiense e à luta ardilosa por posição.

¹⁸³ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*, op. cit. p. 18

Quando Maria do Carmo, “casta filha do sertão”, se deixa seduzir pelo padrinho e se entrega, esta cena representa metaforicamente uma morte dos puros valores do campo, pervertidos pelos valores degenerados da cidade.

Assim, o campo mantém os seus atributos de pureza e de lugar idílico, onde se pode refugiar dos males da civilização. A cidade, por sua vez, está repleta de indivíduos superficiais, interesseiros, imorais etc. Essa é uma visão interessante pois denuncia os valores de um século excessivamente mercantil e os contrastes sociais advindos com ele. Contudo, devemos concordar com Williams quando afirma que a solução para os contrastes, que são evidentes na cidade, não devem ser resolvidos idealizando o campo como um espaço intacto e separado socialmente da cidade. Os homens que Adolfo Caminha retratou ostentando riqueza na cidade tinham sua economia baseada na produção agrícola. Se houve uma transformação substancial da realidade nos países da periferia do capitalismo monopolista, esta se deu de forma global, incluindo o campo e a cidade – sobretudo porque esses países periféricos se inseriram através da produção de gêneros, em sua maior parte, primários. É exatamente por isso que ao procurarmos estudar as representações sobre o campo e a cidade é sempre bom ter em conta os atores, e como estes se inserem e vivenciam as relações sociais de sua época. Para Adolfo Caminha, um intelectual cidadão das camadas médias, o campo representava um refúgio onde ele podia por-se à distância dos dramas vividos na cidade. Ainda hoje é muito comum a casa de campo ou de praia, onde podemos descansar e entrar em contato com a natureza para revigorarmos as nossa energias. Mas essa sensação é bem diferente da que sentiam os homens que trabalhavam e viviam da agricultura.

Contudo, podemos entrever no romance e nos seus outros escritos um certo lugar, não ideal, mas concreto, em que o próprio autor viveu e fez questão de retratar. Esse lugar é um intermédio, um ponto entre a cidade, mundana, hipócrita, corrupta, e o campo, que apesar de representar um ideal, era também inculto, longe da civilização, do saber, da ciência. Esse lugar era o subúrbio. Depois que foi submetido ao ostracismo pela sociedade cearense por ter se relacionado com uma mulher casada, Adolfo Caminha foi com sua amada morar no Outeiro. Segundo Saboya Ribeiro:

Na Fortaleza antiga, o Outeiro é um adorável bairro de pescadores e de jangadeiros. A melopéia do mar próximo envolve-o dia e noite. Uma floresta de cajueiros derrama por todos os lados como um oceano de copas que vai ter muito longe, terras a dentro. O casal foi morar nesse recanto de paz e de recolhimento.¹⁸⁴

Em A Normalista, Adolfo Caminha carrega no lirismo ao descrever a “chácara” onde foram morar a Lídia e o Loureiro, no Bairro do Benfica – onde moro hoje em dia – que na época era um local de sítios e chácaras, muito arborizado, a meia distância do centro da cidade.

Uma miniatura a casinha do Benfica, um sonho de poeta lírico, assobradada, com a sua fachada azul ainda fresca, recebendo em cheio até o meio dia toda a luz do nascente. Logo na entrada havia uma escadinha de três degraus, d’onde se via, lá dentro, nitidamente, como um cristal muito límpido, a sala de jantar e as bananeiras de quintalejo, de um verde tenro... Sala de visitas, alcova comunicando com um quarto, casa de jantar, *varanda*, despensa, quarto para criado, cozinha e quintal, tudo asseado e confortável, com uns tons aristocráticos matizando a compostura graciosa dos móveis, papel claro nas paredes, e lustres na sala de visitas.¹⁸⁵

Antes de entrar no último item desse capítulo gostaria de resumir uma estória, contada No País dos lanques, que comoveu Adolfo Caminha. A estória de Gustavo Adolfo. Ele nasceu no Pará e começou os seus estudos no seminário. Em contato com novas leituras de cunho cientificista ele “...*tratou de tocar a sotaina de noviço pelo fraque de última moda*”¹⁸⁶ Deixou a cidade, *muito católica*, em que vivia e foi ao encontro das novas idéias do século na Capital do Brasil. “*Sem amigo, sem proteção, longe de sua terra e de seus pais – que podia esperar o jovem desconhecido naquele turbilhão de vis interesses?*” Adolfo Caminha o encontrou preso por ter cometido o crime de matar uma garota com quem se deitara, só para roubar-lhe os brincos. O caso de Gustavo Adolfo é um extremo, já que a reação ao contato com um mundo diverso do seu, redundou em um crime. Mas junto com ele muitos homens, por motivos diversos, deixaram as suas províncias e foram aventurar-se nas grandes capitais. O caso que Adolfo Caminha vai contar no seu romance

¹⁸⁴ RIBEIRO, Saboya. *Roteiro de Adolfo Caminha*. Op. Cit. p. 44

¹⁸⁵ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit. p. 151

¹⁸⁶ CAMINHA, Adolfo. *Tentação/No país do lanques*. Op. Cit. p. 120

Tentação se assemelha muito ao seu e a de outros intelectuais que resolveram deixar as suas províncias, que consideravam o atraso e a tacanhez, e ir à cidade “onde as coisas acontecem”.

O romance A Normalista foi lançado no ano em que Adolfo Caminha resolveu voltar para o Rio de Janeiro. Ele foi um manifesto fervoroso contra o provincianismo de Fortaleza. Coincidentemente, apesar de Zuza não ser necessariamente o alter-ego do autor, ele deixou a província e partiu para Pernambuco, tomando a mesma resolução de Adolfo Caminha ao ir para o Rio de Janeiro. As palavras de Zuza transmitem-nos o que, provavelmente, Adolfo Caminha e o protagonista de Tentação, Evaristo, sentiram ao deixar Fortaleza:

Primeiro o farol, lá muito ao longe, esbranquecido, cor de areia, ereto, batido pelos ventos; depois a extensa faixa de areia, que se desdobra em zigzag até a cidade; a praia alvacentas e rendilhada de espumas. Em seguida, o novo edifício da Alfândega, em forma de gaiola, acaçapado, sem arquitetura, tão feio que o mar parede recuar com medo à sua catadura.

Noutro plano, coqueiros maltratados pelo rigor do sol, erguendo-se na areia movediça que os ameaçava soterrar, uns já enterrados até o fronde, outros inclinados, prestes a desabar; o torreão dos judeus Boris, imitando a torre de um castelo medieval, cinzento e esguio; o seminário, por trás, no alto da Prainha, com suas torres triangulares; as torres vetustas e enegrecidas da Sé; o Passeio Público, com seus três planos em escadarias; a S. C. de Misericórdia, branca, no alto; o Gasômetro; a Cadeia; e, por ali fora o arraial Moura Brasil, invadido pelo mar, reduzido a um montão de casebres trepados uns sobre os outros...

- Sim senhor, pensou o Zuza, bonito aspecto para se ver de longe, barra afora...¹⁸⁷

2.3 – “Tentação”: do fascínio à desilusão

Adolfo Caminha chegou ao Rio de Janeiro no final de 1892. Os motivos que o levaram a deixar Fortaleza são imprecisos. Segundo Sâncio de Azevedo, a causa principal talvez tenha sido o fato de “O Diário do Ceará”, jornal dirigido pelo escritor, ter fracassado. Tendo perdido o seu posto de oficial da marinha, a atividade literária foi a única que lhe trazia alguma realização e a ela o romancista se dedicou com afinco e determinação. Ele deixou o Ceará porque

¹⁸⁷ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Op. Cit. p. 151.

acreditava que, na província, apesar de ser – como afirma Dolor Barreira – uma das mais avançadas do país em termos de atividade literária, não havia espaço para o seu talento, pois reinava a mediocridade em termos de criação artística. Não há dúvida de que, com a ida para a capital da República, Adolfo Caminha pretendia sagrar-se como literato de renome. Ele afirma:

O Rio de Janeiro é o nosso petit Paris, o centro da vida nacional, por assim dizer a retorta em que se operam as dymnamisações artísticas; do norte e do sul correm todos para o meio comum em que se estabelece a verdadeira luta pela existencia e pela gloria ¹⁸⁸

Em seus quatro últimos anos de vida, sua militância literária foi intensa. Escreveu e publicou o romance Tentação e seus artigos de críticas intitulados “Cartas Literárias”; lançou uma segunda edição de seu relato No país dos ianques; escreveu crônicas e contos para os jornais e, já no último ano de sua vida, articulou e dirigiu a *Nova Revista*, formada por escritores obscuros, pouco conhecidos no meio literário carioca. Contudo, o seu espírito crítico e intransigente foi um sério entrave à sua glória, ainda em vida, como escritor. Foi chamado para a Academia Brasileira de Letras, mas, perto da morte, amargurado e desiludido, não aceitou. Frota Pessoa, amigo e biógrafo de Adolfo Caminha, assim relata esse tempo em que o romancista viveu no Rio de Janeiro:

A sua existência amargurada e penosa começa então. A publicação d'Normalista reaccendeu a cólera dos seus inimigos do Ceará, porque nesse esplendido livro elle fineteava individualidades poderosas, photographando com uma verdade crúa uns certos aspectos da sociedade cearense. Por outro lado, iniciando na Gazeta de Notícias esses tremendos pamphletos, que denominou Cartas Literárias, provocou um escandalo sem nome entre os magnatas das letras.

E assim foi-se aos poucos se trancando dentro de um tenebroso reducto, isolado, temido e odiado ¹⁸⁹

As “Cartas Literárias” são o manifesto mais vivo do *ideal civilizador* que o autor atribuía à criação artística. A crítica que Adolfo Caminha faz ao meio

¹⁸⁸ CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Tip. Andina, 1895, p. 137

¹⁸⁹ PESSÔA, Frota. *Crítica e Polêmica*. Rio de Janeiro, Arthur Gurgulino, 1902. p. 222

letrado é contudente: os escritores escreviam por mero diletantismo e apresentavam uma mediocridade patente; os romances que caíam no gosto do público burguês eram os piores e mais açucarados; o mercado editorial era excludente dos grandes talentos, sagrando escritores ordinários etc.

Foi a partir dessa experiência frustrada no Rio de Janeiro que Adolfo Caminha escreveu o romance Tentação. A trama é a seguinte: **Evaristo**, insatisfeito com a imobilidade da província, é informado por um grande amigo seu, **Furtado**, que havia um emprego para ele no Rio de Janeiro, para onde, com muito entusiasmo, Evaristo decide ir imediatamente com sua esposa, **Adelaide**. A trama se desenrola, como veremos, enfatizando os dramas enfrentados pelo casal na capital.

Evaristo resolveu ir para o Rio de Janeiro porque procurava, além de reconhecimento profissional num lugar em que as oportunidades eram maiores, uma vida melhor. Sendo um homem de origem pobre, que conseguiu completar os seus estudos de Direito com muito esforço, a província apresentava poucas oportunidades de ascensão social, por não ter as dimensões do Rio de Janeiro, e, sobretudo, porque, arraigada no favoritismo, impossibilitava aqueles que não tivessem padrinhos de conseguir um cargo público. Evaristo foi para a capital não só porque um amigo lhe arranjava um bom emprego, mas porque acreditava que o Rio era a terra das oportunidades.

Figurava a corte do Império uma terra legendária de aventuras e de muito dinheiro, onde com algum trabalho, qualquer homenzinho pode fazer fortuna em poucos anos, ou, quando mais não fosse, galgar posições, eminências cobiçadas, conquistar nome – celebrar-se.¹⁹⁰

Evaristo, então, via no Rio de Janeiro a possibilidade de melhorar de vida, de conquistar reconhecimento e posição. A cidade “... era, a seus olhos estáticos de provinciano, a quintessência da civilização – Paris em ponto pequeno”. Abandonaram a condição de “...pobres, de uma vida honesta e limpa” e tudo o mais que possuísse algum significado afetivo na província, para se aventurarem na cidade das oportunidades, “porque a província era o status quo, a imobilidade, o abandono.”

¹⁹⁰ CAMINHA, Adolfo. *Tentação; No País dos lanques*. Op. Cit. p. 10

Em Tentação, a tensão entre os valores “civilizados” e provincianos se torna dramática, mas as idéias de provincianismo e civilização se apresentam outras bem diferentes das de A Normalista. Esse aspecto está diretamente ligado à experiência do escritor nos últimos anos de sua vida na capital. A estória gira em torno de um casal que se muda para o Rio de Janeiro, deixando a sua “vidinha” do bairro de Coqueiros “...por achar aquilo muito fora de civilização, incompatível com a sua natureza irrequieta de homem que não veio ao mundo para morrer obscuro ‘num lugarejo humilde da província...’”¹⁹¹

A experiência que Evaristo e Adelaide tiveram na nova cidade se afigura algo totalmente diferente do esperado. A dramatização dessa experiência constitui a crítica e a desilusão de Adolfo Caminha com a civilização, com a forma como esta também se afigurava no Rio de Janeiro e, em consequência, com o modo de vida da cidade. Esta última aparece essencialmente como o lugar da mundanidade, da ostentação e da licenciosidade. Outros intelectuais de sua época sentiram de forma diferente esse processo civilizatório por que passaram as capitais do Brasil no final do século XIX, e, sobretudo, a capital da República, onde o processo se deu de forma mais incisiva e frenética. Esse imaginário sobre a cidade está ainda muito presente em nossas vidas. Mas, para os homens do século XIX, esse drama tinha uma força particular, acima de tudo porque a própria experiência da vida urbana – como ela se constituiu em seus padrões burgueses e civilizados – era nova para o conjunto global da sociedade. A constância com que os romances da época narram os dramas que vieram com a civilização indica a importância que esta tinha no imaginário do final do século XIX. Adolfo Caminha narra o contato entre uma sociedade que se apresentava mais civilizada e outra que ainda não assumira completamente esses valores, através dos personagens Evaristo e Adelaide, os quais representam a cidade pequena e provinciana, enquanto os personagens cariocas, a cidade grande, a metrópole. Não a metrópole de Nova Iorque, moderna, industrial, mas a cidade pomposa, cortesã, aristocrática, que ainda conservava um *ethos* nobiliárquico¹⁹².

¹⁹¹ Id. *Ibidem*, p. 10

¹⁹² PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Tese de doutorado: IFCH- Campinas, 1999.

Evaristo e Adelaide reagiram de forma bem diferente ao encontro com a cidade do Rio de Janeiro.

Evaristo, por seu lado, ia conhecendo o Rio de Janeiro, inclusive, a famosa Rua do Ouvidor, que ele pitorescamente alcunhara de 'beco de perdição'. Não gostava da Rua do Ouvidor; aquele zuzum de abelhas que desciam e subiam em um movimento contínuo, aquela vozeria estéril dos cafés e das portas das lojas, punham-no de mal humor, enchiam-lhe os ouvidos, irritavam-no, desequilibravam-lhe o sistema nervoso, ao mesmo tempo que faziam-lhe confusão no cérebro habituado a vida calma e refletida de homem honesto. – 'Evidentemente nascera provinciano e havia de morrer provinciano – dizia.¹⁹³

A atitude de Evaristo era de negação da civilização, como ele a viu figurada na Rua do Ouvidor. A metrópole apresentava novos códigos que Evaristo não conseguia identificar. E a impossibilidade de captar esses novos códigos fez com que o personagem os negasse completamente. Sem dúvida, essa é uma sensação de fascínio, e, ao mesmo tempo, de repúdio: duas reações muito comuns diante da modernidade.

Interessante notar como a Rua do Ouvidor parece surgir como figura metonímica da sociedade civilizada carioca. Ela era o símbolo que, para Adolfo Caminha, mais concentrava essa nova sensibilidade cidadina; estava ali, de forma visível e alegórica, todo o burburinho, a intranqüilidade, a superficialidade e a impessoalidade advindas com a cidade. Adolfo Caminha, em vários momentos, voltou-se contra a sociedade carioca através da descrição da Rua do Ouvidor. Vejamos outra passagem:

A Rua do Ouvidor estava em seus dias de festiva alacridade, inteiramente cheia, como um rio a transbordar, tumultuoso, murmurejante e iluminado por um sol acariciador de primavera. Iam e vinham os *habitués* de ambos os sexos numa procissão de *toilettes* vivas, num burburinho de festa pública entrechocando-se, acotovelando-se. Famílias conversavam à porta das lojas, moças e velhas madamas, senhores de todas as idades e de todos os tamanhos, rindo, como se estivessem no interior de suas casas, beijando-se alto, enquanto os pais e os maridos discutiam política à porta dos cafés, à espera que elas acabassem de "fazer compras". Ecoavam gargalhadas entre os homens. Uma banda de música a tocar polcas e valsas fazia toda aquela gente esquecer-se que estava na Rua do Ouvidor e cair num grande bailado ao ar livre. As maiores notabilidades da política, da literatura e das

¹⁹³ CAMINHA, Adolfo. *Tentação...* Op. Cit., p. 17

artes, os mais conhecidos escritores e homens de Estado, viam-se ali, em grupo, à porta do Café de Londres, do Castelões ou do Pascoal, frechando com olhar o madamismo suspeito e as demoiselles ricas, assistindo ao tumultuar das cocotes, e das condessas, biografando uns aos outros com risinhos de invertida malícia, observando-lhe o andar, os meneios a *toilette*, a opulência das carnes, como se as quisessem devorar num ímpeto de canibalismo sexual acompanhado-as a perder de vista, gulosos, famintos e banais. Moços de flor no peito, no rigor da moda, chegados de Paris, iam e vinham numa ostentação pedantesca de polainas, de casimiras caras, de coletes brancos e de frases tolas, cumprimentando à direita e à esquerda, erectos como figuras de vitrina.¹⁹⁴

Microcosmo da vida elegante do Rio de Janeiro¹⁹⁵, a Rua do Ouvidor, para Adolfo Caminha, não passava de um pastiche. Essa crítica do autor se fundamenta no bovarismo das elites cariocas, que, no afã de imitar as elites parisienses, acabaram por se sentir a própria Paris, escondendo a realidade de um país mestiço e atrasado. Segundo Pesavento:

Na trilha do princípio de que o hábito faz o monge, vestem-se à européia em pleno verão tropical, para ficarem "parisienses". Escrevem obras que ninguém entende, mas fingem acreditar no que dizem e os demais fingem entender. A população de cor pulula nas ruas, mas a civilização se afirma branca. Os títulos valem mais do que o seu conteúdo...¹⁹⁶

Já Adelaide, que a princípio viu com maus olhos a ida ao Rio de Janeiro, passou por um processo lento de entrega ao fetiche da civilização. Adolfo Caminha detalha passo a passo esse processo. O requinte e a suntuosidade da sociedade carioca a fizeram, ao contrário de repudiar, deixar-se levar pelo seu fascínio.

¹⁹⁴ Id. *Ibidem.*, p. 73

¹⁹⁵ Sobre o cosmopolitismo e requinte do Rio de Janeiro ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. (4ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1995; NEVES, Margarida de Souza. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991; PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias sobre o urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

¹⁹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatthy. "Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o 'caráter nacional'" In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, nº 8, dezembro de 1997, p. 36

...ia notando intimamente, sem expressão de surpresa, o meio carioca... abstraía-se na contemplação dos objetos que a cercavam agora, cada um dos quais era uma novidade para ela. Imobilizava-se, retraída, quase esmagada pelo aspecto luxuoso e confortável da mobília, dos quadros, da tapeçaria, que ornavam a sala do secretário. E aquilo dava-lhe uma volúpia de bem-estar, uns arrepios de gozo calmo e de independência honesta que estava um pouco na massa de seu sangue.¹⁹⁷

É interessante notar que, nas obras naturalistas, a mulher, em especial, foi alvo de todas as idealizações, seja em mostrar o caráter do camponês ou do cidadão. Ao criar uma visão edênica do campo, o escritor depositou na mulher todas as qualidades que pudessem representar essa visão: a doçura, a puerilidade, a honestidade, a caridade etc. De outra maneira, ao tentar dar significado ao mundanismo da cidade, a mulher serviu como um tipo ideal para representar a artificialidade, a impessoalidade e o fetiche de uma civilização de vitrine. Isso talvez se deva à posição da mulher naquela sociedade, sobretudo, da mulher rica e chique. Sem trabalhar, longe da política e da ciência, atividades exercidas preponderantemente por homens, voltadas para as atividades domésticas, as mulheres cidadinas eram representadas nesses romances como exclusivamente consumidoras de modas e portadoras de princípios fúteis e superficiais. Por isso o escritor se centrou em Adelaide, e não em Evaristo, para mostrar a sedução que a sociedade moderna e seu turbilhão de mercadorias exerciam sobre os indivíduos.

D. Branca despertou nela um sentimento novo, que lhe abafava toda a nostalgia da província e deixava-a oscilando, remoendo entre uma vida simples e calma de burguesinha honesta e a vida tumultuosa de mulher elegante e adorada no círculos aristocráticos de uma cidade como o Rio de Janeiro¹⁹⁸

O ficcionista procurou levar este impasse frente aos valores “civilizados” às últimas conseqüências. Os protagonistas do romance estão a todo momento vivendo um drama, ponderando na balança as vantagens e desvantagens de um determinado modo de vida da cidade. Adelaide, pessoa simples da província, a todo momento é testada em sua integridade e honestidade, está

¹⁹⁷ CAMINHA, Adolfo. *Tentação...* op. cit. p 13

¹⁹⁸ Id. *Ibidem.*, p. 20

sempre a ponto de se entregar aos regalos dessa civilização de fachada. Fascinada com D. Branca e suas amigas, “*vestindo-se bem, trajando com elegância, ostentando beleza e mocidade, onde quer que se apresentassem*”, chegou a claudicar diante de seus modos simples: “*Nos primeiros dias estranhara o Rio, achava tudo aquilo muito falso, tudo superficial, tudo para enganar os olhos. Agora não: tudo impunha-se a seu espírito como um dever, como uma necessidade lógica e humana.*”¹⁹⁹

A civilização tenta seduzi-la nas menores atitudes do cotidiano, ela parece uma feiticeira faceira e convincente, mostrando novos produtos que vão se tornando necessidade para Adelaide. Evaristo continua sua atitude crítica, apoiado nos bons valores que trouxe da província.

O homem para ser homem às direitas, carece de lutar, de sofrer as pequeninas misérias sociais... a natureza quer movimento, quer emoções... quer vida, enfim. Todos nós somos uns aventureiros que andamos à cata de filões de ouro.²⁰⁰

Esse foi o argumento de Furtado, homem que encarnava de forma mais típica todos os valores civilizados. Furtado, ao contrário de Evaristo, era um homem que achava a cidade do Rio de Janeiro, com todos os seus modos aristocráticos e mundanos, uma das maiores maravilhas do mundo. Na passagem acima, diante do carranquismo de Evaristo, acabou justificando aquele modo de vida, numa atitude fatalista e conformista, além, claro, de exaltatória. Evaristo, sempre crítico e inconciliável, retorquiu:

... que não dizia o contrário, que tudo aquilo era uma grande verdade, mas que ninguém podia ir de encontro à natureza. Era o primeiro a reconhecer os benefícios e as incalculáveis belezas da civilização; mas também não havia de negar que a título de civilização, emitia-se muita moeda falsa, muito princípio errado – muita bandalheira.²⁰¹

Apesar dos muitos contratempos por que passaram os personagens de Tentação na cidade do Rio de Janeiro, para Adolfo Caminha parece inquestionável o requinte da aristocracia carioca. No romance, a sua imagem de cidade civilizada e dos costumes dessa aristocracia está bem mais próxima

¹⁹⁹ Id. Ibidem., p 21

²⁰⁰ Id. Ibidem., p.31

dos países europeus do que de Fortaleza. Sem dúvida, essa é uma realidade muito recortada pelo romance. Essa proximidade se mostra evidente na descrição dos figurinos e dos interiores.

Estava tudo pronto para uma grande recepção de aniversário: vidros, móveis, tapetes, cristais, o serviço de copa, o buffet, uma quantidade enorme de garrafas, mesa lauta sobre a qual via-se toda a baixela da casa e vasos com flores naturais e altas pirâmides de doce, pondo mancha na brancura da toalha, em cada um buquezinho de violeta arranjado especialmente por Dona Branca; e em toda casa, desde a sala de visita até os fundos da cozinha, um ar alegre de interior holandês, um ar festivo e risonho, cheirando a flores, como a atmosfera matinal dos jardins. Viam-se em todo aquele esmero, em toda aquela simplicidade grega – na composição de um vaso, no arranjo dos buquês – o selo aristocrático de D. Branca e o gosto não menos aristocrático de Luís Furtado harmonizando-se nas menores coisas...²⁰²

Essas descrições dos interiores estão muito presentes nos romances do final do século XIX no Brasil. Elas acabavam por cumprir a função de conferir uma identidade à burguesia local e servir como uma educação dos sentidos para uma nova forma de se postar, de decorar as casas, de vestir novos figurinos etc. Enfim, tinham uma função civilizatória. O romance é todo peneirado para acentuar esse imaginário burguês: o tom sempre comedido e educado dos personagens, seus figurinos impecáveis, suas casas, seus espaços de sociabilidade. Tudo isso deixa bem claro o grau bem mais avançado de civilização do Rio de Janeiro em relação à província. Mas essa realidade estava muito longe de representar o modelo de civilização almejada por Adolfo Caminha. Como já vimos, o projeto do escritor era bem mais profundo e incidia sobre os hábitos, costumes, formas de pensar, que no Brasil deveriam ser radicalmente modificados.

Com o desenrolar da estória, devido a um conjunto de frustrações por que passa o casal – inclusive a tentativa de assédio de Adelaide por Furtado – a esposa se desilude com o Rio de Janeiro e com os dissabores da civilização, convencendo Evaristo de que nunca nutriu nenhuma fantasia por aquele pastiche de civilização, e a voltarem para Coqueiros. Mais uma vez Adolfo

²⁰¹ Id. Ibdem., p. 17

²⁰² Id. Ibdem., p. 33.

Caminha usa o recurso da sedução, como em “A Normalista”, como um culminar de um processo de confronto entre modos de vida diferentes. Desta vez, Adelaide resistiu aos encantos de Furtado. Essa resistência tem um significado diferente do da entrega de Maria do Carmo. A sua entrega era a confirmação de que, numa cidade provinciana e atrasada, era impossível exercer plenamente a liberdade. Já a resistência de Adelaide projeta um novo olhar sobre a província, a qual passa a ser o refúgio onde se poderia colocar longe de uma sociedade que mostrava todos os males da civilização. Evaristo é o personagem alter-ego do escritor, republicano, incisivo, irreduzível, negando a todo momento essa civilização falsa, hipócrita e mesquinha. Mas é Adelaide quem melhor expressa a desilusão generalizada de Adolfo Caminha com a civilização, já nos seus últimos anos de vida no Rio de Janeiro.

Oh, quanto mais dentro da civilização, mais horrores, mais espinhos, como no interior de uma floresta de cardos, povoada de insetos venenosos. Homens e mulheres traem-se com a mesma facilidade com que se juram amar eternamente uns aos outros. Bem lhe diziam na província que o Rio de Janeiro era um centro de perdição, uma Babilônia de vícios, bem lhe diziam!²⁰³

O percurso de Adolfo Caminha nos mostra o quanto os significados atribuídos à cidade estão ligados a uma perspectiva do sujeito que a observa e à sua experiência social. No seu romance Tentação, Fortaleza é pintada com outras cores. Não mais a capital da província atrasada e tupiniquim, mas a segurança, a pureza e a tranqüilidade que pode oferecer a cidade pequena. Mas não é bem o centro da capital da província a que se refere o autor, e sim a Coqueiros, um bairro afastado, a meio caminho entre a cidade e o campo: o subúrbio. Nesse sentido, parece muito interessante a semelhança entre a palavra Coqueiros e Outeiro, bairro em que Adolfo Caminha viveu. No artigo que escreveu sobre a Padaria Espiritual, em 1895, bem próximo de quando escreveu Tentação, o romancista descreve com nostalgia o bairro em que viveu com sua mulher:

Daqui, do meu pouso actual, tão longe dos “verdes mares”, ainda sinto a vaga emoção, meio gostosa, meio amarga, de uma saudade que talvez não acabe nunca, porque foi lá, nesse adorado bairro de

²⁰³ Id. Ibidem., p. 66

lenhadores e fazendeiros, que eu amei, que eu vivi, que eu soffri..., meigo para os bons, máo para os perversos, pedindo a Deus que me deixasse morrer, velho embora tranqüilo, socegado, num abandono de victima orgulhosa, como morreu tísico e só, entre a mulher e o filho recém-nascido, aquelle outro meu visinho em tedios, o Manoel Paiva, junto á imagem do Christo, - elle um impio, elle um renegado...

Aqui estou, no turbulento redemoinho da vida fluminense, muito minha conhecida, trabalhando, escrevendo para os jornaes, ouvindo os rumores das paixões politicas e supportando os editores, até que um dia vá servir de pasto á ganancia do infinitamente pequeno... Aqui estou e daqui escrevo embalado pela nostalgia da minha terra, vendo-a através da distância, augmentada pela saudade, grande na sua miniatura de povoado risonho que olha para o mar.²⁰⁴

Adolfo Caminha, não, mas o casal protagonista de Tentação volta à província, porque, nas palavras de Adelaide: "*Em Coqueiros, ao menos gozava tranqüillidade, ninguém ia meter na cabeça idéias perniciosas a título de civilização, nem era obrigada a luxos e hipocrisias*"²⁰⁵

²⁰⁴ CAMINHA, Adolfo. Cartas Literárias. Op. Cit., 158

3º CAPÍTULO

Rodolfo Teófilo: o campo e a cidade

Rodolfo Teófilo²⁰⁶ nasceu na Bahia em 1853 por uma desventura, pois sua mãe teve uma gravidez de risco, obrigando seu pai a levá-la para Salvador, local em que, no Império, a Ciência Médica era uma das mais avançadas.

Voltou ao Ceará, onde passou a sua infância, até os treze anos, no Aracati. Perdeu a mãe, D. Antônia Josefina Sarmiento Teófilo, de anemia, e logo depois também o seu pai, o médico Dr. Marcos Rodolfo Teófilo, vítima de uma das tantas epidemias que, no período, se alastravam nas terras cearenses: o beribéri. Perdidos pai e mãe, sozinhos no mundo, os irmãos Teófilo ficaram sob a guarda de um parente afim, o comerciante José Francisco da Silva Albano, e passou a residir na capital da Província. Nesse período, que vai de 1864 a 71, Rodolfo Teófilo estudou no Ateneu Cearense – um dos poucos estabelecimentos de ensino privado do Ceará -, onde conviveu com, entre outros, Thomás Pompeu, Rocha Lima, Domingos Olympio e Capistrano de Abreu, nutrindo por esse último uma especial admiração e amizade. Sendo já um rapazote, o padrinho decidiu que ele deveria deixar os estudos e começar a trabalhar, o que gerou uma revolta no diretor do Ateneu, pois Rodolfo Teófilo era um dos seus melhores alunos. Sendo assim, o diretor deu a oportunidade de Rodolfo Teófilo estudar gratuitamente no Ateneu se, em contrapartida, ele desse algumas aulas de reforço às turmas menos avançadas do estabelecimento. Devido ao trabalho excessivo, o estudante caiu muito em seu desempenho, o que levou seu padrinho a tirá-lo do Ateneu, antes que completasse os seus estudos, e lhe arranjar um emprego de caixeiro na casa comercial Albano & Irmão, de propriedade do então Barão de Aracati, uma das maiores fortunas do Ceará.

²⁰⁵ CAMINHA, Adolfo. *Tentação...* Op. Cit., p. 97

²⁰⁶ Com respeito à biografia de Rodolfo Teófilo ver: NETO, Lira. *O Poder e a Peste: a vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1999. SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da pátria*. Fortaleza: s.n, 1997.

Mesmo sem estar matriculado em nenhum estabelecimento de ensino nem ter professores particulares, Rodolfo Teófilo, paralelamente à carga excessiva de seu trabalho de caixeiro, continuava os seus estudos por conta própria, sempre nutrindo a esperança de um dia ser médico, como fora seu pai. Foi, então, que conheceu o capitão Henrique da Justa, o qual, sabendo dos pendores intelectuais do jovem, decide custear os seus estudos superiores. Rodolfo Teófilo passou algum tempo no Recife cursando os preparativos para o teste de admissão na Faculdade de Farmácia da Bahia, pois o dinheiro de que dispunha o impossibilitava de cursar a tão sonhada Faculdade de Medicina. Terminados os preparativos, ele se submeteu aos testes e, para sua felicidade, foi aprovado entre os primeiros colocados. Daí em diante sua vida tomaria outro rumo, em alguns anos ele seria “doutor”, formado em uma das mais renomadas faculdades do Império.

Na Bahia, se auto-identificava como cearense, e, ao ser reconhecido por um amigo de seu pai que acompanhara o parto de Teófilo, e questionado sobre sua naturalidade, Rodolfo Teófilo afirmou: “*Sou cearense por que quero*”. Essa frase soou nos ouvidos de seus biógrafos como manifesto de sincero amor à terra. Na verdade, o farmacêutico tinha um grande apego ao Ceará, tendo permanecido nele durante todos os seus 79 anos, só deixando-o devido aos preparativos no Recife e aos quatro anos de estudo na Faculdade de Medicina da Bahia.

A Faculdade de Medicina da Bahia era um dos principais centros do pensamento racista no Brasil. Mestres como Nina Rodrigues divulgavam as teorias antropológicas européias, como Cesare Lombroso, Gabineau, Gall, Gustave Le Bon²⁰⁷ que, em resumo, postulavam um determinismo biológico na explicação de fenômenos sociais e psicológicos. Sendo que à época, o debate entre a intelectualidade brasileira girava em torno da formação de nosso povo, essas teorias de cunho racista, de uma forma geral, voltaram-se contra as populações negras e mestiças de nosso país, procurando explicar a causa do nosso atraso através de qualificações depreciativas sobre a raça negra e aos

²⁰⁷ Lilia Schwarcz faz uma breve, mas interessante, discussão dessas idéias racistas européias em: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. Vale destacar também a sua análise sobre as idéias racistas na Faculdade de Medicina da Bahia.

mestiços²⁰⁸. Esses referencias teóricos, como veremos, Rodolfo Teófilo manejou largamente em sua produção intelectual, seja literária ou científica.

Rodolfo Teófilo concluiu o seu curso de Farmácia no ano de 1874 e retornou logo depois para o Ceará. Sua vida profissional começou com uma modesta farmácia na Pacatuba, município muito próximo de Fortaleza. A partir daí sua vida esteve intrinsecamente ligada aos principais fatos que ocorreram na província. Sua militância enquanto profissional e letrado é um exemplo paradigmático do tipo de intelectual urbano multifacetado, que transitava nos várias ramos do saber, muito comum no século XIX, período em que a especialização das ciências ainda era muito pequena. Além de farmacêutico, foi sanitarista, literato e industrial. Como literato participou das principais agremiações literárias do Ceará, foi do Club Literário²⁰⁹, da Padaria Espiritual, do Centro Literário²¹⁰, da Academia Cearense de Letras²¹¹, e do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará e também era um articulista constante dos jornais.

Vinculado ao naturalismo, enquanto escola literária e científica, o escritor como ninguém encarou a criação artística em sua função pragmática e documental. Para Rodolfo Teófilo a literatura tinha uma função civilizatória e deveria contribuir para a modernização do país. Um breve passeio por sua obra nos mostra muito bem isso. *A Fome* (1890) saiu posterior ao seu estudo sobre as secas no Ceará intitulado "História da Secca do Ceará"²¹². E não é exagero afirmar que a ficção é uma história romanceada de seu estudo. Com esse romance o escritor intentou denunciar vários aspectos da realidade da seca de 77, de que discordava radicalmente: a corrupção dos comissários de socorros públicos, o descaso das autoridades para com o sofrimento dos retirantes, os

²⁰⁸ Ver: CORRÊA, Marisa. *As Ilusões da Liberdade: a Escola da Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista (SP): EDUSF, 1998.

²⁰⁹ O "Club Literário" foi fundado em novembro de 1886 e o jornal "A Quinzena" circulou de 15 de janeiro de 1887 a 10 de junho de 1888. Tinha como seus membros, entre outros: João Lopes, Juvenal Galeno, Farias Brito, Francisca Clotilde, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo. É um jornal de fácil acesso, eu mesmo tenho uma cópia fác-similar.

²¹⁰ O Centro Literário foi fundado em setembro de 1894 e congregava muitos intelectuais. Lançou, além do periódico "Iracema", muitos livros dos escritores cearenses.

²¹¹ Fundada em agosto de 1894, congregou muitos intelectuais e lançou a Revista da Academia. Esses duas sociedades literárias – esta e a da nota anterior – ainda precisam ser analisadas mais acuradamente. As referências encontrei em BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1948.

²¹² Teófilo, Rodolfo. *História da Secca do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

trabalhos forçados a que eram submetidos os retirantes nas frentes de trabalho, a truculência das autoridades policiais, as péssimas condições dos abarracamentos em que eram alojados os retirantes – que aumentavam ainda mais o risco de proliferação de epidemias –, a política de migração para o sul do país promovida pelas autoridades locais e a sociedade cearense e, sobretudo, aqueles cidadãos que, insensíveis aos sofrimentos dos retirantes, continuavam ostentando luxo e riqueza. Mais do que denunciar, Rodolfo Teófilo pretendia educar. Sendo a atividade letrada o principal meio de comunicação da época, o escritor usou-se largamente dela como meio informativo e educativo. Ainda em A Fome ele passa longas páginas ensinando como preparar a mucanã, raiz muito venenosa, mas que, se preparada corretamente, pode servir de alimento, principalmente em períodos de escassez, como é o caso da seca. Ele também alerta aos que forem se servir dessa planta sobre o fato de existirem outras similares, mas não apropriadas para o consumo. A prostituição, que corria solta em época de seca, foi outro fato que, através de A Fome, Rodolfo Teófilo buscava não só denunciar, como também alertar.

Essa mesma preocupação encontraremos no romance O Paroara (1899). O livro é uma propaganda explícita contra a emigração para a Amazônia. O argumento de Rodolfo Teófilo é de que na Amazônia são poucos, entre tantos que tentaram melhorar de vida no Norte, que conseguiram realmente se dar bem. A maioria adoecia de “paludismo”²¹³ e era explorada pelos seringueiros. O romance, de uma forma geral, é um manifesto de denúncia de vários aspectos da forma como se processava essa emigração: as péssimas instalações que nasceram próximas à Estação Central com o fito de receberem os retirantes antes do embarque para o Norte; a forma desumana com que era feito esse embarque; as péssimas condições da viagem etc. Rodolfo Teófilo acreditava que, ao invés da emigração, que causava um despovoamento do campo, as autoridades deveriam, dado a recorrência das secas no Ceará, criar políticas preventivas contra esse fenômeno, sem prejudicar a nossa economia com a fuga de braços.

²¹³ Como era denominada a malária, doença transmitida pela picada do mosquito prego, que causa febres e mal-estares cíclicos devido a substâncias tóxicas liberadas pelo protozoário *Plasmodium vivax* no sangue.

Os Brilhantes (1897), romance que trata do cangaço, é também uma denúncia, desta vez contra sistema político atrasado do sertão, corrupto, submetido aos chefes locais, onde imperava a lei do bacamarte, do olho por olho, dente por dente. Variola e Vacinação (1904), além do autor exaltar os próprios feitos na extinção da varíola no Ceará, é uma denúncia contra os descaso da oligarquia aciolina, que, devido à politicagem, perseguiu e atrapalhou o trabalho humanitário de Rodolfo Teófilo. Cito apenas essas porque as analisaremos nesse capítulo, mas no mesmo sentido vão as outras obras do autor.

Desta forma, na visão de Rodolfo Teófilo, a literatura cumpriria um papel civilizatório; ela era, por assim dizer, a principal trincheira que esses intelectuais possuíam na sua jornada em busca da modernização das estruturas do país. Como vemos também, para Rodolfo Teófilo a idéia de civilização compreendia amplos aspectos da realidade social. Para além das já apontadas por Adolfo Caminha, Rodolfo Teófilo nos coloca outras: a higienização das cidades, as condições de moradia, a saneamento etc. Tudo, claro, sem nunca deixar de enfatizar o caráter preconceituoso de que estava eivada a mentalidade das elites do século XIX ao pensar as camadas mais empobrecidas de nossa população.

A crítica literária, de uma maneira geral, não tem poupado a obra ficcional de Rodolfo Teófilo²¹⁴. Ao contrário de Adolfo Caminha – que é hoje considerado um dos vultos da literatura brasileira e figura em qualquer compêndio de literatura como um dos representantes incontestáveis da estética naturalista – Rodolfo Teófilo, quando aparece, é com ressalvas e desmerecimento às características estéticas de sua obra, a seu estilo rebuscado, maçante e excessivamente descritivo.

Se a crítica literária vê com maus olhos essas características de Rodolfo Teófilo, nós, historiadores, pelo contrário, devemos vê-las com grande simpatia. São exatamente esses defeitos estéticos, esse não poupar de palavras e de descrições, que fazem da obra de Rodolfo Teófilo um dos mais vivos e abundantes registros do passado. Desta forma, a linha que separa a

²¹⁴ Vários críticos literários apontam levantam esse ponto sobre a obra de Rodolfo Teófilo, dentre eles, José Veríssimo. Ver: AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976

produção científica e histórica da ficcional é muito tênue, e assim podemos dizer que a sua preocupação estética apequenava-se diante da histórica e documental.

A corrente literária à qual o autor se vincula e sobretudo o apego às questões sociais mais candentes das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX ressaltaram o seu espírito documentalista. Nas palavras de Otacílio Colares:

...sua obra é valiosa, antes de tudo, pelo tom de sincera regionalidade, não a puramente superficial e pouco durável, antes, uma regionalidade por ele encarada em termos de observação e pesquisa profundas, de preocupação em descobrir e revelar o lado verdadeiro dos grandes dramas e das grandes alegrias da terra que sempre considerou a sua.²¹⁵

É esta, também, no meu ponto de vista, a grande diferença entre Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo, ao pensar as relações entre o campo e a cidade na literatura cearense naturalista. Eles se encontram numa mesma cidade, a Fortaleza do fim do século XIX, pertencem a uma mesma corrente de pensamento, mas, ao projetarem o seu olhar sobre a cidade, um enxerga da corte à província, o outro da capital da província ao sertão. É desta forma que não encontramos em Rodolfo Teófilo, apesar de ser um adepto do progresso e dos valores da civilização, qualquer referência a uma Fortaleza provinciana. Se tomarmos as obras de Rodolfo Teófilo, veremos que seus temas em sua maioria caminham em direção aos problemas do homem do campo, da realidade das secas, das migrações, do fanatismo religioso das populações campesinas e do cangaço.

A obra de Rodolfo Teófilo é praticamente toda voltada para o fenômeno das secas, e, de uma forma geral, procura documentar e dramatizar a sociedade no momento em que o Ceará foi assolado pela seca no final do século XIX. Encontraremos em Rodolfo Teófilo uma outra *estrutura de sentimentos* acerca do campo e da cidade. Seu olhar não se dirige para fora com tanta incidência, não espelha outras províncias, como o olhar de Adolfo Caminha, mas volta-se para a realidade local com demorada gravidade. Sem

²¹⁵ COLARES, Otacílio. O "Paroara na ficção de Rodolfo Teófilo". In: TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974, p. 9

dúvida, não podemos dizer que Teófilo não tinha qualquer referência externa, que ele não almejasse uma Fortaleza nos moldes europeus. O que quero dizer é que a sua vida pessoal e a sua criação literária apresentam uma sensível preocupação com o homem do campo e sobretudo com os retirantes da seca que vinham ocupar a cidade como única alternativa que pudesse minorar o seu estado de penúria. Procuo com esse capítulo compreender as relações entre o campo e a cidade na obra de Rodolfo Teófilo.

3.1 – O homem do Sertão: entre o ideal e a raça

O categoria sertão comporta múltiplas representações com forte apelo no imaginário e na experiência história brasileira por possuir “...um enorme poder de evocação de imagens, sentimentos, raciocínios, sentidos...”²¹⁶. Para além de ser o espaço do inculto, do primitivo, do intocado, é também o espaço da revolta, da rebeldia, da insurreição²¹⁷ e da insubordinação contra o poder constituído. O sertão também é o espaço de uma tradição política atrasada, imersa no favoritismo e no clientelismo de uma elite local que atravanca a modernização do país. E muito mais: é o espaço das “tradições e costumes antigos”, das festas populares, do cordel, da religiosidade “lírica”, quase profana, beirando o “fanatismo”. O sertão da miséria e da seca, da “indústria da seca”. Espaço qualificado fora de si mesmo, sempre em relação ao espaço que lhe opõe: à cidade, ao litoral, ao “que é delicado, cultivado e civilizado.”²¹⁸

Até o século XIX o sertão era tido não como um lugar delimitado política e geograficamente, mas como um “lugar do outro”²¹⁹, daqueles que se encontravam longe da civilização, lá onde não alcança a letra e a norma, inculto, no duplo sentido de ser sem “indústria” e sem saber. Sertão seco, agreste e rude das populações negras, índias, mestiças, pobres, vagabundas,

²¹⁶ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000, p. 33.

²¹⁷ CASTELO, Sander Cruz. *O sertão convulsionado, sertão dilacerado: “O dragão da maldade contra o santo guerreiro no contexto sócio-político-cultural dos anos 60*. Monografia de Bacharelado: UFC/CH, 2002.

²¹⁸ Id. Ibidem. p. 38. Para uma interessante discussão sobre essa multiplicidade de sertões ver também: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

²¹⁹ Id. Ibidem. Ver também: LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996

ociosas, praticamente avessas ao processo civilizador. Segundo Ivone Cordeiro Barbosa, nesse caso:

O sertão é o lugar das gerais, da 'terra de ninguém'; é inculto por não ser cultivado, mas também por ser o lugar dos animais, dos homens de segunda classe, de índios bárbaros e selvagens e de negros rebeldes, enfim, dos "sem poder". É também o lugar do desconhecido, da permanência, do exótico, da 'drogas e minas'. O sertão é o espaço da exclusão

Mas essa multiplicidade de sertões não têm uma essencialidade em si mesma, fora dos sujeitos que a nomeiam. Esse conjunto de imagens foi movimentado na experiência histórica brasileira para os mais diversos fins, por diversas classes e grupos políticos, não cabendo buscar nelas mesmas algum significado histórico e sim nos sujeitos ou grupos que as manipulam, que as tomam como referência para justificar sua intervenção social. Por isso mesmo essas imagens compõem a realidade histórica e devem ser compreendidas em seu contexto.

A obra de Rodolfo Teófilo deixa emergir uma multiplicidade de sertões. O sertão das festas populares, das pequenas cidades abandonadas, só ocupadas nos dias de festa, o sertão típico, que conforma a nacionalidade brasileira. Também o sertão do cangaço, da política do bacamarte, "olho por olho, dente por dente"; de homens honrados, corajosos, simples, ingênuos, cordiais, companheiros etc. Também o sertão do índio, negro, mestiço, todos avessos à civilização. Mas, sobretudo, o sertão da miséria e da seca, e por isso da insegurança, da imprevisibilidade, do presságio. São vários os sertões de Rodolfo Teófilo, mas nunca o sertão que se nomeia, nunca visto de dentro, mas sempre de fora, pelo cidadão, pelo intelectual na procura de dar sentido a uma experiência do outro, na busca de sua própria experiência. Nesse sentido, segundo Ivone Cordeiro Barbosa:

... dava indícios da existência de uma problemática, geralmente pensada ou, pelo menos, generalizada pela literatura de ficção, muito mais como uma questão urbana, própria dos processos do crescimento e do progresso nas cidades industriais, do que referida como problemática rural²²⁰

²²⁰ BARBOSA, Ivone Cordeiro. Op. Cit. 174 Obs.: Apesar de essa afirmação de Ivone Cordeiro Barbosa ser colocada em um momento de seu trabalho em que procura mostrar que

Na obra de Rodolfo Teófilo persiste uma velha oposição entre o campo e a cidade. No campo existem homens éticos, honrados, ingênuos, verdadeiros, companheiros etc. Na cidade, por sua vez, residem homens mundanos, interesseiros, hipócritas, espertalhões etc. Contudo, essa comunidade ética do sertão é bem selecionada pelo escritor. Nem todo o sertanejo é ético, puro e ingênuo, só uma parte deles, na verdade, só uma pequena minoria, como veremos.

No final do século XIX, como já foi afirmado, a cidade se viu tomada por um cosmopolitismo frenético decorrente da ligação cada vez mais estreita do Ceará com o capitalismo internacionalizado. Rodolfo Teófilo e outros letrados, apesar de adeptos de uma sociedade urbana, civilizada e cosmopolita, reagiram de forma muito negativa diante da forma como ia se processando a “civilização” na província, mas sobretudo, como ela atingia de forma tão avassaladora a cidade de Fortaleza. Nesse sentido, é comum a referência aos portos, que toda semana traziam as novidades da Europa: vestidos, fraques, bebidas, fumos etc. Ou melhor, Rodolfo Teófilo discordava radicalmente dessa forma de civilização que desdobrava apenas no consumo frenético e conspícuo das elites citadinas, ávidas por se tornarem civilizadas segundo o molde europeu. Essa é também uma velha estrutura de sentimentos que opõe o homem do campo, austero, sóbrio, frugal, ao da cidade, perdulário e ostentador. Dentro desse contexto, Rodolfo Teófilo atribui um conjunto de qualidades ideais ao homem do campo. Se não vejamos. Manuel de Freitas é o protagonista de A Fome, coronel da Guarda Nacional, branco, proprietário, “descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão”. O romancista caracteriza-o assim:

A musculatura estava reduzida, mas mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem sustentar um touro. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida sãos e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade... A par da energia do caráter estava a bondade do coração, a doce expansividade no

as multidões são um fenômeno normalmente pensado para as cidades – o que espantava os observadores ao vê-lo no campo – considero-a muito significativa no sentido de mostrar que os intelectuais do século XIX pensavam o rural numa ótica urbana.

lar entre a família e os amigos. Aquela figura de aço, desfazia-se em carinhos no berço dos filhos, em serviço junto dos oprimidos²²¹

Então, o homem do campo é saudável, viril, terno, solidário, preso aos valores da família e da amizade. E mais, por trás de sua aparência rude se escondem os melhores e mais honestos valores, a mais sincera ternura²²². Carolina, filha de Manuel de Freitas, herdou dele todas as suas qualidades, sejam elas físicas ou psicológicas, como descreve Rodolfo Teófilo:

Tinha quinze anos e o vigor das naturezas completamente sadias. O seu todo denotava a saúde dos organismos desenvolvidos ao ar do campo. Havia em seu corpo uma perfeita harmonia de formas, todas obedecendo às leis de uma rigorosa estética. Tinha um ar nobre que se percebia logo à primeira vista. Os olhos grandes de um azul celeste tinham a suavidade das almas puras e castíssimas, e davam uma expressão de vontade à fisionomia expandida em um rosto do mais correto oval, emoldurado por uma saneta de cabelos louros. O nariz era aquilino. A boca formada por lábios rosados, conservava a castidade dos primeiros anos, e nunca fora maculada pela malícia ou desdém. O clima equatorial com seu sol de fogo criara aquela flor loura, branca e de olhos azuis.²²³

A comunidade ideal do sertão, para Rodolfo Teófilo, é muito reduzida, ela é composta pelos homens brancos e proprietários. Segundo Ivone Cordeiro Barbosa²²⁴ esses homens brancos representam, para essa intelectualidade, focos de civilização no sertão. Rodolfo Teófilo, assim como Adolfo Caminha, via nesses homens brancos do campo uma ancestralidade que compunha uma certa história e uma memória da elite sertaneja e, também, como uma certa esperança de que o sertão poderia ser civilizado, até mais do que a cidade, contanto que sua composição social fosse radicalmente modificada. Essa visão fica bem clara quando o romancista descreve os perfis dos sertanejos que não sejam o do homem branco e proprietário. Vejamos como ele descreve, por exemplo, João das Neves, protagonista de O Paroara:

²²¹ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome; Violação*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979, p. 4

²²² Como vimos no primeiro capítulo, essa passagem também está muito ligada ao pensamento do jornal *A Quinzena*, que afirmava que, devido ao fenômeno das secas, o sertanejo se tornava um forte, um rude, um possante.

²²³ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome; Violação*. Op. Cit., p. 12

²²⁴ BARBOSA, Ivone Cordeiro. Op. Cit.

Um caboclo com apurada sensibilidade moral, com nervos para sentir uma saudade, para chorar a separação de um amigo, seria um salto da natureza, que jamais viola as suas leis. Quem com alguns conhecimentos de antropologia, observasse detidamente o tipo de João das Neves, havia de descobrir nele, embora meio apagados, vestígios de uma outra raça, que não era a que predominava em suas formas e feições. A adolescência em plena maturidade havia completado o desenvolvimento de sua carnação em todo vigor de vida e de saúde. A musculatura de seus ascendentes índios salientava-se na pujança de todas as suas linhas.

A natureza havia sido grandemente pródiga e tão pródiga que não esquecera de dar a sua criação além de todas as qualidades, algumas atávicas, físico-psíquicas. Assim, naquele caboclo, entroncado, havia alguns traços que não era do indígena brasileiro, era da raça branca. O seu todo era de índio; mas descendo-se a um exame mais apurado, aos detalhes, via-se que a cor de cobre da sua pele era um pouco mais desmaiada do que a do cabelo verdadeiro; os seus olhos mais rasgados, menos oblíquos e com um íris de um castanho quase negro; os cabelos, embora de um preto intenso, corridos, não era duros como os do tapuia e no rosto havia barba, falha, é verdade, mas ocupando todo o sítio peloso das faces.

O elemento branco se denunciava nesses pequenos detalhes, porém mais se acentuava na forma e no tamanho das mãos e na desigualdade dos dedos.

A estas manifestações da raça branca comprovando a lei do atavismo, se juntavam outras psíquicas de não menor valor: João das Neves tinha uma alma afetiva, era capaz de amar.²²⁵

A descrição minuciosa do autor, ressaltando características anatômicas e de raça, fazendo questão de afirmar sua vinculação com a antropologia, nos mostra o quanto as teorias raciais, aprendidas da Faculdade da Bahia, marcaram profundamente a sua visão de mundo. No trecho acima percebemos que as boas qualidades de João das Neves, como o amor e a afetividade, foram herdadas da raça branca, já as más qualidades ele as herdou, por *atavismo*, de seus ascendentes índios. Contudo, Rodolfo Teófilo depositava esperança visível na mestiçagem²²⁶. Para ele, o cruzamento do índio e do negro com o branco resultava no predomínio do último sobre os primeiros e, desta forma, havia uma possibilidade de, a partir desse cruzamento, embranquecer o povo brasileiro. Como a maioria absoluta da população do sertão era composta de índio, negros e caboclos, nos quais os caracteres

²²⁵ TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*. Op. Cit. p. 27

²²⁶ Marisa Corrêa analisa o debate entre Silvio Romero e Nina Rodrigues, em que o primeiro depositava uma certa esperança no povo brasileiro por acreditar que com o passar do tempo este seria embranquecido através do cruzamento das raças negra e branca. Já Nina Rodrigues era cético com respeito a este cruzamento. Ver: CORRÊA, Marisa. Op. Cit.

brancos não eram ainda preponderantes, o homem do campo ético, honrado e fraterno, para Rodolfo Teófilo, representava uma minoria da população do sertão.

Muito interessante nesse sentido é a forma com que o autor compõe o perfil de Jesuíno Brilhante, o protagonista de *Os Brilhantes*. Homem branco, proprietário, mas “portador de uma nevrose de homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, até então em estado latente...”²²⁷ Quer dizer, o personagem tinha, através da miscigenação, apagado praticamente todos os traços de seus ascendentes índios, a não ser a propensão para o homicídio, que lhe ficou por atavismo. Tendo sido morto um parente seu pelos “Calangros”, o seu pendor para o assassinio se manifestou de forma acentuada, levando-o a um desejo de vingança incontrolável. Daí em diante o romance narra as peripécias heróicas do personagem, lutando praticamente sozinho contra uma horda de malfeitores, sempre muito perspicaz, hábil, inteligente, forte, invencível, matando sem piedade seus inimigos cangaceiros. Mas Jesuíno Soares, o Brilhante, “não era um assassino comum, um homem torpe, abusando da força e do poder, que se havia incutido no ânimo de seus patrícios para cometer toda a sorte de crimes, toda casta de misérias”²²⁸. A herança da raça branca sobrepujava as deixadas por seus ascendentes indígenas. O trecho seguinte é ilustrativo nesse sentido:

Nessa vida de tribulações, esperando a todo instante a bala que o derribaria para sempre, Jesuíno não deixava de tirar parcela desse tempo e empregá-lo em beneficiar os desgraçados, socorrer os oprimidos. Constituiu-se juiz e juiz absoluto naquelas cercanias. A justiça que administrava era tão reta que em breve foi grande a sua fama. Só tomava conhecimento dos crimes praticados contra a honra e a propriedade. E ai daquele que os tendo cometido, não os reparasse com o casamento ou a restituição. Para os que se negavam só havia uma pena – a morte. Assim, castigando com a maior severidade e justiça os delinqüentes, conseguiu quase acabar com aqueles crimes dentro da área de sua jurisdição. Os defloramentos e dos estelionatos, diminuíram muito, porque o Brilhante era inexorável quando os punia. Uma das qualidades que mais recomendavam Jesuíno à confiança e respeito de seus conterrâneos, era a retidão de sua justiça. Para ele todos eram iguais e provou isso inúmeras vezes decidindo questões entre pobres e

²²⁷ TEÓFILO, Rodolfo. *Os Brilhantes*. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1972, p. 76

²²⁸ Id. *Ibidem.*, p. 227

ricos. O filho de um fazendeiro de grandes haveres deflorou uma menor, filha de um vaqueiro, supondo por sua posição escapar à justiça do brilhante...

A população daqueles paragens era afeiçoada a Jesuíno, afeição esta que crescia pelos seus atos de nobreza e abnegação.²²⁹

Essa cena acontece em um momento muito especial do romance. Depois de a seca tomar o sertão, Jesuíno se refugiou em uma serra. Enquanto a população atingida pela seca cometia todo tipo de selvageria e barbaridade, Jesuíno manteve todos os seus atributos de honra e justiça intocados e conseguiu, como nenhum outro, sobreviver em tempo de miséria. E o que parece mais interessante, mesmo nesse tempo de crise, conseguiu criar um foco de civilização no sertão, impondo a ordem e o respeito àquela comunidade de miseráveis e desclassificados.

Completamente outras são as qualidades que Rodolfo Teófilo atribui, nesse romance, aos mestiços, negros e índios. José, negro que Jesuíno libertou e que o acompanhou na luta contra os Calangros, já pelo fim do romance, o trai, levado pelo desejo torpe e incontralável de possuir uma das vítimas da seca que Jesuíno acolheu e protegeu. É assim que Rodolfo Teófilo descreve José: "*Temperamento ardente e libidinoso... sentia-se devorado por desejos sensuais.*"²³⁰ O outro companheiro de Jesuíno, alcunhado Cobra verde, um mulato, que no final também o traiu, passou a seguinte impressão ao personagem: "*Tinha conhecido um sujeito muito parecido com ele, que além de bêbado por índole tinha sentimentos da víbora da fábula.*"²³¹ Mas é na caracterização dos Calangros, os vilões do romance, que Rodolfo Teófilo mas carrega nos atributos de raça de forma depreciativa e preconceituosa:

Os Calangros formavam uma grande família de mestiços, vulgarmente chamados cabras, no norte do Brasil, produto do cruzamento do índio e do africano, e inferior aos produtos de que é formada. O cabra é pior do que o caboclo, e do que o negro. É geralmente um indivíduo forte, de maus instintos, petulante, sanguinário, muito diferente do mulato por lhe faltarem as maneiras e a inteligência deste. E, tão conhecida é a índole perversa do cabra que o povo diz: não há doce ruim, nem cabra bom.²³²

²²⁹ Id. Ibidem., p. 228

²³⁰ Id. Ibidem., p. 223

²³¹ Id. Ibidem. p. 187

²³² Id. Ibidem. p. 93

Analisando esses perfis vemos que Manuel de Freitas, um branco puro, reúne todas as qualidades de homem honrado, íntegro, companheiro, inteligente, sensível etc. Jesuíno Brilhante, que tinha uma ascendência muito remota da raça negra ou indígena, herdara uma nevrose que levava ao homicídio, mas suas acentuadas características da raça branca o faziam um homem justo, honesto e caridoso, capazes de conformar um herói. Já João das Neves, por possuir uma ascendência indígena muito próxima, mas apresentar qualidades da raça branca marcantes, é capaz de ter inteligência e sensibilidade, até maiores do que se podia esperar, contudo esses caracteres não conformam um herói. Os outros personagens secundários, negros, índios, mestiços, são todos degenerados por defeitos atávicos de raça e, por isso, desonestos, assassinos, libidinosos, traiçoeiros, feios etc. No caso dos Calangros, esses atributos são ainda mais depreciativos, pois eles eram fruto do cruzamento de raças inferiores, o negro e o índio. Desta forma, na percepção do escritor, a cidade e o campo eram espaços demarcados, inclusive, pela origem de sua população: no sertão, em sua maior parte, estava o mestiço rude e ignorante, impermeável aos valores civilizados; na cidade, uma maioria da raça branca capaz de realizar os seus projetos de progresso e civilização, mas que entregue a costumes arcaicos e superficiais, deveria ser educada para a sociedade que ele pretendia criar no Brasil.

Há também outras representações do sertão a que Rodolfo Teófilo deu ênfase em sua obra romanesca. O sertão das festas populares, das trovas, dos costumes agrícolas; sertão que conforma uma identidade local, típica, folclórica. Como vimos no primeiro capítulo, paralelamente a um forte cosmopolitismo burguês e citadino, já no final do século XIX, entre os naturalistas, emergiu um forte desejo de diferenciação local que delimitasse uma cultura popular e sertaneja, recortando e selecionando aspectos dessa cultura que pudessem compor um Ceará distinto, autêntico, verdadeiro, em oposição a um ambiente urbano impessoal, indiferenciável, estandardizado. Essa é uma tendência que se aprofunda ao longo da década de 90, com obras como "Trovas do Norte" (1894), de Antônio Sales, até culminar, em 1904 com "Dona Guidinha do Poço", de Oliveira Paiva, e "Luzia-Homem", de Domingos Olympio, romances pioneiros do Regionalismo, e que já apresentam esse ideal estético de maneira bem mais definida. O próprio Rodolfo Teófilo publicou, em

1913, "Lira Rústica", conjunto de versos que buscam incorporar a linguagem e a forma de versificação popular. Vamos tentar compreender sumariamente, nas próximas linhas, esses elementos no Romance O Paroara.

Rodolfo Teófilo descreve, em O Paroara, esses dias de festa que acontecem nas pequenas vilas do sertão²³³. A passagem seguinte ressalta o fato de, nessas pequenas vilas, o cenário ser completamente modificado em período de festa. Sendo a população do Ceará preponderantemente rural, essas pequenas vilas tinham uma função muito pequena, sediando normalmente o aparato político, jurídico e administrativo, uma feira, para onde convergiam os produtores locais, com o fito de trocar, comprar ou vender alguns produtos que não fossem produzidos em suas terras, e, principalmente, a igreja matriz daquela localidade, onde aconteciam as principais festas do sertão.

A vila de uma perspectiva feia, como toda a povoação sertaneja, tinha na véspera da festa do natal um certo encanto, uma vida que não lhe era própria e uma alegria inteiramente desusada. As ruas, que nos outros dias eram soturnas e quase desertas, começaram do meio dia para a tarde a se encher de passageiros, que formigavam em todos os rumos, com pressa de quem chega e quer tomar logo rancho. Todas as casas se abriam na mais franca hospitalidade. Dos frades das esquinas já todos ocupados passaram os cavalos a ser amarrados nas estacas das cercas dos quintais.²³⁴

No mesmo sentido encontraremos no romance a descrição do Bumba-Meu-Boi, das danças populares, da viola etc.

As danças populares, os legendários sambas se organizam em pleno ar em diversos bairros da povoação. A lua em plenilúnio claro como o dia, enchia a vila de uma luz tão suave que fazia vontade para melhor gozá-la andar léguas em estradas de areias branca. Já a brisa, que de manso perpassava trazia as notas do baião, o soluçar da viola e o gemer da harmônica; os sambas começavam. Chorava a viola e gemia a harmônica nostalgicamente...

Em vez da **Árvore de Natal** faziam o **Bumba-Meu-Boi**. O boi era a entidade de que mais se ocupavam na sua vida pastoril. Era ele o símbolo da força e da prosperidade, a figura obrigada de seus torneios, sagrando heróis, ou amesquinhando covardes. Não

²³³ É interessante como em *O pão*, na sua segunda fase, existem alguns artigos que vão no mesmo sentido, descrevendo as festas, as missas, os folguedos que acontecem no Sertão.

²³⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*. Op. Cit., p.47. É interessante notar que em "Dona Guidinha do Poço", de Oliveira Paiva existe uma descrição muito semelhante. Em "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, também.

satisfeitos de tê-lo real, valente, audacioso, faziam-no artificial para os seus divertimentos do Natal.

Os maracás estrugiram e o populacho o seguiu, acompanhado de suas violas que choramingavam um saudoso baião. Uma guarda avançada de garotos precedia as figuras alegóricas, que em compacto bando subiam a rua principal, onde divertiriam por dinheiro os burgueses abastados.

Vinha na frente o **caga-para-ti** ou o **previlégio**, um fantasma de forma humana, esguio, encolhendo-se até ser anão e estirando-se até ficar na altura de dois homens. Seguia-o a ema, uma imitação grosseira, mas que dava mais ou menos uma idéia da ave. No centro do bando vinha o boi, uma ficção desenvolvida, com muito jeito e arte. A cabeça feita de uma caverna natural, com seu bem talhado par de cornos, que articulava a um pescoço curto que se implantava num corpo bovino, sem pernas, mas modelado numa carnação soberba. A pele era representada por um branco lençol de algodão, onde se desenhavam manchas negras, admiravelmente dispostas para bem representar um boi lavrado...²³⁵

Essa descrição se demora ainda por três laudas, detalhando no pormenor outras figuras do folguedo – o caipora, a burrinha, o vaqueiro -, explicando e narrando o ritual e o sentido dos personagens dentro deste. Mas à frente Rodolfo Teófilo descreve o casamento de João da Neves com Chiquinha com o mesmo detalhamento da passagem, evidenciando costumes típicos do sertão. Especial destaque ele dá ao costume de, depois de realizado o casório, os noivos montarem a cavalo e arrancarem na frente, enquanto os outros cavaleiros esperam o casal sumir no horizonte para também saírem em retirada, num páreo em que o primeiro a chegar na casa do recém casados ganha o prêmio pré-estabelecido pelos concorrentes. Da mesma forma é a descrição do “adjunto”, costume entre os sertanejos de realizar em forma de mutirão a queima do terreno, construção de cercas, a debulha do feijão etc. Na descrição que faz particularmente da queima, Rodolfo Teófilo entremeia o trabalho com trovas populares – algumas, inclusive publicadas no Jornal *O Pão* –, deixando transparecer um clima de amizade, de companherismo, de respeito, de brincadeira, de descontração, que amenizavam o duro trabalho no campo²³⁶. Como vemos, é uma preocupação marcadamente folclórica. O autor primeiro seleciona aqueles hábitos sertanejos que lhe parecem mais típicos e capazes de conformar uma identidade local, depois os descreve

²³⁵ Id. *Ibiden.*, p.51

²³⁶ No romance *Dona Guidinha do poço* há uma descrição muito semelhante da vaquejada.

minuciosamente de modo a dar, àqueles que não os conhecem, uma idéia precisa de seus personagens e da forma como acontece o ritual.

O que procurei analisar até esse momento do texto, a partir da obra de Rodolfo Teófilo, foi o sertão sem a seca. O sertão da seca é um outro sertão. Se o sertão sem a seca emana beleza e uma tipicidade envolvente, o sertão da seca envolve de tristeza uma paisagem árida e sombria. Rodolfo Theófilo procura, em longas passagens, em todos os romances, deslindar uma paisagem modificada pelo fenômeno das secas:

O panasco desfeito em pó, era levantado pelo vento e em nuvens espessas atufava-se na mata. As hastes sarmentosas das parasitas, quebradas as gavinhas, estendidas, desenrolavam as espirais na terra quente, como serpentes, que fossem lançadas no rescaldo de um forno. Nem um inseto se aquecia ao sol nascente.²³⁷

Essa paisagem modificada pela seca desfaz os sonhos de um campo edênico, de um refúgio da civilização, de um local de tranqüilidade e beleza, para emergir a miséria, o caos, a multidão. Essa forma dicotômica e pontual, que de um lado vê o sertão sem seca como repleto de estabilidade e felicidade e de outro vê um sertão assolado pela seca como o espaço da miséria – ou melhor, como se as diferenças sociais fossem determinadas por fatores climáticos e raciais –, esconde mais do que deixa transparecer a realidade do sertão cearense. Essa comunidade ideal do sertão, sem rupturas e diferenças, é selecionada pelo observador. Ela se refere, como foi dito acima, a uma minoria branca e proprietária e não à maioria da população sertaneja. A noção de que o sertão emana tranqüilidade e beleza diz respeito não ao homem, mas à natureza intacta e inculta, que possibilita, ao cidadão que vai passar uns dias no campo, inspiração poética e uma certa paz de espírito que não encontra na cidade.

Então, é nessa situação de miséria que representa a seca, que Rodolfo Téofilo molda os personagens de seus romance. Eles trazem características atípicas, bem diferentes das que se encontram no seu viver cotidiano. Como uma característica própria do naturalismo, o escritor procurou compreender como a seca (*momento*) agiu pressionando o comportamento do sertanejo,

²³⁷ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome...* Op. Cit., p. 37.

tornando-o um outro: se anterior à seca o sertanejo é, por natureza, ingênuo e simples, com o advento da seca, e as misérias que ela traz, ele beira a animalidade, desfazendo-se de todos os seus princípios humanos. A idéia da *degenerescência social* era muito comum no século XIX, normalmente associando a pobreza e a raça ao crime e à perversão. Alguns cientistas acreditavam que a exposição do indivíduo a determinado meio social degenerado poderia imprimir caracteres indelévels à sua personalidade. Se este indivíduo fosse oriundo de raça negra ou indígena, estas já carregavam em sua constituição moral e física, uma propensão maior ao crime, à selvageria, à libertinagem etc. Encontram-se aí elementos fortemente tensionados e ambíguos da visão de Rodolfo Teófilo sobre o sertão. Ele estava entre o ideal e a raça. Se o sertanejo, ao contrário do cidadão, é ingênuo, simples, solitário e honesto, ele é também, devido a uma origem em raças inferiores, propenso à barbaria. Mas, vinculado ao cientificismo do século, com suas explicações deterministas em termos de raça e clima, Rodolfo Teófilo passa a acreditar que fenômenos visivelmente sociais fossem na verdade naturais. Essa foi a forma que o autor encontrou para explicar as ações de animalidade que ele viu na seca de 1877. A descrição, feita em A Fome, de um assalto a um comboio do governo com víveres – ocorrido quando os personagens ainda se encontravam em sua longa jornada para Fortaleza - procura mostrar as condições desumanas a que estavam reduzidos os retirantes em consequência de sua miséria.

A multidão se revolucionava, seguia movida unicamente pelo instinto de conservação. Todos avançavam tendo em mira a farinha defendida pelos comboeiros. Os mais fortes vociferavam contra os freteiros; os mais fracos os seguiam também, mas de gatinhas ou de rastos, como reptis. Depois de uma marcha de minutos, uma confusão infrene, como se o delírio famélico houvesse acometido a todos e alucinado, tornava mais revolta a onda de famintos, que se movia sempre ao som de gritos, gemidos e prantos. Em crescente alucinação, seguiam, acotovelando-se: os que sem força caíam, morriam pisados ou asfixiados em uma atmosfera quase sólida, quase poeira.²³⁸

Sobre o aspecto aterrador que podem assumir as ações humanas, beirando a animalidade, o cronista não poupou a tinta. Em toda a sua criação

²³⁸ Id. *Ibidem.*, p.43

literária, seja romanesca ou histórica, voltada ao fenômeno das secas, sobressaem descrições grotescas das imagens de antropofagia, de fetos natimortos, de homens devorados vivos por urubus, de carcaças humanas perambulando como zumbis – cenas grandiloqüentes e terríficas de seres humanos entregues à selvageria, alucinados pelo seu estado de miséria.

Contudo, no entender de Rodolfo Teófilo, essa propensão para a animalidade, essa suscetibilidade à degenerescência, não atinge a todos de forma igual. Em alguns momentos Rodolfo Teófilo deixa bem marcada a sua posição ideológica. Ao criar uma trama em que o personagem principal, **Manuel de Freitas** – coronel da guarda nacional – e **Jesuíno Soares**, personagem branco e proprietário, de Os Brilhantes, sofrem da mesma forma que um escravo ou um trabalhador livre as conseqüências das secas, o romancista enxergou todas as mazelas que a seca causa no campo, mas não compreendeu que esta seca atingiu de forma bem diferente as diversas classes sociais que viviam no sertão. E mais, enquanto os retirantes se deixavam entregar pela miséria e agiam como selvagens, roubando, saqueando, matando, comendo carne humana, Manuel de Freitas e Jesuíno Soares mantiveram todos os seus bons valores com honra, educação e uma sensibilidade apurada ²³⁹. Esse elemento deixa bem claro que o escritor acreditava em uma sociedade bem mais hierarquizada, cujas diferenças marcassem profundamente o caráter das pessoas. Afirmar que a maioria dos retirantes, negros, índios e mestiços, cometendo todo tipo de selvageria e animalidade, enquanto os dois personagens brancos mantêm intocadas qualidades de nobreza, é um pensamento racista que, se trazia uma certa esperança no autor de ver civilizado o sertão – pois nas condições mais adversas, de fome e miséria, Freitas e Soares conseguiram agir com honra e justiça – é inadmissível de se aceitar como explicação para o fenômeno das secas.

Ao não enxergar as gritantes diferenças sociais, e não raciais, que existiam em um campo marcado pelo latifúndio, pela exploração do trabalho de homens parte escravizados, parte em regimes de parceria – ainda mais

²³⁹ Essa percepção devo à BARBOSA, Ivone Cordeiro. op. cit.

excludente com a instalação das relações do tipo capitalista no sertão, devido à economia do algodão – Rodolfo Teófilo deixou de focar um dos pontos que nos possibilitariam explicar porque a seca desestabilizava de forma tão acentuada o modo de vida no campo, obrigando os sertanejos a migrarem para a capital em busca de alguma assistência que pudesse minorar o seu estado de miséria.

3.2 – O Sertão invade a Cidade: os retirantes da seca e a cidade de Fortaleza

Muito provavelmente, Rodolfo Teófilo sentiu a necessidade de pensar as populações porque estas, em 1877, devido às secas, invadiram Fortaleza, causando sérios problemas ao seu modo de vida. Por isso, ao pensar sobre o homem do campo, Rodolfo Teófilo centra-se muito na figura do retirante, das pessoas que saem do campo devido a uma fatalidade e se estabelecem na cidade. É através desse homem que povoa a cidade de Fortaleza em péssimas condições de existência que Rodolfo Teófilo infere julgamentos sobre o sertanejo. Quando o sertão é assolado pela seca e esses homens recorrem à cidade como única alternativa para a sua miséria, outras são as formas como Teófilo passa a tratá-los. É interessante notar que existe uma ambigüidade marcante no pensamento do autor: se de um lado ele opõe o sertão como um todo – de homens ingênuos e simples – à cidade, por outro os sertanejos são diferenciados entre si, hierarquizados segundo a raça. O que ele apresenta é um medo social de conviver com retirantes maltrapilhos andando na cidade e proliferando doenças. Ele ressalta a selvageria das multidões convulsionadas. O conjunto de adjetivos ao se referir às classes mais baixas, nomes como turba multa, populacho, bandos, famélicos expressa um medo que as elites tinham das multidões.²⁴⁰ Esses homens não são mais camponeses puros, são uma ameaça à cidade planejada e desejada pelas elites. Então, não se trata do modo de vida no campo a ênfase de Rodolfo Teófilo, mas a forma com que a emigração para Fortaleza desequilibra um determinado modo de vida da cidade – do ponto de vista material e simbólico. Ou melhor, a presença do

²⁴⁰ Essa associação entre a percepção que Rodolfo Teófilo tinha dos retirantes e os termos usados para qualificá-los se encontra no livro de BARBOSA, Ivone Cordeiro, Op. Cit.

retirante punha em cheque um determinado projeto de civilização almejado pela intelectualidade finissecular. Essa sua perspectiva nos coloca um conjunto outro de sentimentos e atitudes com relação ao campo e à cidade. Outras representações a que Rodolfo Teófilo deu ênfase e procurou tornar compreensíveis para a sociedade de seu tempo: como pensar a cidade e o campo diante da realidade de uma seca; que força esse fenômeno exerce sobre o caráter do cidadão e do sertanejo, e de que forma o mesmo fenômeno alimentou um conjunto de idéias com relação ao espaço da cidade.

A seca que durou de 1877 a 1888 no Ceará, foi um dos acontecimentos mais marcantes na história do Estado no século XIX. Ela definiu com uma grande intensidade o pensamento social do período, sendo uma das referências recorrentes em qualquer intelectual que tenha se preocupado em compreender as questões sociais mais candentes ocorridas na província no final do século. Essa importância se dá não só porque morreram milhares de pessoas, mas porque a cidade se viu tomada por milhares de retirantes, miseráveis, proliferando epidemias, causando o caos político, econômico, social e urbano. Com respeito mais especificamente à literatura, a seca foi um dos fatores preponderantes, determinando os perfis dos personagens e a trama de praticamente todos os romances, de forma que o naturalismo é comumente denominado "literatura da seca".

Essa seca, dramatizada pelo romance *A Fome*, foi uma das que apresentou as conseqüências mais alarmantes que o Ceará já conheceu. O fato de o romance distar uma década do episódio relatado é significativo. Em 1890 o Ceará sofreu com uma outra seca, o que demonstra que a seca passou a ser uma realidade que marcaria profundamente o imaginário dos homens do século XIX, e que ela é imprescindível para compreender a *estrutura de sentimentos* que começava a se gestar em torno do sertão e da cidade. Tendo passado cerca de 30 anos sem uma seca, a cidade de Fortaleza conheceu nesses anos de bonança um dos períodos mais prósperos de sua economia e de crescimento urbano. A reforma urbana de Adolfo Herbster (1875) e a Estrada de Ferro de Baturité são dois, entre outros tantos, signos do progresso que a cidade conheceu nesse período.²⁴¹ Junte-se a isso o fato de que a seca

²⁴¹ Ver PONTE, op.cit, OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000; BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto*:

encontrou a cidade completamente despreparada para conviver com esse fenômeno. Segundo Frederico de Castro Neves:

Em termos de intensidade, duração, extensão ou mortalidade, no entanto, a seca de 77 não se diferencia tanto dos outros períodos de escassez, nem mesmo em termos de prejuízo econômico. Mas, ao contrário dessas épocas, a seca adentrou o mundo do poder constituído, avançou sobre o centro imaginário desses poder, sem respeitar-lhes os canais competentes, e atingiu o cerne da aventura civilizatória que a elite imaginava experimentar neste momento.²⁴²

Rodolfo Teófilo faz uma descrição detalhada da cidade de Fortaleza, no intuito de mostrar o progresso da província antes de esta ser invadida pelos retirantes:

Era a primeira vez que Freitas a via (...) O fazendeiro ficou admirado da regularidade da edificação. Duas filas de casa com a maioria das frentes pintadas de amarelo, com saliente cornija branca, parapeito também emoldurado de alvos relevos, e do qual saíam cabeças de serpentes, de jacarés de dragões, feitas de zinco e destinadas a esgotar os telhados durante a chuva, perfilavam-se na extensão de quase um quilômetro, guardando de uma para a outra a distância de vinte metros. As fachadas das casas, todas obedecendo ao mesmo plano e à mesma simetria monótona.

Delas se destacavam portas e janelas, aquelas tendo rótulas e estas vidraças na metade superior do vão e rótulas na metade inferior, mas todas pintadas de verde (...)

A rua calçada de seixos, com o dorso convexo, descia até as coxias, onde formava uma depressão, subindo depois até encontrar o cordão da calçada. Os passeios das casas, todos na mesma largura tinham os bordos extremos orlados pelos combustores de gás de iluminação, colunas de ferro pintadas de alcatrão, de vinte em vinte metros de distância, terminadas por uma manga quase oval, inteiriça, de bom vidro e coberta por um capacete de metal coberta de verde (...)

As dez ruas, todas do mesmo comprimento e largura, calçadas e cotadas em retângulo, formando quarteirões de cem metros quadrados, eram pelo plano de disposição, convenientemente ventiladas e, quando possível alumiadas pelo sol. Mais de dez praças, grandes, arborizadas, de castanheiros e mungubeiras, embelezavam a cidade, concorrendo assim para a salubridade do clima, até então, um dos melhores do Império²⁴³

Fortaleza, entre o projeto e o caos (1846/1879). Dissertação de Mestrado em História : PUC/SP, 2000.

²⁴² NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p. 25

²⁴³ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome...* Op. Cit., p. 98

Como já foi dito, as ruas passaram a ter um novo significado para as cidades no século XIX. Elas foram remodeladas e aformoseadas porque eram o cartão postal da cidade. Nelas, o exercício do olhar se tornava fundamental. Das ruas se vêem as fachadas dos sobrados neoclássicos; das janelas das casas se vê exposto o requinte dos passantes, ávidos por se atualizar aos hábitos parisienses. É na rua que a sociedade se vê, se julga. Ela também pode apresentar incômodos para as elites cidadinas. Nem sempre na rua se vê o que se quer, ela é também o espaço do imprevisível. Para Sandra Jatahy Pesavento:

Cartão de visitas de uma cidade, as ruas deveriam atestar o seu progresso ou atraso. Por definição a rua se opunha à casa, delimitando espaços e vivências. Se o lar delimita a propriedade e a intimidade da família, a rua é o espaço do público: nela se cruzam personagens diversas, de diferentes estratos sociais.²⁴⁴

O centro da cidade de Fortaleza - as dez ruas descritas por Rodolfo Teófilo no trecho anterior – concentrava as principais ruas remodeladas, assim como as residências das famílias de cabedais da capital. Códigos de Postura foram criados para preservar o bom gosto da elite contra o contato com a pobreza. O simples fato de olhar, se não fosse a si mesma, poderia ofender o modo de vida dessa elite. O manifesto de terror que Manuel de Freitas relata para Josefa, sua mulher, nos oferece uma visão muito elucidativa deste contraste de uma cidade embelezada com uma multidão de retirantes perambulando pelas ruas:

– Venho horrorizado Josefa, Vi tanta miséria que me espantei. Imagina o que de horrível vi, que pôde me eriçar os cabelos, a mim, testemunha ocular das mais pungentes e medonhas cenas. Cedo desiludi-me. A Fortaleza, que acreditava nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, tem o lúgubre aspecto das populações do interior, regurgita de infelizes, que mendigam cambaleando de fome. Nos passeios das casas, nos adros das igrejas, nas praças públicas dormem ao relento e raro é o dia que desses dormitórios não conduzam, ao amanhecer, cadáveres para o cemitério. Vi mortos no meio da rua, um velho e uma mulher expostos no calçamento como cães e gatos, apodrecendo no monturo. Em suas fisionomias, pode-se dizer, se percebia ainda os fundos traços de uma prolongada angústia. A peste e a fome matam

²⁴⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os pobres da cidade: vida e trabalho (1880-1920)*. (2ª ed.) Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998, p. 114.

mais de quatrocentos por dia. O que te afirmo é que durante o tempo em que tive parado em uma esquina, vi passar vinte cadáveres: e como seguem para a vala! faz horror! Os que têm rede vão nela, suja, rota, como se acha; os que não a têm, são amarrados de pés e mãos em um cumprido pau e assim são levados para a sepultura. Os enterramentos desfilam pelas ruas mais sujas da cidade. E as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas. Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco; e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para sepultura.²⁴⁵

O escritor mesmo deixa muito claro esse contraste quando afirma categoricamente na passagem abaixo:

Não foi preciso muito tempo para esta peste fazer da bella e risonha Fortaleza uma cidade impossivel de se visitar, e mais de nella se viver. Desde de que não havia mais para onde levar os bexigosos começaram a ficar elles em seus próprios ranchos, que como já disse, eram nos subúrbios e onde havia árvores no próprio centro da capital²⁴⁶

Sem dúvida, Rodolfo Teófilo apresenta uma preocupação marcante com as condições dos retirantes, mas a sua ênfase maior está dirigida aos problemas que estes retirantes trazem à cidade e, principalmente, aos seus habitantes mais bem aquinhoados. O autor, deixa claro que o terror se torna ainda maior quando à fome junta-se a epidemia de varíola. A forma de contágio era desconhecida na época, o que deixava as autoridades sanitárias mais

apavoradas. Muito comum, entre o meio médico, era a teoria dos miasmas²⁴⁷, segundo a qual a forma de contágio se dava através do ar, por microscópicos seres originados das matérias pútridas que se acumulavam em locais pouco higiênicos. Essa teoria, de que Rodolfo Teófilo era um dos adeptos, determinou muito o seu olhar sobre os espaços da cidade. Ele tinha uma marcada preocupação com esses espaços pouco assépticos, sempre denunciando-os em sua obra e alertando as autoridades locais no sentido de higienizá-los. Foi baseada nessa teoria que as autoridades locais mudaram o local dos

²⁴⁵ TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome...* Op. Cit., p. 100

²⁴⁶ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 5

abarracamentos, onde eram alojados os retirantes, procurando posicioná-los de forma tal que o vento não soprasse da direção deles para o centro da cidade. O deslocamento dos retirantes foi feito pelo centro da cidade da forma mais desumana possível, e Rodolfo Teófilo denunciou este fato em vários de seus livros. Então, o fato de acreditar nessa teoria dos miasmas, deixava o escritor ainda mais em pânico, pois o que fazer contra esse seres invisíveis que pairam pelo ar, podendo atingir a qualquer um, independente de sua raça ou classe social? Quando a varíola matou a mulher do presidente da província, o escritor se espantou porque a bexiga atacava principalmente as camadas menos favorecidas da sociedade, sendo comum o contágio em ambientes menos higiênicos. Foram rompidos os limites espaciais e sociais que na cidade separam os mais ricos dos mais pobres. Os primeiros relativamente protegidos pela assistência médica e sanitária, os outros vivendo confinados em abarracamentos que mais os isolavam do que resolviam o problema da sua doença.

O caso da peste entrar em palacio e matar uma pessoa de tamanha distincção cada vez mais abateu os animos. Ninguém se julgava seguro se a peste fazia victimas entre gentes que viviam completamente isoladas, entrava onde a praticavam os preceitos de sã hygiene.²⁴⁸

Rodolfo Teófilo estava preocupado em relatar como viviam os retirantes na cidade e o perigo que eles representavam. Praticamente tudo ele denunciava com um olhar aguçado e tudo parecia um perigo aos habitantes de Fortaleza, sobretudo às elites. O horror tomou proporções terrificantes quando num só dia morreram 1004 pessoas. A noite ficou conhecida como **“A noite dos mil mortos”**. No trecho abaixo, Rodolfo Teófilo torna ainda mais claro esse aspecto:

O pânico já começava a abater o ânimo da população mais agasalhada e domiciliada na área urbana, concorrendo para isso

²⁴⁷ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

²⁴⁸ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e Vacinação no Ceará*, op. cit. p. 35

um triste e repugnante espetáculo do transporte dos cadáveres dos variolosos pelas ruas mais públicas de Fortaleza. Este attentado a hygiene pública e mesmo à moralidade só teve fim quando começaram a apparecer os primeiros casos de varíola no centro da cidade.²⁴⁹

Os cadáveres recolhidos nos abarracamentos e no Lazareto eram transportados pelo centro da cidade. Normalmente, eram contratados carregadores pobres e maltrapilhos, os quais, para suportar o cheiro dos corpos putrefeitos, se embriagavam com cachaça. Esse espetáculo, segundo Teófilo, ofendia a moral das melhores famílias da capital. O cheiro, a imagem e as vozes parecia invadir a intimidade dos lares burgueses:

Quantas vezes as famílias chegando as janellas de suas casas, entravam hororisadas porque se deparavam com esses esquifes estendidos nas calçadas e ao lado os carregadores, descansavam da carga palrando sem descanso²⁵⁰

A idéia da degenerescência social é a marca principal de seu pensamento. Sua atenção se volta sobretudo para as aglomerações de pobres, que para ele estavam suscetíveis à doença, à perversão e ao crime. Na sua posição de farmacêutico podemos encontrar um outro olhar sobre o espaço urbano. Ele percorre os abarracamentos, o cais onde eram transportados os retirantes para outras terras, as pensões e restaurantes que se instalavam perto desse cais, o próprio navio em que eram transportados os retirantes, procurando, além de denunciar as condições desumanas em que viviam, identificar nestes focos da proliferação de doenças. Em 1890, uma das soluções pensadas pelas autoridades locais para resolver os problemas que os retirantes traziam para a cidade era a emigração para a Amazônia. Rodolfo Teófilo faz de seu livro "O Paroara" um libelo de denúncia à forma como foi conduzida essa emigração, sempre destacando o processo de animalização dos retirantes. Na descrição do navio que transportava os migrantes, ele os vê expostos às mais terríveis das condições.

²⁴⁹ Id. *Ibidem.*, p 13

²⁵⁰ Id. *Ibidem.*, p. 16

Além da falta de espaço, pisavam uma esterqueira, iam viajar com variada bicharia. Bois, carneiros, porcos, galinhas, reunidos ali em número suficiente para provisão a algumas centenas de pessoas em uma viagem de muitos dias. O cheiro fétido, que se levantava desse imundo estábulo, sentia-se em toda a embarcação²⁵¹

Ao chegar a Fortaleza no trem de Baturité, os retirantes se instalavam nas imediações da Estação Central. Algumas hospedarias de particulares ali se formaram visando ao lucrativo negócio de acomodá-los alguns dias anteriores a sua partida para a Amazônia. Rodolfo Teófilo destaca as condições dessa hospedaria com aguçada percepção, sempre atento aos caracteres degenerativos:

Eram torturados de mil maneiras. Mulheres pedindo esmolas para o casamento das filhas, para o enterramento de mortos para a alimentação de doentes, e por cúmulo de astuta gatunagem, velhos com cara de frade, pediam dinheiro para pagar portes de cartas a filhos ausentes. Apresentavam o doloroso documento fechado num já meio encardido invólucro, e recebia a espórtula, iam adiante passar nova finta.²⁵²

É notável que o escritor destaque, nessa passagem, as práticas desonestas, o oportunismo e mendicância dissimulada, todas elas fruto de um meio que por si era propenso a tais atitudes. Não à toa ele se refere a esses freges como “... *imundos, verdadeiro valhacouto de vagabundo e devassos.*”²⁵³

Desta forma, Rodolfo Teófilo aviva um outro conjunto de sensibilidades que podem emanar das cidades: a idéia do monstro urbano, onde a pobreza, as epidemias, as injustiças sociais se tornam mais visíveis; onde as contradições de uma determinada formação social se aguçam ainda mais com o fenômeno das secas. Pois a seca é apenas um dos aspectos que podem causar problemas à cidade. Muitos recorriam a ela como possibilidade de ganhar a vida, de livrar-se da imobilidade social do seu lugar de origem, da miséria social e cotidiana. Os efeitos das secas no campo sobre a cidade de Fortaleza se prolongam, pois muitos que migram em ocasião das secas não voltam e formam nos arredores da cidade comunidades favelizadas, vivendo

²⁵¹ TEÓFILO, Rodolfo. *O Paroara*. Op. Cit., p.129

²⁵² Id. Ibdem., p. 125

²⁵³ Id. Ibdem., p. 121

em péssimas condições de higiene e de sobrevivência. Tal fato gerou uma alta aglomeração de pessoas vivendo desumanamente e também a um novo desenho da malha urbana. É Rodolfo Teófilo que afirma:

É difícil encontrar-se uma cidade mais infestada de pedintes do que Fortaleza. A razão dessa estupenda mendicidade está nas sêccas. Cada flagello que passa, deixa na capital do Ceará algumas centenas de invalidos, a augmentar a cifra já bastante crescida desses inuteis. Recordo-me perfeitamente de Fortaleza antes da de 1877. Havia pedintes a esmolar pelas ruas. Eram poucos então.²⁵⁴

Novos bairros iam nascendo à revelia das autoridades locais. Ao visitar alguns dos subúrbios de Fortaleza, Rodolfo Teófilo, em seu trabalho humanitário de combater mais um surto epidêmico que atingiu a cidade de Fortaleza em 1900, nos mostra os contrastes entre estes e o centro da cidade. Foram esses bairros que Teófilo visitou em sua campanha de combate à varíola e deixou o manifesto das contradições sociais do espaço urbano, que, para ele, se apresentavam como naturais. Não vemos no autor, como em Adolfo Caminha, preponderantemente os espaços de sociabilidade das elites. Emerge, em sua obra, uma outra cidade, periférica, suburbana, pobre e feia. Na sua posição de sanitarista, Rodolfo Teófilo se impôs visitar esses bairros, mas o seu relato mostra o quanto ele fez isso com ojeriza, muito a contragosto.

Fui ter primeiro ao Alto Alegre – o ponto mais elevado a oeste do bairro. Bonita explanada de onde se avista meia cidade e as alvas dunas de beira-mar. Naquelle grande lençol branco de areia movediça, onde em tempos idos esteve o oceano, viam-se muitas poucas arvores, cajueiros de pequeno porte, o mais era uma vegetação rachitica e enfezadas de manipuças e guajirús. Disseminadas naquella areia se erguiam um sem numero de cabanas de palhas, levantadas átoa e cada qual mais miseravel²⁵⁵

Rodolfo Teófilo nos mostra uma outra cidade diferente daquela que nos mostrou Adolfo Caminha. A cidade descrita por Adolfo Caminha se restringia muito ao centro da cidade. Rodolfo Teófilo foi além do centro, no subúrbio, e nos mostra os contrastes deste com a cidade embelezada das elites. Na passagem abaixo, parece interessante o quanto o subúrbio onde residiam pobres se mostra distante do centro da cidade. Não em distância física, mas

²⁵⁴ TEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Op. Cit., p. 116

²⁵⁵ Id. *Ibidem.*, p.107

uma distância social que separa pobres e ricos a ponto de Rodolfo Teófilo, um sanitarista, não conhecê-los e se admirar de sua miséria.

Não conhecia os suburbios de Fortaleza. Tive de iniciar serviço no bairro mais canalha, onde está reunida a escoria da população da capital cearense. É um arraial composto em sua maioria de mendigos, cães sem dono e urubus. Todos estes viventes mantêm-se uns as custas da caridade publica, outros dos residuos do matadouro, das rezes abatidas para o consumo.

O curral do açougue, como é chamado o matadouro, corre parellas com aguadas e a rampa por onde transitam e embarcam ou desembarcam em Fortaleza.

Quem já teve oportunidade de saltar em nosso porto e percorrer aquelle caminho terá tido grande surpresa ao encontrar no centro da cidade tão bellas praças ajardinadas. Ninguem dirá, subindo aquela rampa, ladeada de lama, dentro da qual desemboccam os canos de exgoto da cadeia publica e do hospital da Santa Casa de Misericórdia, tendo em frente montes de lixo de altura descomunal, que vai entrar em uma cidade bastante bella, de ruas espaçosas, inundadas de luz e bafejadas por uma brisa fresca e constante²⁵⁶

Ao descrever uma dessas moradias percebemos as péssimas condições de habitação em que viviam os pobres.

Era um pequeno casebre quadrado tendo uns três metros em cada face. As paredes eram feitas de alguns ramos seccos dando entrada franca ao Sol, a chuva ao vento e aos olhares dos transeuntes. O tecto não resguardava melhor o único compartimento de que se compunha aquela espelunca...Nunca mais apagou-se em mim a impressão daquela miséria²⁵⁷

Durante todo esse relato Rodolfo Teófilo vai nos mostrando vários aspectos da condição de vida da população empobrecida da capital cearense. Neste, podemos notar o quanto essa intelectualidade finissecular tinha uma visão racista e preconceituosa com respeito a nossa população pobre, negra, indígena e mestiça. O escritor aqui tratado, em particular, mais uma vez deixou bem claro o seu ponto de vista na passagem abaixo:

Aquelle scenario... me fez lembrar, não sei porque, o longo periodo de estacionamento que atravessaria o Brasil devido a sua grande população mestiça. Lembrava-me com funda tristeza, que a origem de oito décimos da população deste grande e opulento paiz fòra a mesma

²⁵⁶ Id. Ibidem., 113

²⁵⁷ Id. Ibidem., 108

daquelles cinco meninos nús e piolhosos, educados por uma mãe analfabeta e viciosa.²⁵⁸

A passagem acima deixa claro um projeto das elites abraçado por Rodolfo Teófilo, que consistia numa postura com respeito aos pobres que habitavam a cidade: centrar-se em aspectos naturais, com base na teoria da raça, escamoteava e justificava as gritantes diferenças sociais, dificilmente resolvidas com o afastamento do centro e, caso da seca, pelo confinamento das populações pobres. Constatar que o povo da periferia não tinha instrução, que vivia em péssimas condições sanitárias e que precisava de cuidados é um ponto de vista importante, que inclusive acaba nos oferecendo importantes vestígios de uma outra cidade que não a aformoseada propalada pelas elites; mas conceber esse povo como canalha, pensar que a sujeira é uma condição inata e patogênica, que os populares são vagabundos, bandidos, ignorantes, mal educados e degenerados é uma visão científica e civilizadora eivada de poder discriminatório e disciplinador.

O estudo de Frederico Castro Neves foi muito inspirador no sentido de compreender o alcance e gravidade dessa e de outras secas para Fortaleza, e a forma com que as autoridades locais e a sociedade fortalezense, de maneira geral, acumularam experiências no trato com os retirantes, bem como um conjunto de experiências acumuladas por estes, que se desdobraram, não em atitudes irracionais e selvagens conseqüentes de seu estado de miséria, como enfatizava Rodolfo Teófilo, mas em ações articuladas e racionais, fruto de uma visão política que foi amadurecida em sua prática de convivência com a seca.

Esse conjunto de atitudes frente aos pobres retirantes que habitam a cidade, no meu ponto de vista, é, em parte, causa de uma perspectiva que vê a relação entre o campo e a cidade de forma dicotômica. Teófilo se espanta frente aos contrastes que na cidade se agravam ainda mais com a seca. Sem dúvida, é necessária uma nova percepção para compreender as tramas sociais que se desenrolam na cidade, mas esses contrastes não se resolvem atribuindo uma gama de valores fixos e dicotômicos, que de um lado vê a cidade repleta de corrupção e mundanidade e do outro um campo onde vigoram justiça e pureza. Raymond Williams, ao analisar Londres dos séculos

²⁵⁸ Id. *Ibidem.*, 109

XVII e XVIII, nos mostra o quanto o processo de crescimento das cidades e os problemas por ele gerado estão intimamente ligados com as transformações na realidade rural.

Além do séquito de criados, milhares de outros migrantes chegavam à cidade, e o principal resultado das restrições foi uma onda prolongada de construções e adaptações de imóveis dentro dos limites legais gerando habitações superlotadas e perigosas: labirintos e becos para a população pobre. E isso era parte de um mesmo processo que dava origem às mansões urbanas, às praças e aos jardins elegantes...²⁵⁹

Nesse sentido, é ainda Frederico de Castro Neves que aponta para dois elementos essenciais: o primeiro refere-se às transformações ocorridas no campo com a substituição de uma economia de subsistência por uma economia comercial baseada na cultura do algodão; o segundo, a utilização dos retirantes em obras públicas, frentes de trabalho, que serviram para construir a Fortaleza embelezada do final do século. Transcrevo essa passagem primorosa de sua tese deveras esclarecedora:

Assim, tanto o calçamento das ruas centrais de Fortaleza – onde habitava sua elite orgulhosa da beleza, organização e simetria de sua cidade, o que pode ser apreciado nas fotos e postais do início do século XX – quanto os trilhos da extensão da estrada de ferro de Baturité – que iria minorar as penúrias dos retirantes das secas seguintes, além de possibilitar o transporte do algodão a partir da década de 1910 – seriam obras implantadas nessas condições de trabalho, resultados do esforço sobre humano de retirantes fracos, andrajosos e indigentes. A beleza da cidade foi construída pelas “múmias famintas” e cada pedra do calçamento pode guardar um sofrimento inenarrável²⁶⁰

Quero finalizar, retomando Williams, o grande inspirador desse trabalho, e afirmar que as relações entre campo e cidade estão estreitamente imbricadas, não cabendo uma dicotomia que de um lado vê a cidade mundana, perdulária e hipócrita, e do outro vê um campo ético, puro e verdadeiro. A cidade de Fortaleza cresceu devido a uma economia rural algodoeira. A sua fachada moderna, foi erguida, como nos mostra o Frederico de Castro Neves, com o trabalho árduo dos sertanejos. Vimos também que as populações do

²⁵⁹ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. Op. Cit. p. 204.

²⁶⁰ NEVES, Frederico de Castro. Op. Cit. p. 31

campo eram na sua maioria explorada, assim como as da cidade. Não digo que um campo repleto de felicidade não seja possível, assim como uma cidade da ética e da verdade também é possível, contanto, é claro, que superemos esse sistema atual injusto e excludente e instauremos o reino da liberdade.

Conclusão

A década de 1870 foi marcada por muitas transformações na realidade brasileira, decorrentes da necessidade cada vez mais premente de se adequar a um mundo burguês e liberal que se expandia de forma extraordinária. A *Lei do Ventre Livre* colocava para as elites brasileiras a possibilidade de, em alguma décadas, não contar mais com a mão-de-obra escrava, que tinha sido, até aquele momento, o sustentáculo da economia brasileira. As cidades cresciam a olhos vistos, sobretudo as litorâneas, e, com elas, as camadas médias – médicos, professores, advogados, comerciantes etc. – ávidas por alargar sua participação política na fechada estrutura do Império. Alia-se a isso, no dizer de Sílvio Romero, esse “*bando de idéias novas (que) esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte*”: positivismo, evolucionismo, Darwinismo, determinismos de toda ordem, climático, social, biológico, que, na boca dos intelectuais citadinos, soavam como um grito de revolta contra a Monarquia e os senhores de terra. Por outro lado, a região nordestina, durante muito tempo a mais rica do país, apresentava sérios sinais de decadência frente ao sul cafeeiro, o que gerava nas elites locais um forte desejo de afirmação, que se desdobrava, entre outras coisas, na procura de uma identidade cultural. No período em questão, marcado pelo cientificismo e pelas teorias deterministas, essa identidade partiu da ênfase nos elementos condicionantes da cultura: o clima, a raça e o meio social.

No entanto, o país apresentava sérios entraves à implantação de uma sociedade moderna, civilizada e progressista. De um lado, a população brasileira era em sua maioria absoluta analfabeta, escrava e pobre; de outro, o nosso sistema político senhorial e paternalista, com sua bases numa economia rural e exportadora; o que Roberto Schwarz conceituou muito bem com sua “teoria do favor”.

Nesse ambiente de cientificismo que grassava entre os intelectuais brasileiros, caberia também à literatura se alçar de um espírito científico e documental capaz de elaborar verdades sobre os fatos sociais. Como esses intelectuais

portavam um forte desejo de mudança, a noção de analisar a realidade sobre o prisma científico redundou em uma dura crítica a nossa estrutura econômica, social, política e cultural, esta última representada pelo Romantismo, estética oficial do Império.

No Ceará, paralelamente à “Escola do Recife”, alguns intelectuais se reuniram em torno do jornal *Fraternidade*, incumbindo-se da tarefa de divulgar o pensamento científico na província. Entre outras coisas, como vimos, esses intelectuais defendiam a instauração de uma sociedade moderna e urbana no Brasil, e, nesse sentido, participaram ativamente na luta pela abolição e pela República, na esperança de que elas representassem seu ideal reformista.

O Jornal *A Quinzena*, de 1887, é resultado do entusiasmo dos intelectuais com sua participação na abolição da escravatura do Ceará quatro anos antes das outras províncias do Brasil, o que, segundo eles, atestava a propensão do povo cearense para o progresso e a civilização. Esse entusiasmo era tão marcante que inclusive a seca passou a ser analisada de forma positiva, pois o sertanejo, enfrentando as intempéries da aridez, desenvolveria um caráter forte e altivo. Essa visão ainda é marcadamente urbana. A definição do caráter do sertanejo justificaria os ideais progressistas desses intelectuais.

No periódico *O Pão*, que circulou no ano de 1892, o campo praticamente não existia. Proclamada a República, os seus membros carregavam uma esperança enorme no seu papel de arautos da ciência e na sua capacidade de, através da literatura, civilizar a cidade e os hábitos de seus habitantes; apesar de, paralelo a essa *estrutura de sentimentos* com respeito à cidade, correr uma outra, ainda incipiente, que associava a uma carga fortemente negativa a civilização, com a qual chegava não apenas o progresso, mas o mundanismo, a falsidade, a hipocrisia, a superficialidade. Essa *estrutura de sentimentos* é decorrente, sem dúvida, de dois fatores: por um lado, esses intelectuais, sobretudo os mais comprometidos com a mudança, caíram num ostracismo político, isolados por um sistema que nem de longe representava o que eles almejavam; por outro, o estreitamento cada vez maior das relações de dependência da província com o capitalismo, através da invasão de produtos

de toda ordem, se afigurava como uma realidade inadmissível para os letrados, pois essa “civilização”, abraçada de forma frenética pelas elites locais, não era senão uma civilização de fachada. Nesse contexto, uma outra *estrutura de sentimentos* se forma em relação ao campo. Em primeiro lugar, o campo não representa mais o espaço do atraso e da ignorância, mas o espaço de pureza, natural, inspirador, onde esses intelectuais citadinos podiam se colocar longe do ambiente urbano, que acreditavam cada vez mais degenerado. Em segundo lugar, o campo é representado como um espaço típico, tradicional, folclórico, portador dos elementos que conformam a nacionalidade brasileira frente a um ambiente urbano cada vez mais estandarizado. Essa realidade se reflete na segunda fase de *O Pão*, a partir de 1896, através de um conjunto de artigos que pintam uma imagem muito positiva do sertão. Como foi visto, esses são elementos repletos de tensão e ambigüidade, mas essa *estrutura de sentimentos* com respeito ao sertão que o coloca como repositório da nacionalidade se aprofunda ao longo da década de 90, entrando pelo século posterior. Essa é ainda uma visão cidadina sobre o campo.

Na obra de Adolfo Caminha, o campo entra de forma muito tangencial, mas é normalmente representado como lugar da pureza, da calma, da ingenuidade e da honestidade, em contraponto a um mundo urbano, para ele cada vez mais hostil. O que a obra de Adolfo Caminha nos oferece é uma *estrutura de sentimentos* acerca das cidades do século XIX. Lugar da ciência, do saber, da técnica, da luz, as cidades eram também o lugar da vertigem, do tédio, da solidão e do alvoroço. O escritor também nos oferece um paradigma comparativo entre as cidades do século XIX. Ele compara a metrópole à província, detalhando e ponderando sobre os modos de vida na cidade grande e na pequena; matizando ao longo de sua trajetória suas visões a partir da experiência nesses espaços.

Na obra de Rodolfo Teófilo, como vimos, o sertão era mais múltiplo do que na obra de Adolfo Caminha: o sertão do cangaço, das festas populares, o sertão da seca, mas nunca o sertão que se nomeia, sempre visto pelo citadino, na busca de dar resposta a uma experiência sua e não à do outro. Na sua condição de sanitarista, o autor também deixa visível uma outra cidade, que

não a embelezada e central. Ele foi até os subúrbios e nos mostrou uma cidade periférica, pobre e feia.

Desta forma, como pudemos ver ao longo desse trabalho, esses intelectuais portavam uma visão marcadamente urbana e somente a partir dela pensavam o campo. Seria este mais um elemento de construção de hegemonia da cidade sobre o campo?

Fontes Básicas

A Fraternidade. Fortaleza, 4 de novembro de 1873, nº 1, Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, rolo 151.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro, Typografia Moderna, 1895. p.42

_____. *Bom – Crioulo*. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães & Cia editores, 1895.

_____. *A Normalista*. Fortaleza: ABC, 1999.

_____. *Tentação; No país dos lanques*. Rio de Janeiro, José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia - Homem*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

O Pão... da Padaria Espiritual. Fortaleza : Edições UFC/ Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. Edição fac-similar.

PAIVA, Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

PESSÔA, Frota. *Crítica e Polêmica*. Rio de Janeiro: Arthur Gurgulino, 1902. p. 222

Revista Moderna. Fortaleza: Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1-448, 01,09.

TEÓFILO, Rodolfo. *História da Secca do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *O paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974.

_____. *A Fome; Violação*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979, p. 4

_____. *Os Brilhantes*. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do livro, 1972, p. 76

_____. *A seca de 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *A sedição de Juazeiro: Crimes contra o governo da República*. Fortaleza, Terra de Sol, 1969.

Bibliografia

- AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Bom; VASCONCELOS, Sandra Guarani T.(orgs.). *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p. 11-19; 93-114; 173-210.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.
- ANDRADE, João Mendes de. *A Oligarquia Aciolina (1877-1930)*. Dissertação de Mestrado em História, Pernambuco: UFPE, 1986.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Guerra & Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: editora 34, 1994.
- AZEVEDO, Aluizio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1996.
- AZEVEDO, Sâncio de. *A Academia Francesa do Ceará (1873-1875)*. Fortaleza: Casa José de Alencar; Universidade Federal do Ceará, 1971.
- _____. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- _____. *Adolfo Caminha: vida e obra*. Fortaleza: EUFC, 1999.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1986. Edição fac-similar.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o projeto e o caos (1846/1879)*. Dissertação de Mestrado em História : PUC/SP, 2000.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das letras, 1992.
- BRESCIANI, Maria Stella. "Século XIX: a elaboração de um mito literário". In: *História: Questões & Debates*. Curitiba: Associação Paranaense de História, ano 7, nº 13, p. 221-244, dez. 1986.

_____. "Metrópoles: as faces do Monstro Urbano (as cidades do século XIX)". In: *Revista Brasileira de História*, SP, set. 1984/abril 1985, vol. 5, nº 8 e 9.

_____. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadendistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

CÂNDIDO, Antônio. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

CAMPOS, Eduardo. *Fortaleza provincial: rural e urbana*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

CARDOSO, Gleudson Passos. *A República das Letras Cearenses: literatura, imprensa e política (1873 – 19 04)*. Dissertação de Mestrado em História: São Paulo, PUC, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

_____. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Relume-Dumará, 1996.

CASTELO, Sander Cruz. *O sertão convulsionado, sertão dilacerado: "O dragão da maldade contra o santo guerreiro no contexto sócio-político-cultural dos anos 60*. Monografia de Bacharelado: UFC/CH, 2002.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Cia da Letras, 1996

_____. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

_____. *A ordem dos livros*. Cia da Letras, 1999; *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____. "Textos, impressão, leitura". In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED ed., 2001.

COLARES, Otacílio. *Lembrados e Esquecidos: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1975.

_____. *Lembrados e Esquecidos IV: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979.

_____. *Lembrados e Esquecidos V: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

CORRÊA, Marisa. *As Ilusões da Liberdade: a Escola da Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista (SP): EDUSF, 1998.

COSTA, Emília Viotti. *Da senzala à Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *A casa & A Rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a Literatura Regionalista*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 21 a 184.

_____. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, Cia da Letras, 1990, p. 259 a 283;

_____. *Boêmia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DECCA, Edgar Salvadori de. "Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história". In: DECCA, Edgar Salvadori de e LAMARINE, Ria (orgs.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da Literatura*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000. Universitária, 1971, p. 191 – 257.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997.

_____. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Cia das Letras. 1988.

_____. e LEONARDI, Victor Paes de Barros. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: Das origens aos anos 20*. São Paulo: Global Ed., 1982

HOBSBAWN, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz & Terra, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 9-265

KRAMER, Lloyd S. "Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra". In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-130

LANDIM, Teoberto. *Seca: a estação do inferno*. Fortaleza, UFC/Casa José de Alencar, 1992.

LENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. (SP) Campinas: Editora da UNICAMP, 1998

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília, Paralelo 15 editores, 1996.

LIMA, Marcelo Ayres Camurça. *Marretas, molambos e rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro*. São Paulo: Maltese, 1994.

MAIOR, Arnaldo Souto. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL; Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

MARCO, Valéria de. *A perda das ilusões: o romance histórico de José de Alencar*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1993.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

_____. *Do amor e outros demônios*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: vol. 3, Realismo*. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 9-158.

MONTENEGRO, F. Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza, UFC/ Casa José de Alencar. 1994.

MOTA, Walda Weyne. *Imprensa e Ideologia dos Jornais Cearenses na Transição Monarquia/República*. Fortaleza: UFC/ NUDOC, 1990.

NAXARA, Capelari Márcia Regina. *Sobre campo e cidade - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP-IFCH, 1999.

NETO, Lira. *O Poder e a Peste: a vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991

OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e Poder: o pensamento social cearense no final do século XIX. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 1998;*

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Tese de doutorado: IFCH- Campinas, 1999.

_____. (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *E as Palavras têm Segredos: imagens da criança na literatura infantil brasileira de resistência (1970-1990)*. Tese de Doutorado: USP, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias sobre o urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1999.

_____. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do Século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997.

_____. "Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano". *Revista dos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, vol. 8, nº 16, 1995.

_____. "Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o 'caráter nacional'" In: *Anos 90*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, nº 8, dezembro de 1997.

_____. *Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920*. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 1998.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1957.

PEREIRA, Leonardo Miranda. "'Geração Boêmia' no Rio de Janeiro no Fim do Império". In: *História Social*. Campinas: Editora da Unicamp/IFCH, 1994.

PINHEIRO, Francisco José. O Homem livre - pobre e a organização das relações de trabalho no Ceará". In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, v. 20-21, nº 1e2, 1989/90, p. 199-230.

PONTE, Sebastião Rogério e OLIVEIRA, Caterina Maria Saboya. *O Pão e a Cidade: cotidiano e contexto da Padaria Espiritual (1892-1898)*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1993.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.

PRADO, Adelmo Pereira. "Imagens do Sertão no romance Dona Guidinha do Poço (Ceará final do século XIX)." In: *Pós-História*, Assis-SP, v.8, 2000, p.167-185

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Revista de História. nº 2 e 4, primavera de 1991. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1991.

RIBEIRO, Sabóia. *Roteiro de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro: São José, 1957;

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. (4ª ed.) São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. (4ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. "Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe". In: *Revista Brasileira de História: ANPUH/Marco Zero*, vol. 5, nº 8/9, p.69-84, set. 84/ab. 85.

SOMBRA, Waldy. *Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da pátria*. Fortaleza: s.n, 1997.

SOUZA, Simone de (org.) *História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1994.

SOUZA, Simone de (org.) *Uma Nova História do Ceará*. Edições Demócrito Rocha, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TAKEYA, Denise Monteiro. *Europa, França e Ceará*. São Paulo: Hucitec; Natal: Editora da UFRN, 1995.

Vários organizadores. *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Cia das letras, 1990.

WHITE, Hyden. "Teoria literária e escrita da história". In: *Revista Brasileira de História*, nº 13, janeiro/junho de 1994, ANPUH/ Marco Zero.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.